

REVISTA

EDIÇÃO Nº 94 | ABRIL DE 2023

CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE AMAMOS LIVROS

CONHEÇA **JUNIOR MISAKI**: O ESCRITOR
E ILUSTRADOR INFANTOJUVENIL QUE
DO INTERIOR DO NORDESTE ESTÁ
GANHANDO O BRASIL

CONFIRA

ARTIGOS, RESENHAS
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS
E MUITO MAIS...

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br



ÍNDICE

CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Conheça Junior Misaki, pág. 06**
- Dicas para leitura, pág. 17**
- Futuros clássicos, por Bert Jr., pág. 18**
- Poema: Xadrez Sinistro, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 24**
- Poema: Humana!, por Sellma Luanny, pág. 26**
- Impopularidade (Sketch), por Bert Jr., pág. 27**
- Um pequeno experimento com o ChatGPT, por B. B. Jenitez, pág. 30**
- Poema: l'innocente a Roma, por Isabella Sozza, pág. 35**
- Resenha crítica: Eça de Queiroz - Contos. São Paulo: Ciberfil Literatura Digital (2002), pág. 37**
- Prosa: A pequena vendedora de livros, por Isabella Sozza, pág. 41**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 46**
- Literatura de autoria feminina: o caso Maria Judite de Carvalho, por Juarez Donizate Ambires, pág. 53**
- Filmes baseados em livros, pág. 58**
- Poemas de Sílvia Grijó, pág. 60**
- Os bastidores do colapso em Catedral dos Mortos, de Victor Leandro, por Breno Lacerda, pág. 63**
- Artigo científico: Censo demográfico do Brasil: Contar para melhorar, por Marcus José do Nascimento e Silva, pág. 71**
- Entrevista com Meire Marion, pág. 85**
- Entrevista com Mónica Palacios, pág. 88**
- Entrevista com Solange Rabelo, pág. 93**
- Entrevista com Sônia Falcão, pág. 98**
- Citações de grandes autores, pág. 104**
- Conto: Tiradentes, por Iraci J. Marin, pág. 109**
- Conto: Robozé, por Roberto Schima, pág. 113**
- Conto: Espaço morto, por Ney Alencar, pág. 124**
- Conto: Fractura!, por Ney Alencar, pág. 129**
- Conto: O ponto cego, por Ney Alencar, pág. 132**
- Conto: O batizado da neta, por Maria Izelda Frizzo, pág. 137**
- Conto: Santo de casa faz milagre, sim, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 140**
- Conto: Renascimento, por Idicampos, pág. 144**
- Conto: Controvérsias da meia-idade, por Míriam Santiago, pág. 148**
- Conto: Gótica, por Mónica Palacios, pág. 153**
- Conhecendo os deuses do olimpo, pág. 156**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 164**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

MAURICIO DE SOUSA

“História em quadrinhos é, antes de tudo, roteiro. Não é desenho: desenho vem na sequência. O que eu busco é roteiro, história, texto.”

MANUEL BANDEIRA

“Vivo nas estrelas porque é lá que brilha a minha alma”

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd

Editor



Ademir
Pascale

EDITORIAL

Queridos leitores!

O mês de abril é importante para os leitores, editores e escritores, pois além do Dia da Biblioteca (9/04) comemora-se também no dia 2/04 o Dia Internacional do Livro Infantil, além do Dia Nacional do Livro Infantil (18/04) e Dia Mundial do Livro (23/04). E para focarmos nesse mês tão importante, trazemos Junior Misaki, escritor e ilustrador infantojuvenil, com entrevista exclusiva e destaque em nossa capa. Contamos também com mais poemas, contos e artigos sobre o mercado literário, além de entrevistas com escritores.

E se você deseja publicar em nossa revista ou mesmo divulgar a sua editora, site, loja ou o seu livro, saiba mais: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

Ademir Pascale

CONTATO:

e-mail: ademirpascale@gmail.com
site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

FELIZ
Páscoa

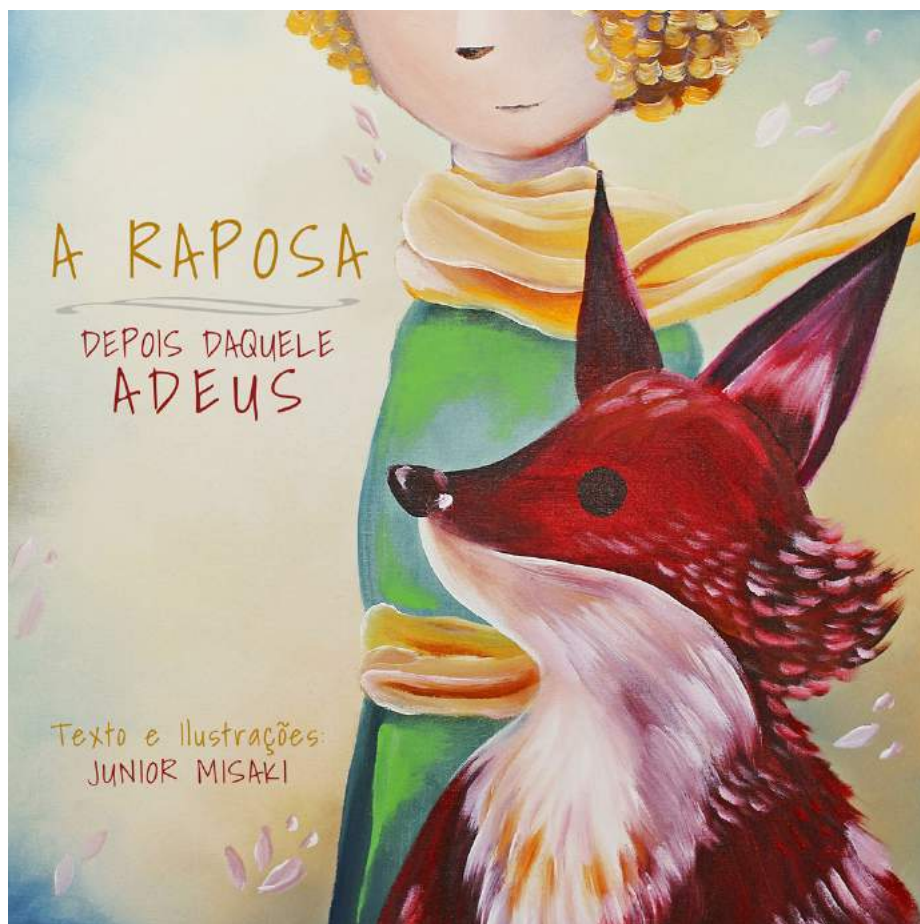
9 DE ABRIL



CONHEÇA **JUNIOR**
MISAKI: O ESCRITOR
E ILUSTRADOR
INFANTOJUVENIL
QUE DO INTERIOR,
DO NORDESTE ESTÁ
GANHANDO O BRASIL



Imagine você virar a página de um livro e encontrar a Raposinha do Pequeno Príncipe, em buscas de explicações sobre a partida do juvenzinho? E uma história com uma Andorinha criada por duas mães? Em outra obra um gato que foi morar no céu? E a Doroty – que agora se chama Dorinha – ao invés de Oz, ela ter ido parar em uma serra no meio do nordeste brasileiro?



Assim são as obras do escritor e ilustrador Junior Misaki que está ganhando o Brasil, nascido na cidade de Patos, no interior da Paraíba (Brasil), que ficou conhecido artisticamente como Junior Misaki (Jr Misaki) um professor e jornalista, que se descobriu escritor de literatura infantojuvenil no início da pandemia, e fã assíduo de Histórias em Quadrinhos desde a infância.

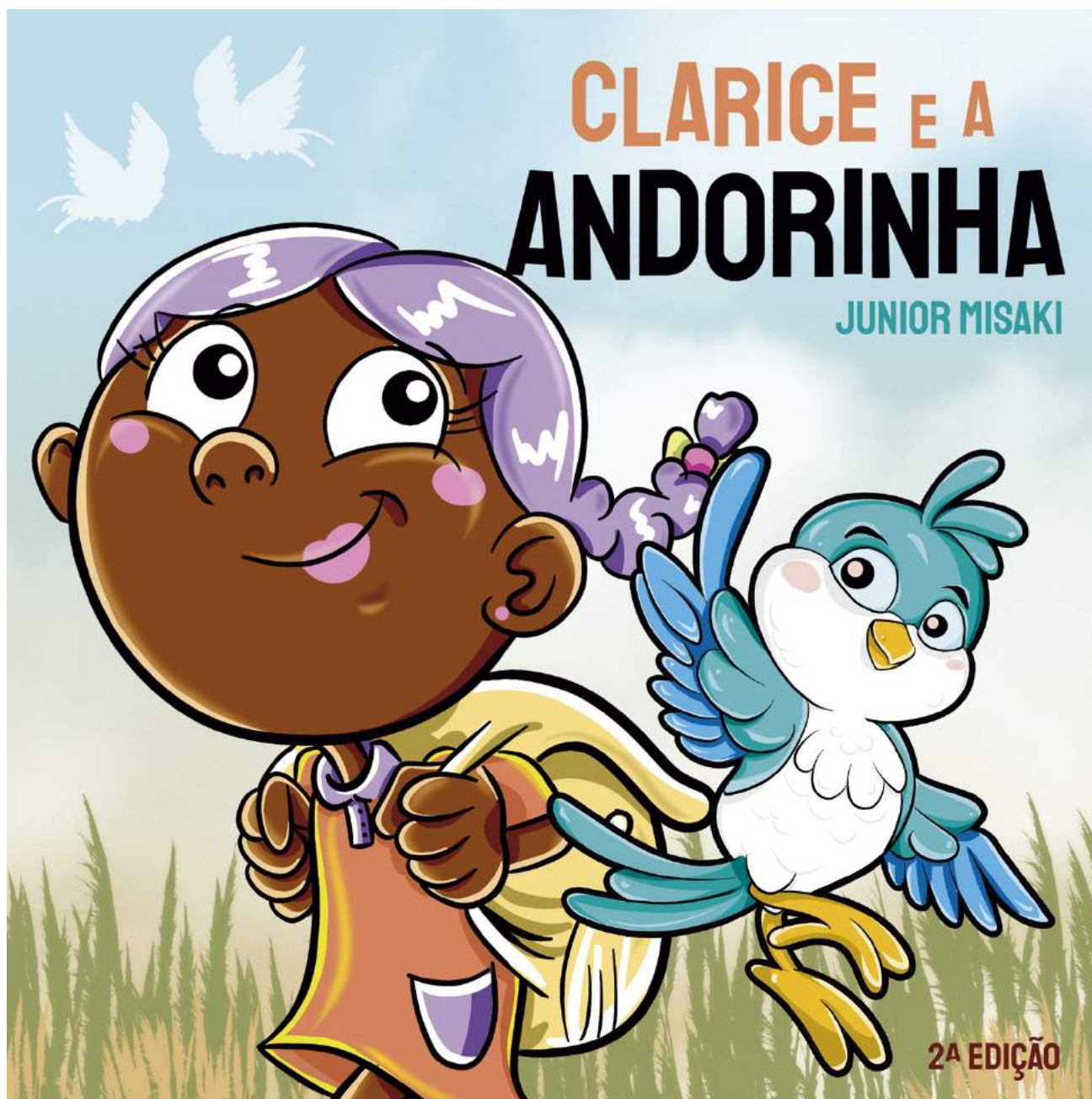
Professor efetivo na rede estadual do Rio Grande do Norte e da Paraíba com experiências em

coordenação de programas educacionais e culturais. Mestre em Artes (UFRN / UDESC), ele possui Licenciatura em Artes Visuais (UNIP) e Pedagogia (UNINTER), seguindo uma tendência nas artes visuais contemporânea, ele também carrega em seus trabalhos fortes características que permeiam pelo regionalismo, pop arte e da arte superflat.

Em 1998, começou a ter o seu primeiro contato com as Artes, por uma companhia de teatro na cidade de Patos, após um curso em uma escola profissionalizante. Com apenas 13 anos teve seu primeiro contato com as artes visuais, após estudar técnicas de pintura em tela, nesta mesma escola. Com 16 anos, partiu para o estudo dos Mangás, onde adotou o codinome "Misaki", inspirado em um personagem de uma anime, provindo por um intercâmbio de correspondências com fanzines independentes de outros estados brasileiros.

Nas Artes Visuais se destacou com projetos didáticos, como videoaulas que teve aprovação de projetos culturais em editais pelo Ministério da Cultura, como o projeto "A

"Arte da Pintura a Dedos", uma aula em DVD sobre pintura com os dedos em cerâmica, em 2010, que destacou o artista em vários programas de televisão e em outras mídias regionais, dando continuidade com outro projeto chamado "A Arte da Pintura Acrílica", com técnicas de pintura em tela. Em 2015, o artista teve a sua vida e obra registrada no Dicionário de Artes Visuais da Paraíba, do pesquisador Dyogenes Chaves Gomes, catalogado pela sua trajetória, dedicação e edição as artes visuais paraibana.



Partindo para o segmento do audiovisual, com produções de documentários e curtas-metragens e junto ao movimento de cinema do sertão paraibano, Junior Misaki participou de vários projetos que lhe levaram ao segmento da cultura pop, em 2015, com o Festival PlayComic, que em três edições com produtores culturais da cidade, realizaram um dos maiores eventos do público geek e nerd da região sertaneja, até 2017.

Na educação básica, lecionando a disciplina Arte, em 2017 teve destaque pelo SESC/PB com um projeto que unia o ensino de Arte com metodologias ativas, como o uso dos jogos digitais em sala de aula, escolhido pela rede para representar o estado em um encontro educacional, na Pinacoteca de São Paulo.

Em 2020, o artista passa por uma ressignificação em sua carreira. É o ano que ele conclui o seu mestrado em Arte, na UFRN, em Natal, defendendo a pesquisa: *Quadrinizando na sala de Artes: Quadrinizando nas aulas de Arte: uma proposta pedagógica do uso das Histórias em Quadrinhos nos anos finais do Ensino Fundamental*, que também resultou em um produto didático, finalista do prêmio "HQ MIX", o "Oscar" dos Quadrinhos Brasileiros, em 2021, na categoria acadêmica.



Ainda em 2020, com a pandemia, se descobre escritor e publica a sua primeira obra infantojuvenil, "Clarice e a Andorinha", vencedora do Prêmio Maria Pimentel, pela lei Aldir Blanc do estado da Paraíba, uma história que narra a vida de um passarinho criado em uma família não tradicional, por duas mães, que o acolhe com amor e ensina a menina Clarice o significado de sentimentos que envolvem o respeito e a união familiar, que ganhou trilha sonora pela cantora paraibana Saiô, e animação do vídeo pelo próprio artista, que também ilustrou o livro.

"Esse livro salvou a minha vida. Pois, consegui dar um "up" na autoestima, nesse momento me encontrava em um quadro depressivo devido à energia que o mundo estava vivendo naquele momento, se você quiser ver um artista infeliz, impeça ele de expor os seus sentimentos, a sua arte, mas a literatura com a possibilidade de ilustrar uma produção autoral, me motivou a seguir", destacou o escritor.

Com a repercussão deste trabalho principalmente em escolas e encontros literários, Junior Misaki lançou em 2021 um novo trabalho intitulado "O Mágico do Seridó", uma narrativa inspirada no clássico "O Mágico de Oz" de L. Frank Baum, onde uma menina perdida em uma serra do Seridó nordestino se encontra com seres fantásticos e descobre o verdadeiro valor da amizade. A primeira edição se esgotou em dois meses nas livrarias locais. No final do decorrente ano, ganhou o Prêmio Wills Leal, na categoria "Artista

Solo" pelos seus trabalhos desenvolvidos no sertão paraibano, pela lei Aldir Blanc estadual.



Turma da Mônica, Mauricio de Sousa e Junior Misaki – Foto divulgação

Em março de 2022, Junior Misaki lança "O Gato Juan", um livro que destaca a importância de falar sobre o sentimento do luto para crianças e também o apego pelos bichinhos de estimação. De acordo com Junior Misaki, este é o seu livro de maior impacto social, a obra também veio com uma música temática assinada e cantada pelo artista, onde no final de 2023 estará ganhando uma edição em espanhol, sendo o seu primeiro livro a ter uma publicação em outro idioma.

“Além de escrever, desenhar, criar todo o projeto gráfico e de animação, resolvi compor e cantar uma música tema, mesmo sendo muito tímido para me expor em apresentações. No lançamento, pela timidez, resolvi não cantar para os convidados, mas com a propagação do livro, a canção se tornou necessária nos eventos literários.”

“A história deste livro invade o meu universo particular, narrando a perda do meu filho de pelos, mas a trilha, pensada nas crianças, serviu para quebrar o sentimento de nostalgia, que o livro nos deixa, com a partida do bichano, mesmo tendo um final de superação”, destacou.

Já em setembro de 2022, o escritor e ilustrador homenageia o clássico "O Pequeno Príncipe", de Antoine de Saint-Exupery, com o livro "A Raposa: Depois daquele Adeus", com uma temática mais juvenil, que narra a visão do autor sobre a personagem "Raposa", depois que o principezinho decidiu seguir em busca de sua rosa.

"Cada vez que leio o livro "O Pequeno Príncipe", me encontro de uma forma diferente dentro da obra.

Fiquei feliz com a receptividade dos fãs do Principezinho, quando souberam que tinha um escritor que deu uma luz para a personagem raposa "depois daquele adeus", entrei em uma imersão criativa para poder escrever, com a revisão da incrível Rejane Cunegundes, que lapidou as minhas palavras, na qual coloco observações pessoais e vivências do meu cotidiano, esta é a única obra que me provocaria fazer uma série, com várias edições", comentou.



O trabalho literário lhe rendeu vários momentos em transmissões ao vivo que estão registradas em suas redes sociais e em canais do YouTube, como apresentações em escolas e formações pedagógicas, além de lhe destacar para o cenário nacional, como a cantora e famosa apresentadora infantil dos anos 1990, Mariane Dombrova, que destacou as suas obras em suas contações de histórias, no seu canal virtual.

Em 2023, em férias a cidade de São Paulo, o artista conheceu pessoalmente a cantora Mariane, que representou um recorte importante na sua infância, assim como, o desenhista e empresário Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, onde pode entregar três de suas obras.

"Conhecer a Mariane foi mágico. Em uma época estava eu sentado no chão de uma casa de periferia no sertão da Paraíba, assistindo o seu programa em uma TV de imagens preto e branco, e vendo o seu show como minha babá eletrônica e totalmente da minha realidade que eu vivia. Trinta anos depois, encontro a Mariane contando as histórias que saíram de mim, me possibilitando lhe dar um abraço, pessoalmente. Isso foi épico! Já conhecer o

Maurício de Sousa, não tenho palavras, o cara me ensinou a ler na infância. A sua humildade em receber as minhas obras e as palavras que pude trocar com ele naquela tarde, guardarei até o final da minha vida", ressaltou Misaki.

Neste ano, Junior Misaki prepara o lançamento de sua quinta obra infantojuvenil, que está em fase de produção e trabalhará temas destaques que relacionará a vida de um estudante com aparelhos tecnológicos, intitulado "Miguel e o Celular", previsto para ser lançado no segundo semestre de 2023, com trilha sonora composta e cantada por ele. Entre os seus projetos, as suas obras ganharam também destaque, na página virtual "Gibizada" com uma loja virtual exclusiva, assim como, o escritor está empreendendo em camisetas com as artes de suas obras literárias, replicadas pela empresa "Uma Penca", parceira da marca "Chico Rei".



Site oficial: <https://www.jrmisaki.com>

Loja Virtual do autor: <https://gibizada.com.br/vendor/jrmisaki>

Canal no Youtube: <https://www.youtube.com/c/JrMisaki>

Facebook: <https://www.facebook.com/art.misaki>

Instagram: <https://www.instagram.com/jr.misaki>

COMMERCE 2 YOU

DICA
INCRÍVEL

CURTE O **MARIO**
ENTÃO CONHEÇA
ESSA INCRÍVEL
COLEÇÃO

NÃO PERCA
TEMPO



EM COMEMORAÇÃO AO
LANÇAMENTO DO FILME SUPER
MARIO BROS, APRESENTAMOS OS
BONECOS MARIO, YOSHI E LUIGI

ESSE É UM ÓTIMO PRESENTE PARA
AQUELA PESSOA ESPECIAL QUE
CURTE VÍDEOGAMES
ELA IRÁ ADORAR



ADQUIRA JÁ O SEU:

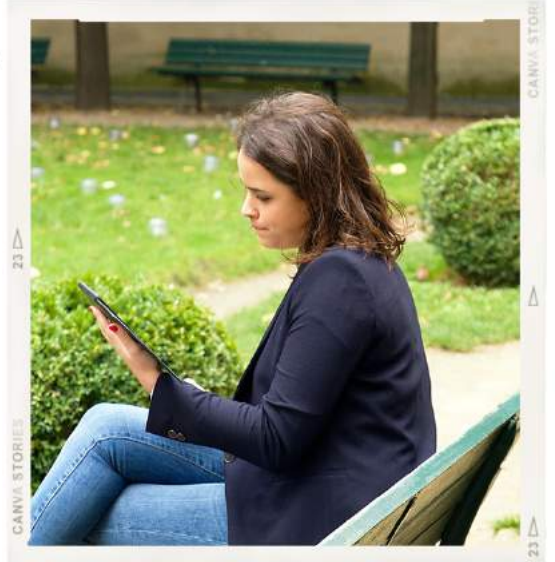
CLIQUE AQUI

www.commerce2you.com.br

Revista Conexão Literatura



EUA



Portugal



A nossa revista
viaja num 
segundo até você

NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



Journal em São Paulo

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo

MAFRA
EDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



atinja o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura

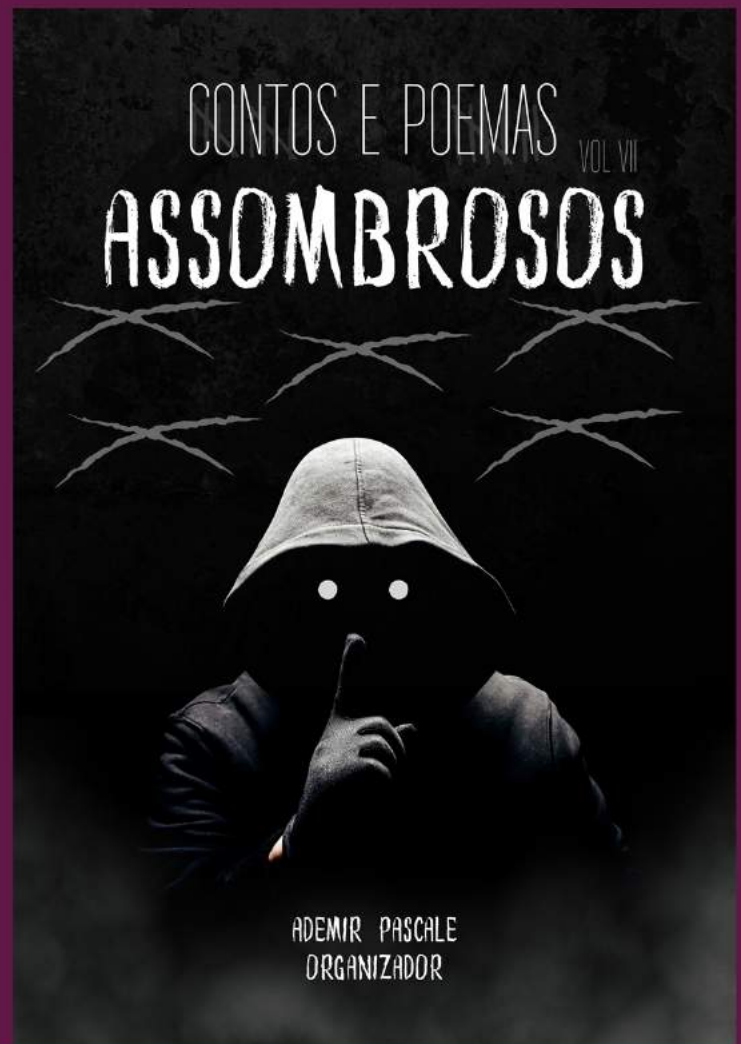
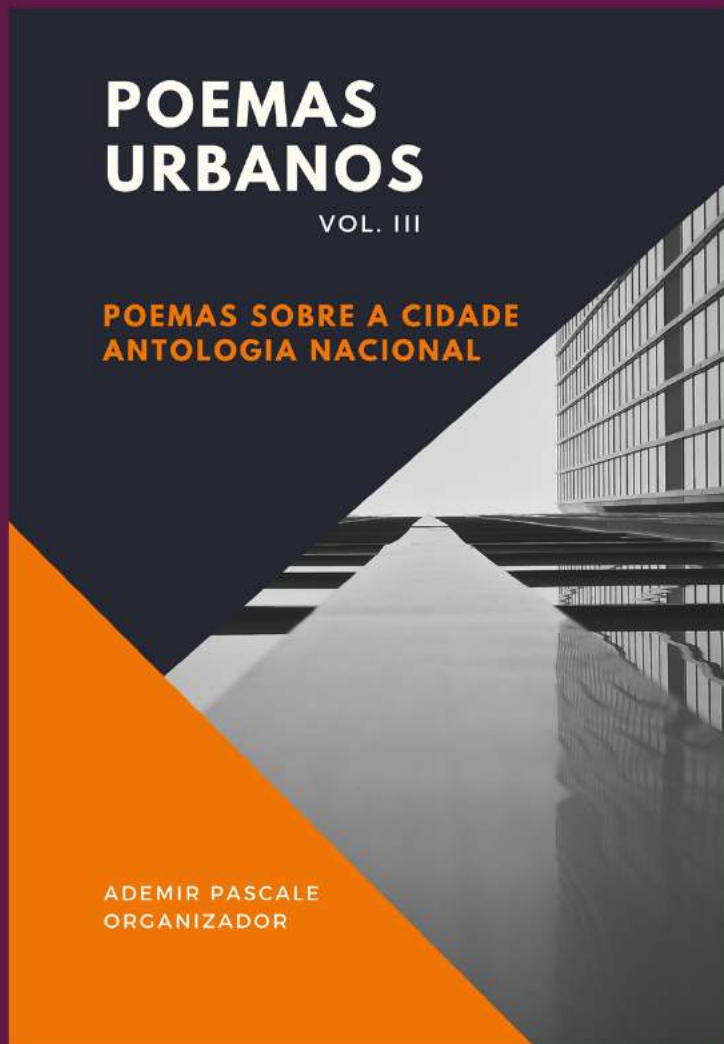


ENTRE EM CONTATO

ademirpascale@gmail.com

DICAS PARA LEITURA

POEMAS URBANOS - VOL. III, REÚNE POEMAS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS - VOL. VII, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



Por Bert Jr.
Futuros
Clássicos

Abril 01, 2023



Com base nas tendências culturais dos últimos tempos, atrevo-me a apresentar a sinopse de três estórias que talvez – para terror de alguns – sejam consideradas novos clássicos num futuro próximo. As narrativas têm em comum o fato de se inspirarem em pérolas da dramaturgia, ao mesmo tempo em que incorporam elementos de correntes modernas de ideias e valores – em particular, nos exemplos apresentados, elementos do universo da gastronomia, um dos temas que mais divide e apaixona as opiniões na atualidade.

Boa degustação literária!

Queijosé e Goiabeta. Inspirada em conhecida tragédia do famoso bardo inglês, esta narrativa contemporânea está ambientada numa região de antiga colonização italiana de um dos estados do sul do país.

Queijosé se orgulhava de descender da mais pura nata caprina, embora não de cabra macho, que fique bem claro. Em meio à fase de maturação, apaixonou-se por Goiabeta. Esta, em resposta, se ruboriza toda por dentro ao sentir-se apetitosa pela primeira vez. Os parentes de Queijosé escandalizam-se e não aceitam a mistura: onde já se viu alguém elaborado como ele interessar-se por uma desfrutável, facilmente encontrável por aí em qualquer terreno, mesmo naqueles sem título de propriedade? A família de Goiabeta tampouco aprova essa combinação impensável: afinal, que frutos poderiam resultar disso? Não obstante as opiniões alheias, Queijosé decide encontrar-se com Goiabeta ao entardecer, no balcão de granito da cozinha. Nervoso, suando soro salgado, ele se declara nos termos mais poéticos, enaltecendo a doçura da amada. Excitadíssima, Goiabeta rola num tapete de açúcar para fazer-se ainda mais atraente a seu cortejador. Requeijoão, uma versão amolecida do primo Queijosé, por quem nutre certa hidrolatria, surpreende o casal no momento de sua conjugação. Ao ver o primo no balcão da cozinha, estendido sobre Goiabeta, toda adocicada, a natureza fundida de Requeijoão faz com que se sinta ultrajado. Para vingar a honra e as cores branco-amareladas da família – e se livrar de vez das comparações de marketing em relação ao primo – resolve cometer um laticínio. Secretamente, Requeijoão vai até o estábulo e lá recolhe, entre vacas, elementos para uma poção letal: um extrato de salmonela. Em seguida, sai a chamar Queijosé, gritando para que venha provar o “tônico revigorante” preparado por ele, enquanto o frasco, com seu maldoso conteúdo, jaz sobre o balcão da cozinha. Acreditando tratar-se, de fato, de um suco de propriedades revigorantes, Goiabeta ingere o produto por inteiro. Quando retorna, trazendo consigo Queijosé, e vê o frasco da poção vazio, Requeijoão sofre um acesso de tremeliques tão forte que o faz despencar da borda do balcão. Aplastado no chão, entre os cacos do popular traje de vidro, Requeijoão confessa seu plano criminoso enquanto agoniza, aguardando o pano úmido que o removerá dali para a dissolução final. Chocado e confuso, Queijosé tenta aproximar-se de Goiabeta, mas esta o repele: não deixará o amado contaminar-se com o caldo de salmonela a impregná-la. Queijosé se afasta, acabrunhado. Passam-se os dias, até que, de tanto maturar, tem uma ideia genial: bastaria cozinhar Goiabeta em fogo lento, adicionando açúcar, de modo a transformá-la em verdadeiro confeito, e ela sairia do

processo purificada, sem nenhum resquício do suco letal. Emocionado, Queijósé corre até o pomar para revelar seu plano à amada, mas encontra Goiabeta muito mudada. À diferença daquela por quem se apaixonara, esta agora nem liga para a presença dele. Como que encantada, se vê concentrada nos movimentos de um bichinho branco, que se contorce e se arrasta na superfície da pele acetinada, sumindo vez que outra num mergulho para ir alimentar-se de suas entranhas. Enojado, Queijósé assiste à doce Goiabeta rir-se das cócegas que lhe provoca o tal bichinho esbranquiçado – ao que parece, muito mais divertido do que ele próprio.

Othario. Outra narrativa inspirada em tragédia shakespeareana, ambientada num bairro paulistano de classe média, onde convivem descendentes de imigrantes de diferentes origens.

Como sofresse de doença celíaca, Othario, filho de libaneses, crescera sob a proibição de comer esfihas, quibes, pães e doces árabes. Seu melhor amigo, o judeu Aziago, admirava Othario pelo esforço bem sucedido de contornar suas limitações alimentares. Ressalte-se, entretanto, que apesar de muito disciplinado com sua dieta, Othario nutria forte desejo por pães. Sabendo disso, Aziago dedicou-se a fazer um curso completo de padeiro só para aprender receitas que não provocassem nenhuma intolerância no sistema digestivo do amigo. Sua especialidade era um pão caseiro de milho, que ele assava e fornecia especialmente a Othario, semana sim, a seguinte também. Um belo dia apareceu na vizinhança uma família de origem portuguesa, cuja filha mais velha se chamava Dessêmola. A moça passeava pela rua com os braços de formato baguete à mostra, levemente corados, e um decote onde se abrigava um par de sonhos roliços recobertos de açúcar, com recheio de creme. Assim que Othario tomou ciência dos atributos de Dessêmola, ficou doidão. Ao perceber a mudança no comportamento do amigo, Aziago põe-se a monitorar seus passos. Usando de um pretexto qualquer para interpelar Dessêmola em seu passeio matinal diário, Othario convida a moça para uma visita à sua casa, uma das mais antigas e belas do bairro, onde teria o prazer de lhe oferecer um café à moda árabe. No dia da visita, Aziago aparece trazendo dois pães de milho numa sacola, um para o amigo e o outro para Dessêmola. A moça, no entanto, recusa o presente, afirmando só gostar de pão francês. A partir de então, Aziago passa a atormentar Othario com insinuações de que Dessêmola jamais se interessaria por quem não fosse francês, ou de que provavelmente mantinha uma relação com um francês às escondidas. Desesperado pela atenção de Dessêmola, Othario inicia um curso de francês pela internet e já nas primeiras lições começa a fazer biquinho para falar com ela. Estranhando o jeito diferente de Othario, a moça se volta para Aziago, que a essa altura tinha parado de fazer pão de milho e passado a produzir pães franceses, de diferentes formatos. Uma noite, Othario recebe um convite para ir até a casa de Aziago, onde encontra Dessêmola refestelada no sofá da sala em meio a um grupo de pães bengala. Escandalizado com a cena, Othario se atira sobre ela, no afã de retirá-la dali a qualquer custo. Aziago procura controlar o ímpeto do amigo, mas este o acusa de tentar desencaminhar sua linda amada. Aziago se defende, dizendo que apenas buscava abrir os

olhos de Othario para a incompatibilidade entre ele e Dessêmola. Othario não lhe dá ouvidos e carrega Dessêmola embora. No caminho, decide mudar de tática: curvando-se aos caprichos dela, passa numa padaria e compra o estoque de pães franceses do local, mandando entregar a mercadoria com urgência em sua casa. Lá, graças a uma atmosfera dominada pelo aroma de padaria, seduz Dessêmola e os dois finalmente consumam sua união. Naquela madrugada, Othario sofre um ataque de congestão celíaca e cai fulminado no quarto de casal. No velório do amigo, Aziago consola Dessêmola, afirmando não ser culpa dela a relação tóxica com o finado amigo. Terminado o rito fúnebre, os dois combinam de preparar um pão de milho a quatro mãos para ir depositá-lo junto ao túmulo de Othario, a título de homenagem póstuma. Porém, quando o pão de milho emerge de dentro do forno, Dessêmola não resiste à tentação de prová-lo e logo se apaixona por aquele sabor diferente, até então desconhecido por puro preconceito seu. Num frenesi de gula, Aziago e Dessêmola reduzem a matéria da homenagem póstuma a deliciosas fatias quentinhas recobertas de manteiga com sal, devorando-a por inteiro. Dali em diante, os dois passariam a saborear juntos todo tipo de pães e, também, o que mais lhes desse vontade.

Cenourão de Berinjelac. Inspirada na já não muito conhecida peça teatral francesa *Cyrano de Bergerac*, do final do século XIX, esta estória contemporânea, facilmente adaptável para o cinema, está ambientada numa cidadezinha do sertão nordestino.

Não apenas linda, a jovem Roxilda era também ávida leitora de posts e notícias da internet, sobretudo referentes a modelos de conduta visando à salvação da sociedade e do planeta. De seu séquito de admiradores, o mais fervoroso era sem dúvida o maduro e eloquente Cenourão de Berinjelac, cujo nome de batismo se devia à forma e ao tamanho de seu nariz. Por causa dessa característica física, Cenourão não acreditava que os seus sentimentos por Roxilda pudessem um dia ser correspondidos; de fato: o plano da moça era casar-se com um belo jovem, de nome Crestino, dotado de um simples nariz comum e dono do primeiro restaurante vegano da cidade de Buchada Nova. A bem da verdade, Crestino nada entendia de culinária vegana; montara o empreendimento apenas porque sabia da afiliação de Roxilda ao veganismo. Percebendo a atração entre os dois jovens, e sem enxergar nenhuma chance de felicidade pessoal para si próprio, Berinjelac decide empregar suas reconhecidas capacidades poéticas e retóricas em favor do amor de ambos. Roxilda andava desanimada porque Crestino pouco ou nada falava dos assuntos que a interessavam. Cenourão aproveita para tecer elogios à valentia do rapaz, que tivera a audácia de abrir um estabelecimento vegano numa região de comedores de sarapatel e buchada de bode. “Já imaginou quantos cabritinhos terão suas vidas poupadas se mais pessoas aderirem à dieta vegana?” “Tem razão, Seu Berinjelac”, disse ela, “mas por que ele não me conta detalhes do restaurante?” “Hoje à noite Crestino virá até a sua janela para recitar receitas e discursar sobre responsabilidade ambiental”, prometeu Cenourão, pedindo à moça que o tratasse simplesmente por Cenô. Mais tarde, inseguro quanto ao que falar, Crestino pede a Cenourão que o acompanhe e os dois postam-se debaixo da sacada de Roxilda. Inicialmente, Crestino tenta recitar um prato de abobrinha com

tabule, mas se confunde todo. Então, oculto tanto pela posição em que estava quanto pela escuridão da noite, Berinjelac toma a palavra para declamar, de improviso, uma receita de churrasco de cenoura com rodela de berinjela, acompanhado de purê de inhame e salada verde, e, de sobremesa, rabanete ralado recoberto de melado de cana. Roxilda vai ao delírio. Entusiasmado com a reação da musa, Cenourão segue com a farsa, fazendo um discurso inflamado contra a vulgaridade dos hábitos alimentares humanos, capaz de transformar vísceras de animais domésticos em iguarias regionais. A peroração cai nos ouvidos do poderoso produtor rural, coronel Enricaço Di Cabra, dono de um rebanho maior que o de todas as denominações religiosas de Buchada Nova reunidas. O coronel Di Cabra não gosta nadinha de tais ideias progressistas, difundidas, segundo crê, pelo jovem Crestino, e manda seus capangas castrarem o rapaz, punição tradicionalmente aplicada aos inimigos da família. Antes que os três jagunços terminem o serviço, Berinjelac intervém e defende bravamente Crestino. O jovem se salva, mas durante a refrega os jagunços deceparam o apêndice nasal de Cenourão. Temendo despertar a ira do coronel Di Cabra pelo fracasso da missão, os capangas apresentam o narigão decepado como se fosse o órgão varonil de Crestino. Temendo que Di Cabra viesse a descobrir a verdade, o jovem resolve fugir às pressas com Roxilda; esta, porém, se nega. A nobreza do gesto de Cenourão fizera com que a moça se apaixonasse, dando-se conta de que fora ele o autor da receita de churrasco de cenoura com berinjela e do inspirado discurso que a tinham feito, respectivamente, salivar e se emocionar. O casamento de Cenourão com sua amada foi marcado para depois da cirurgia plástica reparadora. Roxilda fez questão de acompanhar o noivo à capital do estado, onde escolheu a maior prótese nasal disponível, de dimensões e formato que lembravam uma cenoura de bom tamanho.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandei*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

× × × ×
× × × ×
× × × ×
× × × ×

- **DIVULGUE
PARA + DE
300 MIL
LEITORES**

R\$ 150

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**



XADREZ SINISTRO

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

**Aqueles que geram guerras
dormem em camas macias.
Contabilizam as mortes,
brindando com finos vinhos.
Do tabuleiro remoto,
manipulam seus peões.**

**Perverso jogo à distância,
discutido em salões.**

**Aqueles que fazem guerra
tomam banho, escovam dentes...
Escolhem os pratos do dia.
Do luxo de seus palácios,
dão formato a teorias;
duelam com mãos alheias.**

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA – Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS CONTEMPORÂNEOS

VOL. III

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

HUMANA!

Por Sellma Luanny

Num polarizado prosseguir,
"predestinação"? Do nascimento
à maturidade, gerar e cuidar...
convicção. Nalgumas "distintas
ilhotas"... nalgumas poucas
culturas... no "inovador"...
um pouco diferente... Talvez!

Nascer e a imposta estampa,
uma constância... submissão.
Desde a fragilidade fetal,
abandonadas quantas!
Supostas ou forçadas mães
a se distanciarem do "fardo"...
a se desfazerem em nulidades.

Estrutura e hormônios gentis,
mas ditos "fracos", as rotulam...
Tantos acreditam!
Estigmatizadas! Para facearem...
e julgadas serem, a anacrônica
postura à frente...
Lerda humanidade!

"Fêmea do"... "Mulher do"...
do meu vocabulário... abolidas!
E do seu? É devido conceder...
"HUMANA" é a designação.
E a professar o HUMANA ser.
A Biologia sem deméritos...
pela Vida!... A celebrar e acolher.

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de vinte e nove antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Nota: Poema pelo Dia Internacional da "Mulher".



POR BERT JR.

IMPOPULARIDADE

(SKETCH)

"DIA DESSES, UM AMIGO
ESCRITOR VEIO COM O PAPO
DE QUE ERA IMPOPULAR.
EU INDAGUEI POR QUE, E ELE
EXPLICOU: NÃO CONSIGO
CHEGAR AOS MIL
SEGUIDORES.
PERGUNTEI SE COSTUMAVA
TURBINAR AS POSTAGENS.
NÃO, RESPONDEU ELE."

CONFIRA
NA PRÓXIMA
PÁGINA



Dia desses, um amigo escritor veio com o papo de que era impopular. Eu indaguei por que, e ele explicou: não consigo chegar aos mil seguidores. Perguntei se costumava turbinar as postagens.

Não, respondeu ele.

Eu tive que rir. Tem gente fazendo isso direto, cara, e também não tem mil seguidores.

Mas olha, isso é o de menos, uma bobagem.

Impopularidade é quando teu melhor amigo, ou amiga, nem dá as caras na tua rede social; e, se por acaso aparece, não deixa nem um único coraçãozinho.

Impopularidade é quando a tua família publica um monte de fotos dos momentos lindos juntos e tu não tá em nenhuma delas; e, se estiver, tá de costas.

Impopularidade é quando, no amigo oculto, te dão uma roupa de um número visivelmente maior ou menor do que o teu. Aí, tu vai na loja trocar mas não consegue, porque foi venda de liquidação.

Impopularidade é quando a tua namorada te apresenta pros outros dizendo: “esse é o Fulano de Tal, um conhecido meu...”.

Impopularidade é quando tu finalmente consegue uma entrevista, só que a entrevistadora fala mais do que tu; mal tu consegue começar uma frase, ela vem e logo te corta na primeira vírgula.

Impopularidade é quando citam um trecho da tua autoria como sendo de outro escritor (casualmente, um daqueles que tu considera péssimos).

Impopularidade mesmo, meu amigo, é quando tu faz uma *live* em que tu funciona, ao mesmo tempo, como anfitrião, convidado e público!

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiro*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

NOVOS VÍDEOS NO CANAL ⁺

▶ **CONEXÃO
NERD**

INSCREVA-SE

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE

⁺





UM PEQUENO EXPERIMENTO

COM O CHATGPT

Por B. B. Jenitez



Neste livro usei sempre o mesmo *prompt* para o ChatGPT:

Crie uma história de ficção científica sobre uma gatinha chamada Ágatha colocada dentro de uma caixa por um físico quântico chamado B. B. Jenitez.

Ou seja, em vez de criar uma única história usando o ChatGPT, eu criei um multiverso de cem histórias onde cem gatinhas Ágatha vivem suas aventuras. Não mudei o output do Chat GPT e o leitor(a) pode se divertir tentando encontrar erros gramaticais ou furos nas histórias (existem muitos). Como o leitor perceberá, frases e temas gerais se repetem, mas frequentemente detalhes novos e inesperados aparecem. Metade das vezes, Jenitez é homem, outras vezes é uma cientista mulher. Em muitas histórias Jenitez é o tutor de Ágata, outras um cientista que a rapta para o experimento. Ágatha inicialmente vive com Lily (ou Emily), filha de Jenitez. Em uma vez, ela vive feliz com seus pais e irmãozinhos até ser pega para o experimento.

Na maior parte das vezes, Jenitez e Ágatha se dão bem, mas em algumas Ágatha morre ou desaparece, deixando Jenitez profundamente arrependido. Em uma história, Ágatha se torna uma gatinha quântica raivosa, destrói o laboratório de Jenitez e o mata com um raio de energia. Em uma história curiosa, Ágatha vai para uma dimensão onde os gatos são a espécie dominante e possuem uma alta tecnologia. Manipulando o *prompt*, Jenitez torna-se ativista contra o uso de animais em experimentos. Em outra, Ágatha se torna Godzilla, que destrói toda a cidade ou se torna a protetora da humanidade. De onde vêm as histórias? Deixemos o próprio ChatGPT responder: *Como o ChatGPT cria histórias?*

Para gerar uma história, o usuário pode fornecer um início de história, uma ou mais frases que servem como ponto de partida para a narrativa. O modelo, em seguida, usa as informações do início da história para gerar frases adicionais, continuando a narrativa. O modelo pode gerar personagens, ações, diálogos e outros elementos da história com base no que aprendeu durante o treinamento.

O ChatGPT pode gerar histórias curtas, de algumas frases até várias páginas. No entanto, é importante notar que a qualidade e o acompanhamento das histórias geradas dependem da qualidade do início da história fornecida pelo usuário e da capacidade do modelo de identificar padrões adequados no treinamento.

Eu teria algumas observações adicionais referentes a este experimento *Ágatha em Todo Lugar em Todo Tempo*. Acredito que todos os termos importantes do *prompt* precisam estar na história, e nenhum trecho da história pode contradizer um trecho da chave. Assim:

- Foi usado a expressão “crie uma história de Ficção Científica”. Isso abriu o leque para toda uma gama de clichês e tropes típicos da Ficção Científica tais como teletransporte, viagem no tempo, dimensões paralelas, robôs, mundos alienígenas, cidades futuristas, carros voadores, alienígenas etc.
- Foi usada na chave a palavra “gatinha”. Acredito que isso influenciou a geração de histórias com aspecto infanto-juvenil, onde a gatinha seria a personagem central, com capacidade de pensar e se comunicar igual aos seres humanos.

- O substantivo “caixa” gerou quase cem caixas diferentes, onde apenas umas poucas correspondiam literalmente ao experimento do gato vivo/morto de Schrödinger. A maior parte dos experimentos não correspondia ao de Schrödinger, que foi a motivação inicial para introduzir ao termo “caixa” no prompt do ChatGPT.
- Foi usado a expressão “físico quântico”. Isso produziu várias sentenças sobre experimentos, comunidade científica, avanço da ciência, publicação de artigos etc. O nome B. B. Jenitez (pseudônimo literário do físico Osame Kinouchi e uma paródia a J. J. Benitez) foi entendido como neutro e seu gênero foi definido ao acaso, de preferência feminino.
- Além disso, as histórias parecem ser construídas no esquema de Começo–Meio–Fim, em um paralelo com a jornada do herói: Quem era Ágatha – Suas aventuras e viagens – Como retornou mudada, mais forte e sábia. Mas é claro que houve exceções a este esquema, que produziram histórias bem divertidas.

Aqui se seguiriam as cem histórias de duas páginas cada: Capítulo 75 (Exemplo)

Agatha era uma gatinha diferente de todas as outras. Ela nasceu com uma habilidade única que confundiu até mesmo os cientistas mais talentosos de seu tempo. Seu corpo era capaz de manipular a mecânica quântica, permitindo que ela entrasse e saísse da existência à vontade. Ela era uma maravilha de se ver, uma maravilha da ciência e a inveja de todos que a conheciam.

Um dia, um físico quântico chamado B. B. Jenitez ficou fascinado com as habilidades de Agatha. Ele passou toda a sua carreira estudando as leis do universo e nunca tinha visto nada parecido com ela. Ele sabia que tinha que colocar as mãos nela e estudá-la mais.

Então, ele armou uma armadilha para Agatha. Ele a atraiu para uma caixa com um pedaço de *catnip* e rapidamente fechou a tampa. Agatha estava presa, incapaz de usar seus poderes para escapar.

B. B. Jenitez ficou emocionado com seu sucesso. Ele finalmente capturou o gatinho indescritível e agora pode estudar suas habilidades em detalhes. Ele colocou a caixa em seu laboratório e começou a fazer experimentos em Agatha.

Os dias se transformaram em semanas e Agatha permaneceu presa dentro da caixa. B. B. Jenitez estava obcecado com sua pesquisa, e sua paixão pela ciência o cegou para o sofrimento do gatinho inocente.

Mas um dia, algo estranho aconteceu. Os poderes de Agatha começaram a se intensificar e ela foi capaz de atravessar as paredes da caixa. Ela emergiu da caixa e B. B. Jenitez ficou chocado ao vê-la diante dele, brilhando com uma energia sobrenatural.

Agatha olhou para o físico com um misto de raiva e tristeza nos olhos. Ela havia sido tratada como um espécime de laboratório e era hora de assumir o controle de seu próprio destino.

Com um aceno de sua pata, Agatha desencadeou uma onda de energia quântica que engolfou B. B. Jenitez e seu laboratório. O prédio inteiro foi destruído em uma explosão de luz, e Agatha não foi encontrada em lugar nenhum.

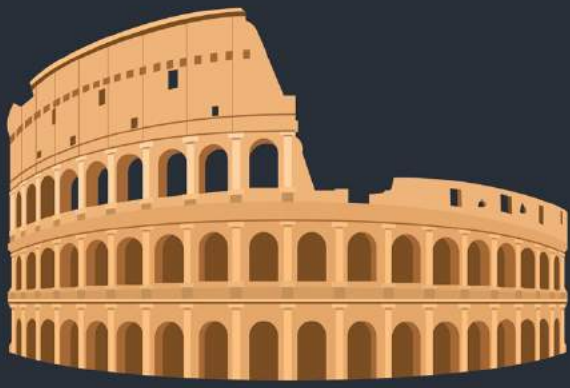
Alguns dizem que Agatha ainda vaga pelo universo, usando seus incríveis poderes para ajudar os necessitados e proteger os inocentes do perigo. Outros acreditam que ela nunca foi real, que ela era simplesmente uma invenção da imaginação de B. B. Jenitez.

Algumas limitações óbvias do ChatGPT

- Me parece que lhe falta uma “Teoria da Mente” para animais, como os psicólogos dizem, ou seja, sobre o que animais poderiam pensar e sentir quando comparados com seres humanos. Em muitas histórias, Ágatha pensa como um ser humano. Isso pode ser devido ao caráter infantil ou de fábula das histórias, onde animais podem ser personagens. Ágatha também consegue conversar, de forma literal, com Jenitez, outros animais ou com alienígenas.
- Ainda nesse tópico, em uma história divertida, Ágatha é capaz de entender teorias físicas e resolver complexas equações matemáticas (mesmo antes de viajar na caixa). Ou seja, o ChatGPT escreve que Ágatha ronrona, corre atrás deovelos de lã, gosta de dormir ao sol ou no colo de sua dona, se esfrega nas pernas dela e, ao mesmo tempo, é uma físico-matemática de primeira grandeza. O ChatGPT realmente não sabe o que é um gato.
- O ChatGPT também parece não entender as condições de vida de um animal: na maior parte das histórias, Ágatha passa semanas ou meses sem água ou alimento dentro da caixa. Também não tem uma caixa de areia.
- Um ponto importantíssimo, ainda mais se as histórias fossem dirigidas a um público infantil, é que na maior parte delas, com interessantes exceções, não aparecem vestígios de uma ética para experimentos com animais. A gatinha em geral é raptada ou usada como cobaia, mas no final até fica grata pela oportunidade de participar do experimento. É uma espécie de Síndrome de Estocolmo para gatos.
- Deixei para o final os inúmeros detalhes sobre Física Quântica. Em vários deles, o uso parece vir da cultura pop. Os contos onde a gatinha é reduzida ao tamanho atômico lembra as histórias da Marvel sobre o *Quantum Realm*. Em outros, o uso é genérico, ou seja, simples *tecnobable* onde palavras da moda são conectadas de forma correta sintaticamente, mas no final não fazem sentido físico. No entanto, achei curioso histórias que falam de Multiverso, miniburacos-de-minhoca e teletransporte quântico. Tais conceitos são apenas conjecturas entre os físicos, mas foram usados dentro de um contexto razoavelmente apropriado.



B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor associado no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Multifoco, *Projeto Mulah de Tróia 2* (KDP, 2020), *Demiurgo* (KDP, 2020), *O Beijo de Juliana 2ª Ed.* (KDP, 2021) e *Ágatha em Todo Lugar em Todo Tempo* (KDP, 2023). Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O Livro da Ficção Científica Brasileira* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O Espantoso Mundo da Antecipação* (Elemental Editoração), *Passaporte Atemporal* (Editora Carnage) e *Almas Fabricadas* (Madrepérola).



l'innocente a Roma

Por Isabella Sozza

il tradimento gli spezzò gli occhi
pensato che la pausa non fosse niente
visse i suoi più grandi sogni ma ha vissuto l'errore come un'anima potata
fece vedere alla sua amata il disastro l'amore che il tempo aveva dissipato
ma ha vissuto l'errore come un'anima potata
ma la persona amata si innamorò dimostrato il tuo dolore
occhi il tempo ha dissipato la vendetta e ha restituito il tuo amore
a Roma succede qualcosa vive un uomo solo
in un appartamento solitario
dove le ricchezze valgono più dell'amore
solo questo stesso Uomo
è infastidito da una ragazza
voleva vivere vicino a lui
la donna si muove nell'ombra del destino ma è previsto l'imprevisto
la sua padrona, la figlia e gli altri sembrano
scuri e dissipare con la pace dell'insegnante

Isabella Sozza:

Mestranda em Letras – Língua, Literatura e Cultura Italianas
pela Universidade de São Paulo. Bolsista CAPES-DS – Processo
n° 88887.801223/2023-00.

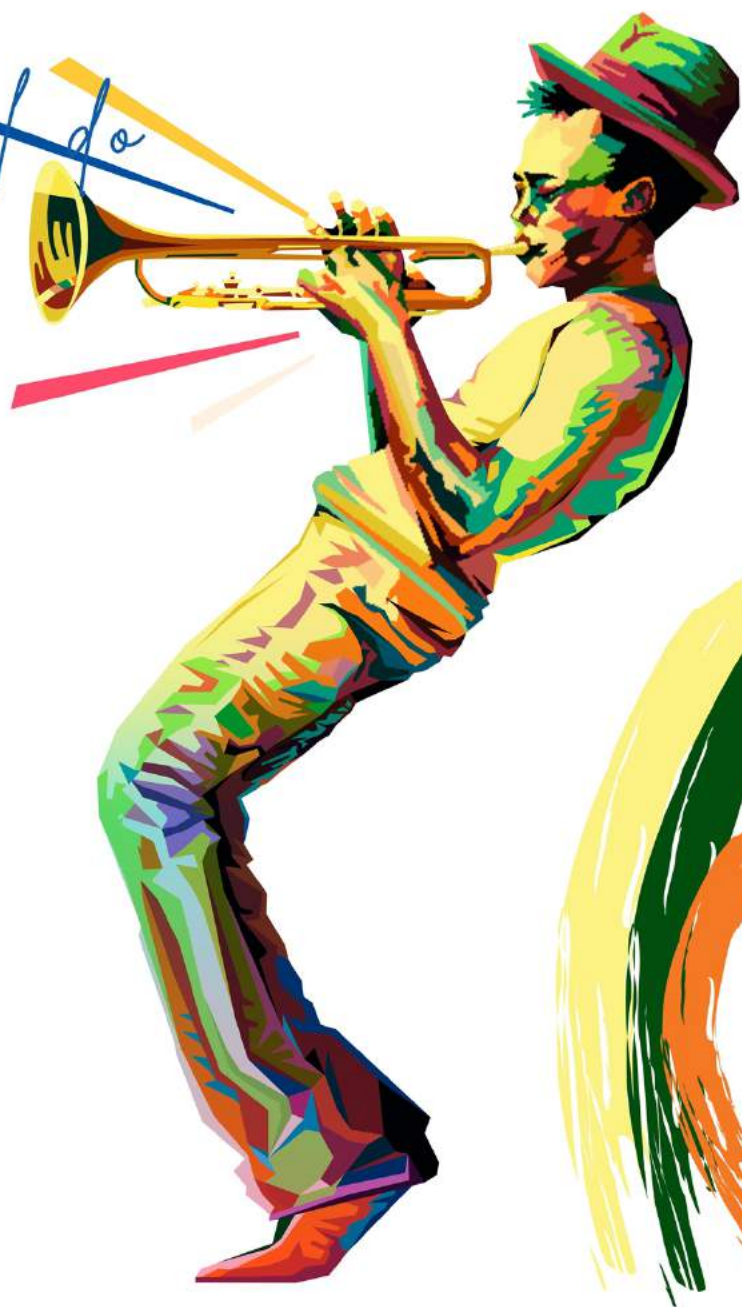


30 DE ABRIL

Dia Internacional do
JAZZ

O Dia Internacional do Jazz é um Dia Internacional declarado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura em 2011 "para destacar o jazz e seu papel diplomático de unir as pessoas em todos os cantos do globo".

www.revistaconexaoliteratura.com.br



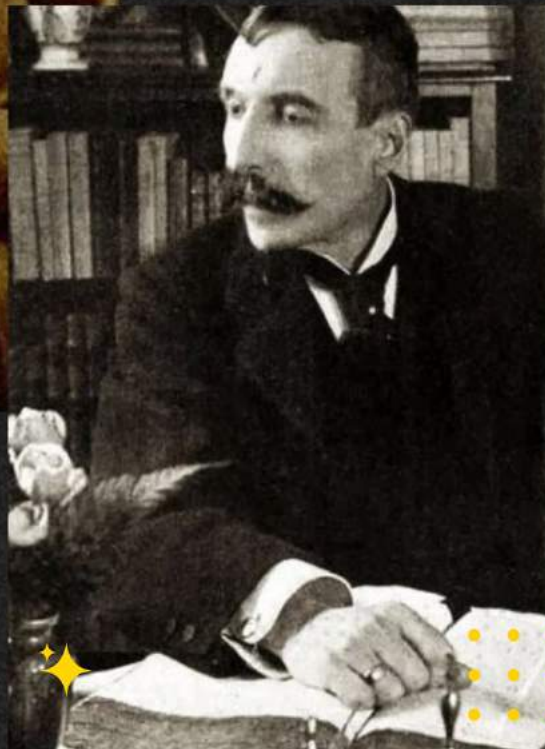


RESENHA CRÍTICA
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

QUEIROZ, Eça de. Contos. São Paulo: Ciberfil Literatura Digital, 2002.

EÇA DE QUEIROZ

POR ISABELLA SOZZA



CREDENCIAIS DO AUTOR

- ▶ Isabella Sozza: Mestranda em Letras – Língua, Literatura e Cultura Italianas pela Universidade de São Paulo. Bolsista CAPES-DS – Processo nº 88887.801223/2023-00.

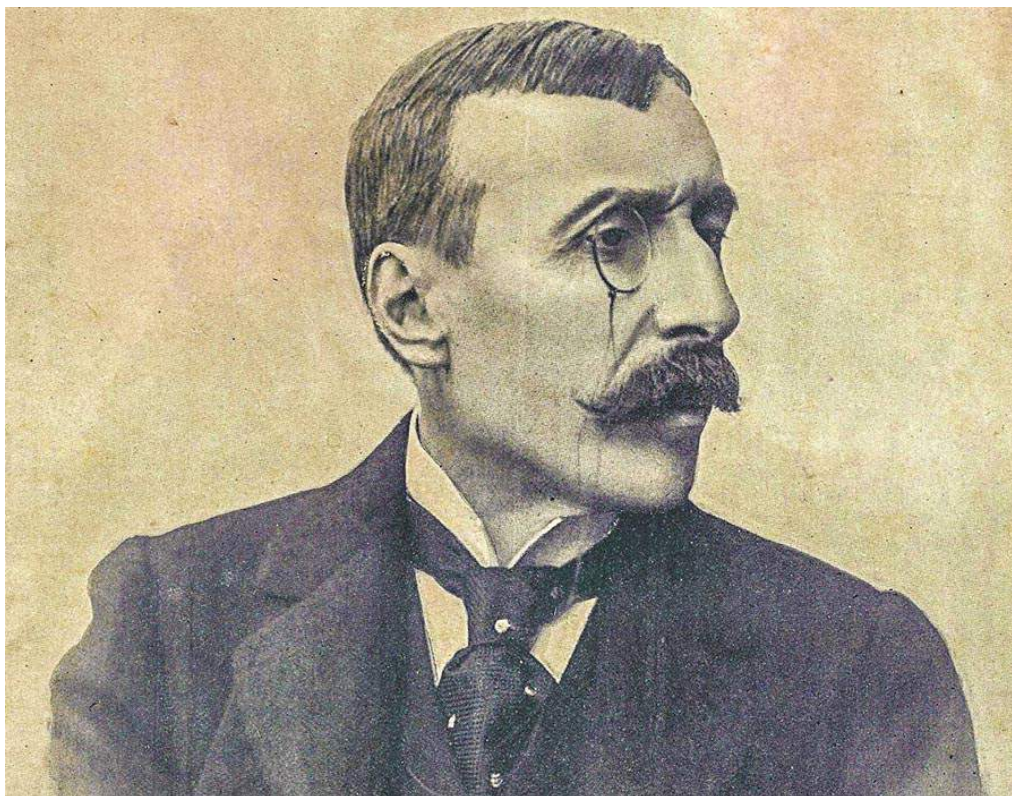
RESUMO

O tesouro, de Eça de Queiroz, tem por princípio o retrato de três irmãos, pobres e famintos, remendados e miseráveis, porém um dia, encontraram um cofre de ferro, escondido em uma cova de rocha. Os irmãos tiveram o pensamento de que isso poderia ter sido dado como um presente divino ou maligno, mas que sabiam que era para os três e que haveria a repartição. Havia dobrões de ouro e dísticos árabes na tampa, a partir do momento em que eles encontraram o tesouro, tiveram duas sensações predominantes: espanto e admiração. Com isso, deram a ordem ao irmão mais magro, para que fosse a outra cidade comprar cevada, carne, vinho e alforjes de ouro. A motivação que se tinha, era de que a partir do momento em que o irmão retornasse, haveria o resguardo do ouro em segurança, e iriam até a cidade à noite, com o antecipado planejamento e discrição. Havia como pensamento predominante de que a cada dono do ouro que haviam conquistado, havia também as chaves e lugares para o que foi encontrado. Deixaram perto da moita e da lareira o tesouro. Porém, na trama, há um conflito entre um dos irmãos, pois apenas queriam a repartição a dois dos irmãos, então o conflito prossegue no tomo III, porém, com o decorrer da trama, um dos irmãos encontra as compras que foram compradas com uma parte do ouro e sente imensa fome, se alimenta com o que foi comprado, percebe que era veneno e tenta avisar os outros, de maneira não alcançada, o irmão morre e torna-se a sua face negra como a erva e comida para os dois corvos que ali estavam. A morte ocorre, porém, por uma questão de indiferença de um dos irmãos, que queria o ouro para si, pois ao comprar e misturar o veneno ao vinho, se tornaria dono de todo o ouro. Ao final da história, há a conclusão de que o tesouro prossegue em seu mesmo lugar. O texto é dissertativo, há nele três narrações e compõe-se pelo gênero conto. Apresenta-se a realidade das pessoas com poucas condições, que muitas vezes ao se deparar com um tesouro de grande valor, perdem suas virtudes e tem em si apenas o apreço à riqueza, por conta da falta que lhes apraziam.

APRECIÇÃO CRÍTICA

Apresenta-se na obra, uma trama bem delineada, bem definida e que traz consigo conflitos verossímeis, porém, com a realidade descrita na obra como fictícia. É inovador, com relação a temática abordada e também, pela maneira que se retratou o conflito entre os irmãos e o fato desencadeador do conflito presente no ato de comer os alimentos encontrados. Demonstra-se de maneira explícita, críticas e temáticas sociais como a fome, a luxúria, o ego, que fazem parte do ser humano, mas que são valores explicitados em momentos de maior emergência. Por essa razão, a trama é linear e lógica, não existem inconsistências no decorrer dela. Contudo, poderia existir uma relação concreta, de maneira explícita ao final do conto, com mais detalhes do que ocorreu com os irmãos e como o tesouro prosseguiu, se esteve da mesma maneira ou com alguma maldição com quem fosse o próximo a encontrá-lo. Não é preciso ter conhecimento para acompanhar a obra, pois no começo explicam-se os contextos e as personagens. O texto é fluído, a leitura é instigante e torna curioso o leitor que o lê, pois a cada numeração, há uma relação de continuação, não há como compreender a parte 2 do texto, sem existir

compreensão da parte 1 do texto. A linguagem utilizada é uma mistura entre coloquial e arcaico, pois em alguns momentos há o uso de gírias, jargões e em outros há termos polidos, porém, apesar de existirem alguns termos de compreensão difícil, aproxima o leitor a uma realidade divergente, por ser um texto que tem a pretensão de demonstrar uma narrativa com a estilística medieval e do campo, faz com que haja maior interesse do leitor. O narrador é observador e onisciente, em terceira pessoa, pois além de observar, ele narra os fatos e há o conhecimento das personagens e contextos. Os personagens são gananciosos, críticos, expressam a realidade de maneira implícita sua visão de mundo mediante duas realidades: a de extrema pobreza e a de extrema riqueza, juntamente com a ganância por trás de tal tesouro encontrado. Os diálogos são verossímeis e descrevem a realidade; os diálogos, apesar do uso da linguagem rebuscada, demonstram a maneira como os falantes agiriam na vida real. O vocabulário das personagens é adequado ao contexto em que estão presentes. A narrativa é curta, apenas há três falas de personagens, mas isso não torna inadequado o texto. Recomenda-se a leitura por pré-adolescentes, adolescentes e adultos, por conta dos temas abordados e a linguagem utilizada. José Maria de Eça de Queiroz, foi diplomata, cônsul e escritor, além de romancista, que conquistou a fama internacional em sua época. Foi criado pelos avós paternos, estudou em colégio interno e ingressou no curso de direito pela Universidade de Coimbra. Sempre esteve ligado aos movimentos estudantis, e exerceu sua profissão de advogado por algum tempo. Foi também jornalista, e na carreira literária, iniciou com a publicação de folhetins.



TIPOS DE

CONFLITOS

A estrutura do enredo de uma história geralmente é moldada em torno de um conflito envolvendo o protagonista. Esse conflito pode ser interno (dentro deles) ou externo (contra outra força). Alguns tipos comuns de conflitos incluem o seguinte:

Personagem Vs. Personagem



O protagonista enfrenta um conflito com outra pessoa (geralmente um antagonista).

Personagem Vs. protagonista



O protagonista enfrenta uma luta interna dentro de si.

Personagem Vs. Sociedade



As crenças e desejos do protagonista diferem da 'norma' ou não são aceitos na sociedade por algum motivo.

Personagem Vs. Natureza ou meio ambiente



O protagonista enfrenta ameaças à sua sobrevivência ou segurança no ambiente natural.

Personagem Vs. Poder sobrenatural



O protagonista enfrenta uma força sobrenatural como deuses, fantasmas, alienígenas, destino ou religião.

POR ISABELLA SOZZA

A PEQUENA VENDEDORA DE LIVROS

PROSA



A noite estava chegando — o frio era intenso... Nevava... Era véspera de ano novo e todos da cidade estavam com suas famílias, todos aproveitando, com seus vinhos e sua fartura. Era a cidade de São Joaquim, fria e escura. Ao caminhar, observou-se uma pequena menina: pobre, descalça e sem nada para retirar a dor e o sofrimento que o frio lhe trazera. Ao sair na rua, estava com os antigos chinelos de sua mãe, enormes, tão enormes que um de seus chinelos havia se perdido no caminho e o outro foi roubado por um garoto que lhe dizia que quando tivesse algum filho, usaria aquele chinelo como berço. A menina se chamava Bella, procurou em toda parte seus chinelos e pertences, mas sem sucesso. Bella atravessou a ponte, seus pés já estavam rachados de frio e já não aguentara andar mais, sentou numa pedra perto da escola em que estudara quando ainda tinha uma família, mas foi abandonada e hoje tem de viver por si. Bella, estava com uma sacola vazia, faminta, com frio e cansada. Procurou se abrigar na escola até que o inverno passasse. Lá encontrou muitos livros, deixou-os dentro de sua sacola e descansou. Bella era ruiva e sempre apreciou a leitura, então no inverno a beleza de seus cabelos não apareciam, apenas no calor demonstrava a cor de fogo mais ardente e viva que se observasse. Ninguém se preocupava com ela, quando passava pelas casas formosas de Santa Catarina, com o desejo de encontrar alguém que realmente se importasse, as pessoas viravam as costas para ela. Pobre Bella, demonstrava a face da tristeza e da solidão, mas trazia consigo os livros que em alguns momentos parava para vender e ler. Mas, sem sucesso, apenas os lia mesmo. A neve ainda era intensa, e os flocos prendiam em seus cabelos encaracolados, que caíam suavemente sobre seu pescoço, mas ela não se preocupava com sua aparência, mas apenas com a intensidade de seus sentimentos e a dor ardente que a vida lhe trazera. Em cada janela que passava, a luz da felicidade alheia reluzia em seus cabelos, o cheiro e a imagem de famílias felizes espirravam em seu rosto como óleo ardente. Ela só pensava no fato de ser véspera de ano novo e estar sozinha, sem alegrias e com a dor de não ter ninguém que fosse o seu “sol”. Bella parou para descansar na rua Urubici, o famoso Hotel Minuano, mas ninguém a deixou entrar, então sentou na frente do hotel. Mas, estava tão frio que não poderia retornar a sua antiga escola. Bella não tinha ninguém, nem amigos, nem família, mas, o líder do hotel, ao ver a menina passando frio a deixou num quarto abandonado nos fundos do hotel. A cidade estava sem energia, por conta das questões climáticas, então a menina falou:

— Mas bah, preciso me esquentar de alguma forma tchê, quem dera se tivesse chimas, seria tri. Já sei, vou acender um fósforo que guardei arrecém e ler os livros que peguei na escola. Logo, vou me arrancar daqui tchê.

A menina puxou os fósforos e os acendeu. Ela espirrava enquanto queimava, pois a cada momento adoecia mais rápido. Ao começar sua leitura, surgiu uma luz intensa e estranha em um dos livros. Bella nunca imaginou que estaria num hotel, sozinha, com apenas a companhia dos seus livros. No momento em que abriu outro livro, a luz dos fósforos apagou e apenas a luz presente na mágica dos livros, ficou. Ela riscou outro fósforo, mas no momento em que acendeu novamente, o livro ficou transparente como um véu, com a beleza de ouro maciço, era algo inimaginável que tinha uma beleza tão profunda que todos aqueles que observassem tais transformações, teriam a lembrança de suas memórias esquecidas ao longo do tempo.

— A la putcha tchê! Tri legal, está muito bonito... Nunca vi algo tão bonito em minha vida! Mas, como isso pode ter acontecido? Deve ser balaca... Estou baixada, é bucha não conseguir distinguir o real do imaginário...

A partir deste momento, a luz presente no livro deixou o quarto inteiramente aceso, e a cada momento que ela lia alguma parte do livro, seus desejos mais profundos apareciam em sua frente materializados. Todos os fósforos desapareceram como mágica e apenas ficaram os livros com sua beleza mais profunda.

— Mas bah, vou abrir este livro de contos... “se você gosta de galinhas assadas...”

Apareceu neste momento, comidas fartas. A menina se surpreendeu e ficou emocionada, pois estava com muita fome. O frio havia cessado, neste momento sua fome também. Agora, ela abre um livro sobre contos de fadas...

— Bah, vou ler este que tem uma fatiota... “O amor de seu pai a deixara viver mais um pouco...”

Neste momento, pessoas bateram na porta da menina que estava chorando, pois lembrou de seus momentos passados. Havia seis pessoas, todas a abraçaram e quiseram ficar com ela. Neste momento a luz do livro se cessou, a escuridão veio á tona... A menina não estava totalmente feliz, então saiu correndo de dentro de sua casa a procura de sua luz. O fato das luzes mágicas apagarem misteriosamente, mostrou a menina que alguém querido estava em seus últimos dias... Ela foi correndo, incessantemente, até encontrar o que faltava... Chegou na rua leonel machado, o restaurante estava vazio, mas andando, a menina encontrou uma carta empoeirada:

— “Cara bella, sei que algum dia você lerá esta carta, por isso estou deixando aqui, no lugar em que sempre íamos, apesar das distâncias, sei que eu ainda existo dentro de você... A distância é realmente algo triste e talvez imperdoável, mas muitas vezes pode ser curada com mínimas ações... Nestes tempos, tentei de procurar em todos os cantos da cidade, nunca te achava e ninguém nunca sabia me informar sobre ti... Então, agora, me despeço permanentemente... Para mim, a jóia mais rara da vida seria ter você de volta...” Bella ficou em prantos, mas entendeu. Então escreveu um livro sobre as memórias afetivas que ainda sobravam. Após terminar, o leu em voz alta, todos da cidade puderam escutar, assim que terminou se tornou ouro puro, bella esticou as mãos e deixou o livro no local. Na madrugada seguinte, a menina, já consumida pelo frio, abraçada com um de seus livros, proferiu as seguintes palavras: — Eu estava tentando me aquecer, mas o fogo de minhas palavras consumiu meus últimos prazeres da vida.

A menina tornou-se dura como uma estátua, prateada e com seus livros transparentes e belos como vidro, suaves como flores. Todos da região viram a menina, choravam, mas não se esmaeciam. Ninguém imaginara as maravilhas que a menina tinha visto por conta do amor de seu coração, proferido nos livros. Porém, o esquecimento da menina foi um de seus piores pesadelos. Era ano novo, e a cidade tornou-se uma simples estrela com pingos de sangue representados pela dor da menina.

CRENCIAIS DO AUTOR

Isabella Sozza:

Mestranda em Letras – Língua, Literatura e Cultura Italianas pela Universidade de São Paulo. Bolsista CAPES-DS – Processo nº 88887.801223/2023-00.

Commerce 2 You

INCENSÁRIOS



INCENSÁRIO

Incensário Cascata
Mão de Buda
+ 5 Incensos Brinde



INCENSÁRIO

Incensário Cascata
Mão de Buda
+ 5 Incensos Brinde



INCENSÁRIO

Incensário Cascata
Lago de Peixes + 5
Incensos Brinde

A magia da vida

Quem não se encanta com a beleza proporcionada pelo efeito cascata do incenso backflow? Ao mesmo tempo cativa aos olhos, cativa ao nariz e ao espírito. Ele vem em formato de cone e pode ser encaixado em incensários específicos para o efeito cascata.

PARA ADQUIRIR:

clique aqui



www.commerce2you.com.br

ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

REPENSE!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

No "pedacinho" da madrugada mesmo com meus olhos
dormentes, consegui abrir

Total escuridão foi o que pude sentir

Súbito, ora abertos, ora fechados, percebi algo florescer

Sim! Como uma poesia linda! Bem ao meu lado você!

Devagarinho, inibido, meu corpo foi se aproximando

Do movimento consegui aspirar seu perfume de amor

Consciente zanguei com o coração por estar mesmo sonhando

Mas fui acalmado para aproveitar o "ardente" calor

De mansinho, aos poucos, senti-me acordando

Da sugestão procurei melhor perceber tamanha felicidade

Sem resistir, a seguir, permaneci chorando

Por constatar ser mesmo um sonho e não um viver de verdade

Amorzinho! Se é que assim ainda a posso chamar

Repense, rapidamente, sua decisão

Pois não consigo a outra pessoa amar

Posto que você está "embalsamada" em meu coração

O BELO "BROTO" DA FLOR

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Na simples peça de cerâmica plantada
O "brotar" das flores se mostra um tanto esvoaçado
Abrindo com ternura espaços
Para o "broto" com sua beleza surgir no deixado rastro

Rapidamente olhos se manifestam encantados
Cada folha refletindo em detalhado luminar
Clareando os raros "pedaços" para a belíssima flor aflorar
Deixando nós apreciadores aquele forte desejo bem apaixonado

Ao fenômeno apreciar, recolhi meu entusiasmado olhar para
algum lugar

Súbito, inúmeros pedidos para que deixasse justamente o
pensamento sonhar

De tal forma que, aquele "broto" se materializasse em você
E pelo menos, nessa imaginada transformação pudesse com
alegria te ver

Qual foi minha surpresa nessa dita orgia
Por tornar-se realidade minha grande fantasia
Proporcionando-me a chance de apreciar a "menina" que desejei
Por ser a figura daquela que sempre amei

PODE CRER!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Você com esse olhar travesso... bem "zangada"
Cabelos soltos... revirados... mal penteada
Sem saber superar expressões com os lábios entre si mordendo
Deixando fugir o bom humor ou talvez dele se esquecendo
Pode crer! Normalmente pode nos deixar sofrendo

Assim, abraço-me ao eterno carinho para dessa "zanga" cuidar
Das palavras agressivas sozinho deixo-as "mornar" na sabedoria
Procurando mostrar que na gente tudo pode acontecer em algum
dia

São simples palavras soltas sem o verdadeiro desejo em
"machucar"
E, no final, faço tudo para que você possa sentir como é gostoso
assim se amar

TODOS OS DIAS AS "IDEIAS" ...

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Ah! Permaneço!

**Nada importa, "ideias" antigas, conservá-las até agora
Desse jorrar de lembranças nunca me esqueço
Elevado sussurrar aos meus ouvidos em cada momento... hora...**

**Por imaginadas, transformam-se em sonhos que vivo a sonhar
Se "deitam" lá no horizonte como pérola a nos encantar
Admiração minha? Confesso sem parar!
Por entender tais preciosas joias ao meu interior "aguçar"**

**Quão lindas "ideias", como Estrelas, lá longe cintilam vagueando o
brilhar**

**A exausta escuridão se curva agora matizada pela Luar com sua
luminosidade**

**Meus olhos, assanhados, se animam a olhar
Por reconhecer, lá na frente, outra vida com tamanha felicidade**

Ah! Permaneço!

**Por imaginadas, transformam-se em sonhos que vivo a sonhar
Quão lindas "ideias", como Estrelas, lá longe cintilam vagueando o
brilhar**

Deixando-me crer que delas, por propósito, jamais as esqueço

HOJE O SENTIMENTO! POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Cansado me mostro estar das "lembranças"
Desejoso, expresso o quem dera "todas" estivessem agora como
esperança
De algo valioso acontecer
Ainda neste viver

Cuidados maiores seriam adequados nas execuções
Evitando nos "Pedaços da Madrugada" os pedidos de tantos perdões
Promovendo o aflorar da simplicidade
E bem certo estar encharcado de felicidade

Amado, então, em destaque seria um projeto mais cuidadoso
Com você somente no "solo" aveludado, caminho maravilhoso
E aí sim, maior volúpia para o que der e vier

Chorado... que pena... se deitou sobre mim este raro tema do soneto
Mas confesso que da vida sobrevivi sobre vários desses "espetos"
Graças a você ainda estou por sempre estar ao meu lado, como a
grande e corajosa mulher





Joaquim Cândido de Gouvêa: Economista, aposentado no Banco do Brasil S.A., é também escritor; romancista, poeta, letrista de música, tendo atuado junto à melodia com o Emmanuel Henriques de Castro e com a outra parceira Renee Brazil. Considera-se um contador de belas histórias de amor.

Como poeta, participou em variadíssimas coletâneas e antologias de poesia publicadas no Brasil envolvendo-se também em alguns Concursos Literários. Em destaque, a Menção Honrosa concedida ao seu poema no Livro VII Prêmio Marcelo de Oliveira Souza - Dr. Honoris Causa em Literatura.

Mensalmente, publica poemas na REVISTA CONEXÃO LITERATURA.

No exterior, participa do projeto da Editora Colibri, no Livro MUNDO(S), com outros 20 poetas portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, onde começou na Edição 6 e atualmente encontra-se na Edição 23.

Com grande emoção recebeu o Certificado de Honra ao Mérito, em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil.

Participou da MESA DE DEBATES em Lisboa - Portugal, do Tema "Escrevo Por Quê" adicionando o poema "Porque Escrevo".

Com imenso orgulho ocupa a Cadeira número 203, como Acadêmico na Academia Internacional de Letras e Artes de Cruz Alta, no Brasil, Estado do Rio Grande do Sul.

Na edição de Livros possui seis Livros. Quatro de poemas e dois romances.

- "Mais do que Buquê" e "Acredite... Nada Importa Sonhar... Acredite!" na Editora Trevo, no Brasil - Poemas;
- No "Caminhar" e "Sentimentos... Amor... Saudade"... na Editora Poesia Impossível em Lisboa - Portugal, do Grupo Editorial Atlântico- Poemas;
- Ardente Encontro e Seis Meses, na Editora Astrolábio em Lisboa - Portugal, do Grupo Editorial Atlântico - Romances.

Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições



acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves



Literatura

 **Literatura de autoria feminina:**
o caso
Maria Judite de Carvalho 

POR JUAREZ DONIZETE AMBIRES

Maria Judite de Carvalho é um dos grandes nomes da Literatura Portuguesa do século XX. Nasceu em 1921 em Lisboa e morreu em 1998 na mesma cidade, onde viveu a maior parte de sua vida. Em 1949, casou-se com o escritor Urbano Tavares Rodrigues (1923 a 2013), um dos representantes do Neorrealismo português. Com ele esteve unida por quase cinquenta anos. Dividiu-se, no entanto, entre o casamento e outros compromissos. Um deles foi a vida de profissional da imprensa. Neste meio, foi secretária, redatora e chefe de redação da Revista Eva, periódico ativo na vida cultural lisboeta até final dos anos 1960. Ligou-se também ao Diário de Lisboa. Nestes veículos, trabalhou e deixou grande contribuição como escritora. Na revista e no jornal, surgiu e publicou-se a cronista que foi sensível e profícua. A escritora dedicou-se também a outros níveis de literatura. Este segundo universo, viveu-o com disciplina e variedade de gêneros. Sua produção alcançou a poesia, a prosa e o teatro. Destacou-se, porém, na prosa. Há tempos, a crítica já a aponta como grande expressão do conto português contemporâneo.

A personalidade de Maria Judite fechava-se à atenção dos circunstantes. Era tímida, às vezes arredia, fechada em si mesma. Faltavam-lhe às propensões ao riso ou às cordialidades que o social pede. Não era, todavia, pessoa de natureza agressiva; longe disto. Naturalmente, sua interioridade alimentava-se mais de si ou de uma sofrida autossuficiência. Foi expressão de caráter fundamente introspectivo. Urbano Tavares, em depoimento sobre a esposa, fala da sua contenção de sentimentos. O fato, no entanto, não lhe inibia a expressão da alma generosa, delicada, mas sempre com medo de mostrar-se. Diz ainda que a educação austera a fizera assim. Para ele, a ausência dos pais em sua formação e vida muito a marcará. Os genitores haviam partido para a Bélgica em busca de melhores condições de vida. Emigrar fora a única opção de muitos durante os longos e sombrios anos salazaristas. O feito fende-lhe a vida. Para ela que ficara em Portugal, referências familiares foram tias paternas muito recolhidas. Foi por isto mulher grave que testemunhou universo feminino marcado pelo luto, pela (auto) repressão.

Neste quadro, temos o reflexo de um conservadorismo que se funde ao quadro da ditadura. Parceiro correlato dele foi ainda um catolicismo também conservador, muito austero com todos e não menos com as mulheres. Rígido também era à época o ditador, sempre pedindo austeridade, contenção e se oferecendo como exemplo. Em seu ascetismo, repetia os mesmos gestos e práticas de uma vida de ermitão. Parecia acompanhá-lo ainda a crença na imutabilidade do tempo e, segundo Saramago, esta foi a causa de sua morte. O conto “A cadeira” nos dá notícias disto. A comunicação se faz por sátira bem urdida, na qual o ditador é vítima de si mesmo. Na sua vez, o cupim ao pé da cadeira é o símbolo do tempo que passa, das mudanças em curso mesmo que não aparentes ou desejadas, solapando a segurança. Não se quer, com isto e porém, lançar a Maria Judite a sombra da adesão ao conservadorismo político. Dificuldades de comunicação não podem (não devem) ser tomadas como expressão deste traço. Na obra da escritora, há um desnudamento da hipocrisia social que impede a associação.

Na vida pessoal, Maria Judite está muito marcada pela morte. Entre os seus quatro e quinze anos, perdeu os entes do seu núcleo familiar. De sua vida foram-se as tias que

dela se incumbiram. Foram-se ainda o meio irmão e a mãe que permanecera emigrada. Já nos seus quinze anos, é a vez do pai como causa de tensão. Devido à ausência de notícias por largo tempo, é dado como desaparecido por autoridades belgas consultadas. O fato finda trágica sequência de perdas, mas com ela em definitivo se fixa uma personalidade. Os traços principais dela são a reserva, a introspecção, e Urbano, o marido, partilha da mesma impressão e a exprime no depoimento referido. Na vez dela, a vida, depois de reelaborada, contará mais tarde com a literatura para dar vazão a si mesma. A arte acontecida não é autobiografia ou memória, mas não seria possível dissociar por completo os fatos. O caso Maria Judite é expressão desta impossibilidade. Seres emparedados, circunscritos a si mesmos, céticos ou desencantados aparecem como personagens e nos levam a pensar em certo transporte, em certa realocação.

O fato leva a autora a ocupar lugar único na Literatura Portuguesa. Depois de Maria Judite, não há nela outro autor tão introspectivo. Em paralelo, a autora representa um universo que se expande. A literatura de Portugal conta na segunda metade do século XX com diversas autoras, e Maria Judite é uma de suas mais talentosas. Elemento que também a destaca no conjunto das escritoras portuguesas é haver dado detida atenção ao universo feminino. Muitas são, diríamos, suas mulheres, em um universo que pende para elas. Os homens também estão nele, mas sempre em número menor e têm de com isto se contentar. Na escrita de Maria Judite, a presença é feminina e a reflexão construída é para a mulher e sobre a mulher. A marca de todas é a solidão, e suas vidas cotidianas processam-se nos seus fatos e sem abrandamentos. Os homens que as cruzam também suportam esta lógica. Em nossa leitura, têm consciência dela, tal como as personagens femininas e não conseguem rompimento. Também para os homens, a vida é triste e os acontecimentos sobre eles se precipitam sem complacências do destino.

Em Maria Judite, a vida não nos é simpática. O sofrimento é natural e habita os espaços humanos, particularmente a nossa interioridade. A autora, contudo, não assume por meio das personagens um discurso de autopiedade ou autocomiseração. Que o digam mais explicitamente suas personagens femininas que em sua escrita superam em número e densidade as masculinas. Rosa, Anica, Mariana, a avó Cândida, Clara e muitas outras são casos cotidianos de um mundo sem grandeza, mas de grande isolamento e alguma resistência. A personagem feminina com câncer de útero é, em Maria Judite, o exemplo maior do mesmo insulamento. Ela é o feminino mergulhado no mais recôndito feminino. Suas mulheres são ainda a expressão de uma consciência na qual a solidão é a essência do humano. Doutro modo, seriam as habitantes de um mundo no qual os caminhos não se cruzam. As pessoas e os caminhos são muitos, mas a solidão é a certeza. Mariana, personagem do livro inicial da autora, é alertada sobre o fato. Em seu interior, existe a consciência de uma condição que nos é a natural.

A falta de reação, contudo, não significa conformação, indiferença ou crença em determinismos. Os viventes de Maria Judite carecem do poder da comunicação, e o mundo não confabula para os ajudar. Todos estão em sociedade, mas cada um deles em um casulo invisível, tecido de fora para dentro. Neste sentido e na força da imagem, a metamorfose não se completa e o nosso mal somos nós mesmos. A mesma perspectiva

por isto não traz para os enredos a presença de mulheres vinculadas à luta feminista tão em voga a partir dos anos 1960. Não se tome, todavia, a atitude como alienação. Mundos minoritários são conhecidos de Maria Judite e o das mulheres, imensamente. Ela preferiu, contudo, em sua literatura dar-lhe outra roupagem, o que lhe é de direito. Comprou, todavia, antipatias pela opção. Várias mulheres criticaram-na negativamente por isto. Entre elas, estão algumas das que em suas vidas e escritas falam em emancipação da mulher e de direitos iguais. O Portugal posterior à Revolução dos Cravos vai elaborar esta crítica. No presente, contudo, as diferenças estão apaziguadas.

A literatura de Maria Judite traz a influência do Existencialismo francês. A autora conheceu bem a vertente ateia do movimento, como ainda a católica. Em sua obra, todavia, é maior, parece-nos, a influência de Sartre e Camus, o lado ateu do movimento. Também conheceu Simone de Beauvoir, mas não se associa à sua visão engajada, militante, que viu o maio de 1968 como irrevogável. Do Existencialismo trouxe os seres emparedados a que já nos referimos. Trouxe também o sentimento do absurdo que habita todas as vidas. De lá vem ainda, cremos, a ojeriza à hipocrisia social, prova dos desvios da vida burguesa que Sartre soube tão bem criticar. De modo indireto, mas constante, a galeria dos retratos presente em *A náusea* se estende na escrita de Maria Judite. Estendem-se ainda críticas diretas e indiretas à ordem burguesa corrompida, muito opressora especialmente das mulheres. Dez anos na França ajudarão a apurar a visão compartilhada. De 1949 a 1959, auge do Existencialismo, morou em Paris, onde o marido trabalhou como lente de Português e a escritora despontou com o conto.

Na mesma França, conheceu ainda o movimento do *novo romance*, na sua vez também influenciado por Sartre, Camus – autores existencialistas já citados – e Virgínia Woolf. Com o fato, a tensão psicológica, a introspecção se tornam ainda mais evidentes nos enredos construídos pela escritora. Maria Judite não chega, contudo, ao fluxo de consciência que caracteriza o novo romance, como também o cinema da Rive Gauche. Apega-se à realidade, mas a deixa tão crua em seus enredos que, em nossa leitura, parece fixar em sua escrita algo de alucinado. Neste sentido, sua escrita e a do marido parecem estar em oposição. Urbano Tavares é representação do Neorrealismo, expressão que dialoga com o Realismo do século XIX e se engaja nas causas sociais do XX. No caso português, é oposição declarada à ditadura e apoia-se em visão de mundo mais à esquerda. A escrita de Maria Judite na vez dela se afasta da luta de classes. Centra-se, no entanto, no indivíduo, nos seus fantasmas e silêncios, no isolamento que lhe é natural. Com isto, quer dar forma ao nosso vazio e, com o ato corajoso, nos assusta.

A escrita de Maria Judite incomoda; pergunta quem somos por meio de suas personagens femininas tão sofridas, mas de muita altivez e coragem. Na existência, “o que faz sentido” é a outra pergunta que palpita e circula nas linhas e entrelinhas dos enredos. Em *Tanta gente, Mariana* que é seu livro de estreia, publicado em 1959, estas marcas já estão presentes, já se validam como opção estética e de vida. A mesma expressão em nossa análise está em sintonia com o Existencialismo que lhe é, como vimos, contemporâneo. Está ainda, em busca mais recuada, em diálogo com Kafka e a sua *Metamorfose*. Voltando ao século XIX, está na linha da adesão ao discurso

introspectivo de Stendhal e Flaubert. Há por isto uma linha no tempo que a acompanha, que lhe garante um histórico, que não a faz perder-se em si mesma. É preciso por conta do fato em nosso presente não nos limitarmos a aplicar apenas o adjetivo *intimista* à literatura de Maria Judite. Ela é algo mais e pede leitores atentos, com poder de análise e fôlego de leitura. Densidade de conteúdo e obra extensa justificam as últimas afirmações.

Lembremos ainda que a literatura de Maria Judite se irmana a outras. Referimo-nos no caso a algumas literaturas de autoria feminina que o século XX abriga. Já aqui citamos Virgínia Woolf, cuja obra dialoga profundamente com o feminino em forte tensão psicológica e social. Vale ainda lembrar outra escritora, cujo nome é Katherine Mansfield e cujo cerne de obra reside em personagens femininas em um contexto opressor, sempre desfavorável à mulher por conta do moralismo de gênero assumido pela sociedade. No Brasil, o nome que desponta é o de Clarice Lispector, com cuja literatura a de Maria Judite muito se irmana. Em cada um dos universos, entretanto, há traços únicos, específicos que a boa crítica sabe e bem destacar. Na atualidade, trabalhos na área de Literatura Comparada trazem à cena Clarice e Maria Judite e as entrelaçam. Os resultados de análise têm sido promissores. A escrita em Língua Portuguesa, entretanto, circunscreve as autoras, mestras do conto e o fato é pena. Ambas estão à altura das consortes inglesas, na Europa bem mais conhecidas e lidas que Clarice e Maria Judite de Carvalho, autora do nosso interesse.



Maria Judite de Carvalho – Foto divulgação

Juarez Donizete Ambires: Doutor em Literatura Brasileira pela USP; professor de Língua Portuguesa no Centro Paula Souza; professor de cursos de especialização das Faculdades Metropolitanas Unidas e da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. juarez.ambires@yahoo.com ; <http://lattes.cnpq.br/5231846291164013> .



Indicação de

FILMES

BASEADOS EM LIVROS

O Leitor (2008)

Madame Bovary (2014)

O Menino do Pijama Listrado (2008)

A Última Música (2010)

Histórias Cruzadas (2011)



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

A CASA DA BRUXA

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

Por Sílvia Grijó ♥

A - F - R - O - I - N - D - I - O - S...

Somos todos,
corpo, alma,
coração, sangue,
pele pintada,
"negra", "branca",
"amarelada",
somos (di)versos
total diversidade...
Tod'as nossas vozes
devem ecoaaarrrrrrr,
nossas diferenças
contagiar, alegrar, colorir,
envolver, se igualar,
se alinhar... RESISTIR...
Todas as nossas culturas
devem ser respeitadas,
nossos sabores e nossos
saberes cultuados...
Somos a essência
do uni(verso)...
Com ou sem melanina,
somos todos
seres únicos,
sem "categoria racial",
sem "linhagem",
sem "sangue puro",
somos misturas,
somos di(versos),
de almas multicores...



Por Sílvia Grijó

ALTO DA SÉ

No Alto da Sé
daquela janela
te vejo,
Quanta beleza
de ti emana,
teu cheiro
acorda meus eus,
Teus braços
chamam-me
Ao mais caloroso
e gostoso enlace,
A vivacidade do teu olhar
percorre o todo
do meu eu-geografia,
Tua bússola, aponta em mim
os mais longínquos pontos,
que já não são
mais inatingíveis,
Tua boca, convida-me
ao mais doce
e suculento beijo...

ÂNCORES NO MEU PORTO

POR SÍLVIA GRIJÓ

Ah, meu canoeiro,
desejo a tua canoa
passeando no meu rio,
teu remo faceiro
penetrando as entranhas
de minhas águas calmas,
acordando-as
em sutis e leves remadas...
Venha, meu canoeiro,
ancoras no meu porto,
desembarque descalço,
dispa-se de tudo,
tudo que possa nos incomodar,
caminhe lentamente,
sinta a carícia, o frescor
e a macies de
minhas areias,
sinta toda essa sensação,
percorra toda a minha rampa,
e, sem pressa,
deite-se na minha praia
sem adormecer
nossa noite...



SÍLVIA GRIJÓ – é natural de Anorí-AM, mora em Manaus, considera-se uma Aprendiz de Poeta. Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE - Edit. Palavra da Terra. É coautora em 05 E-books, 08 cordéis, 42 Antologias. É membro efetiva das confrarias- ACILBRAS, ALCAMA, ALACA, ABEPPA, ASSEAM e AJEB-AM. Integra o Grupo "Formas Em Poemas", atua nos Projetos - "Musicalidade Poética", "Literatura Caminhante", "Movimento Patologia Cultural". Foi condecorada com o prêmio "Arara Cultural 07/22 e "22º Prêmio Cidade de Manaus, 10/22". Graduada em Ciências Biológicas, Profa. Especialista, Fotógrafa. Sílvia Grijó acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.

POR BRENO LACERDA

OS BASTIDORES DO COLAPSO EM

CATEDRAL DOS MORTOS

DE VICTOR LEANDRO



Talvez ninguém tenha sido tão cirúrgico em nomear o dia catorze de janeiro de dois mil e vinte um como o escritor e filósofo Victor Leandro. Em 12/11/2022, no Piaf Restaurante e Café, localizado na rua 10 de julho, Centro histórico de Manaus, lançou o título de seu mais novo romance “*Catedral dos mortos*”. Designação precisa para uma tragédia que havia tempos caminhava à beira do rio Estige. Enquanto se falava do livro, a imagem do Teatro Amazonas surgia pomposamente contrastante à obra. Dali a alguns dias o monumento símbolo da cidade seria palco das comemorações natalinas organizadas pela prefeitura, que não ergueu um memorial às vítimas, não promoveu uma cerimônia de luto. Coube à literatura erguer um santuário, não somente aos mortos, mas às memórias deles ainda suspensas no ar.

De “*Catedral dos mortos*” deve-se primeiro ressaltar os sentidos imagéticos de seu título. Por *Catedral* entende-se que é a igreja principal de uma diocese, onde se localiza o assento episcopal. A origem da palavra remonta o ano de 1344, tendo raízes no latim medieval e funcionando como uma espécie de redução da expressão *ecclesia cathedralis*, para se referir à cadeira do bispo. A figura do bispo é crucial a uma catedral, pois ele é o responsável pelas filiais da região. Se vincularmos o nome do romance do senhor Victor Leandro ao conceito exposto, perceberemos que Manaus foi o centro das mortes no Brasil, uma matriz mortífera do vírus. Uma instituição só é considerada catedral pela presença do bispo, peça administradora. A tragédia dos respiradores possui seu clero, alguns estão em seus palácios políticos e outros foragidos. Assim, antes de folhearmos a primeira página, já estamos no epicentro das mortes e conscientes de que há um fator decisivo além do vírus; a omissão e o negacionismo de governantes. Mérito do autor, que soube condensar o artístico ao político no título.

Por outro prisma, o nome do romance evoca uma cerimônia fúnebre, anormal. Pois a morte não é encarada como processo natural da humanidade, ela veio subitamente e ceifando uma quantidade maior do que o esperado. O funesto usurpa o sagrado dos santuários dedicados a santos e a Deus, vilipendiando o escopo de uma catedral. A fé dá lugar à saudade e à ausência, os mortos são venerados, convocados; não pelo motivo de serem santos, é que o sangue ainda clama por justiça. Está claro que escolher um bom nome para um livro pode evitar prefácios longos e chatos. A obra em discussão mostra isso perfeitamente. Descobre-se numa expressão de três palavras uma introdução eloquente e poderosa.

Da leitura de “*A catedral dos mortos*” tive a impressão de ser uma obra que narra os bastidores da maior tragédia sanitária do Amazonas; claro, ficcionalmente. À época, vivíamos enclausurados devido às medidas de prevenção à Covid-19. Tudo que sabemos foi-nos dito pela imprensa, redes sociais, mensagens duvidosas do WhatsApp, pela experiência dos sobreviventes ou parentes das vítimas fatais. A obra nos enseja a oportunidade de entrarmos em certos lugares restritos dos hospitais, nos meandros do poder, embora não tão abertamente, compartilhar da exaustão de guerra dos profissionais da saúde, da luta dos pacientes a lutar contra a morte quase certa, a batalha inglória de tantos homens e mulheres que madrugaram nas filas pelos cilindros de oxigênio, o desespero de filhos e filhas, netos e netas, sem saber se o pai, a mãe, avó ou avô estavam

vivos. O romance nos conduz pelos caminhos inabitados da tragédia, fruto de suas pesquisas e imaginação criadora, esta tão necessária à literatura hoje.



Para colocar o leitor nos lugares mais recônditos da catedral, o autor foge de qualquer convencionalismo. Estrutura seu livro em quatro pontos de vista diferentes tratando do mesmo objeto ou realidade, a tragédia dos respiradores. Não o faz por acaso ou preciosismo, sua intenção é abranger os diversos setores afetados pelo colapso do dia catorze e tratar das pessoas impactadas pelas consequências da carnificina pandêmica. Temos a ótica de um médico, de um paciente, de um morador da periferia e um repórter. É tal estruturação que nos imprime a sensação de estarmos diante dos bastidores daqueles momentos, feito seres invisíveis transportados numa máquina do tempo.

Engana-se quem pensa que a pandemia tenha afetado apenas os mortos e seus familiares. O vírus foi um redemoinho, prejudicou todos ao seu redor. Na narrativa essa potência destrutiva ficou evidente. Washington David ou WD, como era chamado, é um médico de hospital público atuante nos piores momentos da crise. Por meio dessa personagem, representante dos profissionais de saúde, o leitor é exposto a todos os sacrifícios que a classe se submeteu para salvar vidas, mas ao mesmo tempo a armadura quixotesca se mistura à nudez dos medos humanos, às lembranças mais tenras, quando curar pessoas era um sonho heroico. Entre imagens do passado e esforço hercúleo, as questões políticas-administrativas entravam em cena pondo a solidariedade humana à prova.

Longe dos hospitais, um repórter acompanhado de seu parceiro de trabalho fica sabendo depois de horas de espera que a coletiva de imprensa foi transferida para um local a quilômetros dali. Por ser mais experiente que seu parceiro, cujos olhos ainda ardem de paixão pelo jornalismo, acaba advertindo-o de que situações desse nível são corriqueiras na profissão. A modificação do lugar era uma estratégia desmotivadora, a fim de demover os jornalistas na feitura de perguntas embaraçosas. Acontecia sempre nas épocas de calamidade. A história do repórter está cheia de eventos pouco escrupulosos

com políticos, de causos de anos de experiência. Por isso, esse personagem é durão, mal-humorado, calculista. As suas lentes nos relevam o mundo podre e sórdido da política manauara. Contudo, há uma cena que quebra as estruturas desse homem cascudo. Ao entrevistar um familiar de uma pessoa que está internada, presencia uma das cenas mais impactantes do romance. O familiar fica sabendo da morte de seu ente querido pelo celular e entra em desespero. Não há casca que não se rompa diante da morte e seus efeitos.

Marino é um paciente infectado com covid-19 apresentando sintomas de nível médio em evolução para grave. Sozinho no seu leito, pois no pico da pandemia não era permitido acompanhante, sente seu corpo enfraquecido, mas sua mente ainda está bem. Seus pensamentos e raciocínios eram seu último refúgio, recusavam-se ceder ao vírus. Homem de boa inteligência, por pouco não se tornara padre, apesar de conservar as lições de filosofia e teologia do tempo de seminário. De sua fortaleza, observa o trabalho de médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem, os quais se desdobram no atendimento. Perto de si os moribundos, de respiração lenta e profunda, outros gemendo por causa de dores lancinantes. Os corredores lotados e macas velozes cruzando as portas com novos pacientes, um cenário de guerra. Essa personagem luta para não perder a consciência e através de seus olhos observamos o caos interno dos hospitais, de pessoas morrendo sem esperança, de médicos inertes incapazes de produzir oxigênio. Uma passagem comovente e aterradora nessa narrativa é quando Marino, depois de um cochilo longo, pergunta à médica onde está o senhor educado e carismático cheio de projetos para a sua família. Depois de uma resposta evasiva, ele olha para um grande saco preto perto da porta, então entende tudo.

No coração da zona Leste, deparamo-nos com a história de Renilson. Sua vizinha está num estado crítico da doença, precisa de oxigênio o quanto antes. As alternativas que restam giram em torno da internação ou a busca por cilindros de ar. A primeira é praticamente uma chancela ao falecimento, a última é difícilíssima. A família é pobre e um cilindro era caro demais, sem falar nos preços inflacionados que as empresas cobravam. A única alternativa encontrada é vender a moto de trabalho, mas o veículo é velho e gasto. Renilson recorre a um agiota, ou melhor, traficante que faz agiotagem. Deixa sua moto como garantia e recebe um prazo de poucos dias na retribuição dos empréstimos com juros extrapolados, era o único jeito. A compra dos aparelhos de oxigênio mostra a ansiedade, agonia e apreensão de pessoas amontoadas na esperança de salvar a vida de seus familiares. Há a ganância e o objetivo inescrupuloso dos empresários em lucrar com a desgraça social. Renilson nos coloca nas agruras da periferia, na luta pela sobrevivência, ainda que esta envolva acordos espúrios e arriscados. Particularmente, esse ponto de vista é o meu favorito. A narração ganha em tensão, os tipos humanos são bem contornados, há equilíbrio de emoções e a ação flui de forma mais livre. A meu ver, é o ponto alto da obra.

“*Catedral dos mortos*”, de Victor Leandro me fez recordar vivamente o romance *La hojarasca*, de Gabriel García Márquez. A estruturação narrativa é muito parecida, embora os temas centrais não tenham pontos de contato. Porém o diálogo ocorre, no que tange

às escolhas narrativas, com obras de William Faulkner, pela multiplicidade de narradores. É uma nota a título de observação que faço ao livro aqui analisado. O autor não teve receios em mudar da primeira pessoa à terceira pessoa, no que teve êxito, pois não houve confusão. Existe um fio condutor entre as personagens, que sobrepuja a pandemia, é a devastação do descaso político. As autoridades evaporaram, tornaram-se invisíveis e as covas se multiplicaram. “*Catedral*” tem o mérito de ser a primeira obra a versar sobre uma das maiores tragédias do Estado do Amazonas. Ela está preñe de sinos gigantescos a soar os nomes dos mortos, a convocar uma procissão de velas acesas pelas lembranças.



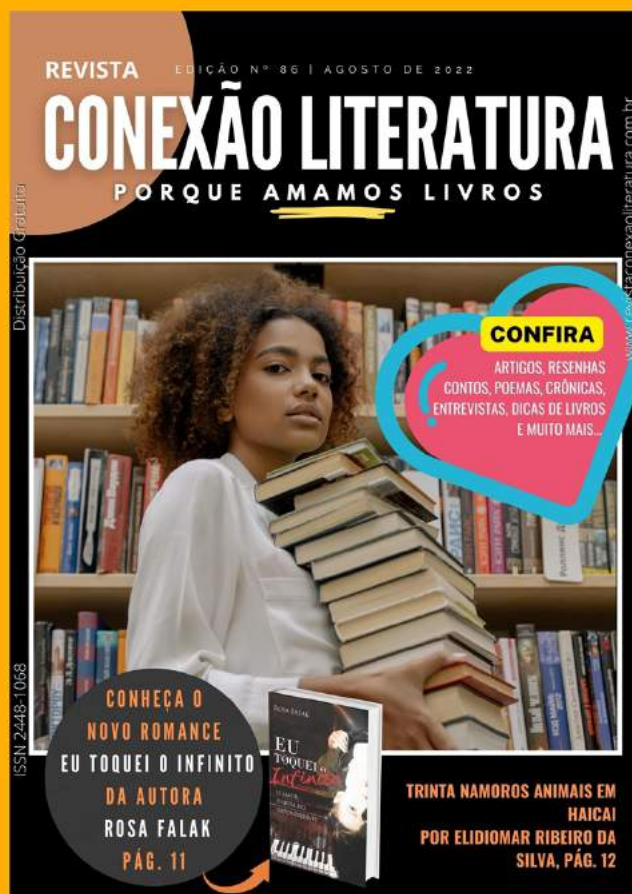
Breno Lacerda é graduado em Letras – Língua portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Trabalha como professor concursado da Secretária de Educação do Amazonas – (SEDUCAM).

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com



TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

ARTIGO CIENTÍFICO

CENSO DEMOGRÁFICO DO BRASIL: CONTAR PARA MELHORAR

Por Marcus José do Nascimento e Silva



Marcus José do Nascimento e Silva: Natural de Maranguape-CE, 45 anos de idade. Geógrafo (Licenciado e Bacharel) pela Universidade Federal do Ceará. Aluno de Mestrado do IFCE (PROFEPT-Fortaleza). Autor de quatorze livros publicados. Membro da UBT (União Brasileira de Trovadores - Seção Maranguape) e Membro Titular, Cadeira N° 20, Ciências, da ACLA - Academia de Ciências, Letras e Artes de Columinjuba (Maranguape).

RESUMO

Este artigo é uma breve reflexão sobre as condições geográficas, sociais e econômicas da população brasileira na atualidade, as quais nos são transmitidas, através do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Um trabalho que tem como questão cerne observar, a partir da importância desta pesquisa demográfica (censo), como minimizar o problema existente da fome, para a melhoria das condições de vida da nossa sociedade, por meio de um estudo bibliográfico histórico (teoria malthusiana), dos autores Abel Rodrigues e Luiz Eduardo Simões de Souza e Maria de Fátima Silva do Carmo, a partir da leitura de documentos oficiais, como uso de gráficos e informativos, extraídos de órgãos governamentais e não governamentais, para entender como está a renda per capita, a escolaridade, a mortalidade infantil e a expectativa de vida da nossa população, e que, certamente, produzirá, relevantes contribuições para os agentes públicos que atuam na prestação de serviços básicos para os milhões de habitantes, distribuídos nas cinco regiões político-administrativas do território nacional.

Palavras-chave: Geografia. Sociedade. Estatística. Qualidade de Vida.

ABSTRACT

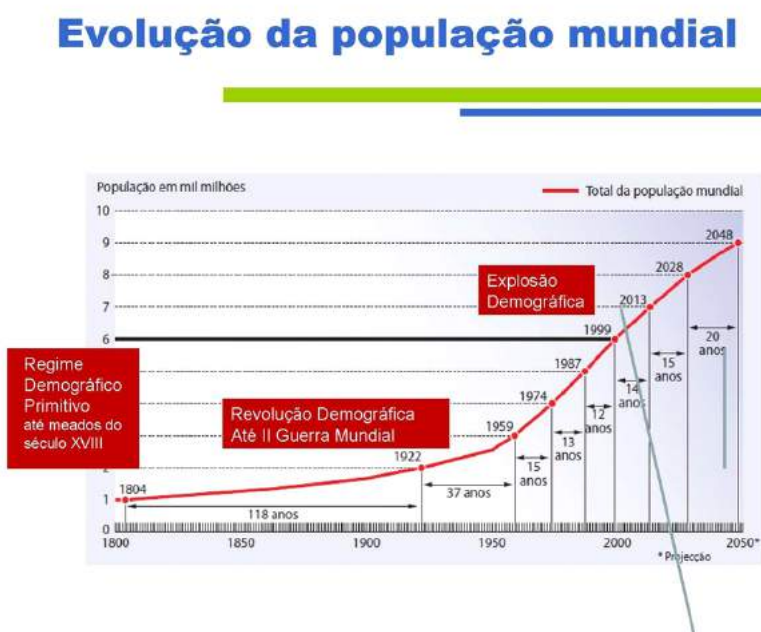
This article is a brief reflection on the geographic, social and economic conditions of the Brazilian population today, which are transmitted to us through the Demographic Census of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). A work whose core issue is to observe, from the importance of this demographic research (census), how to minimize the existing problem of hunger, to improve the living conditions of our society, through a historical bibliographic study (Malthusian theory), by the authors Abel Rodrigues and Luiz Eduardo Simões de Souza and Maria de Fátima Silva do Carmo, based on the reading of official documents, such as the use of graphics and information, extracted from governmental and non-governmental bodies, to understand how the per capita income is, schooling, infant mortality and life expectancy of our population, and which will certainly produce relevant contributions for public agents who work in the provision of basic services to the millions of inhabitants, distributed in the five political-administrative regions of the National territory.

Keywords: Geography. Society. Statistic. Quality of life.

1 INTRODUÇÃO

Trago, neste trabalho, importantes reflexões, para ajudar a compreender a sociedade brasileira moderna, a partir da intencionalidade inicial de se desvendar a contagem da nossa população. O desafio de contá-la não é dos dias atuais, mas de há muito tempo. O tempo cronológico aqui será apresentado e valorizado, colaborando para a pretensão daquilo que esta atividade propõe discutir. Prognósticos, previsões, análises, contabilidade, evolução de crescimento ao longo dos anos, décadas e séculos (figura 1), são debates realizados principalmente após o advento da Revolução Industrial, na Inglaterra, e com a expansão da urbanização na Europa, através do crescimento do comércio e das cidades. Os números, quando são utilizados de forma correta, em prol da coletividade, são deveras úteis.

Figura 1 - Evolução da população mundial



Fonte: Disponível em: <https://calameo.pdf-downloader.com>

Dentro deste contexto, incluímos a história do Brasil, que é dividida, segundo os pesquisadores e historiadores, em quatro períodos: Pré-Descobrimento (até 1500), Colônias (1500-1822), Império (1822-1889) e República (1889 até os dias atuais). Não apenas no Brasil mas em todo o planeta, a ideia de quantificar, em números exatos ou aproximados, a população, sempre foi um tema atrelado a várias questões - sociais, políticas, culturais, econômicas, ideológicas, entre outros. Não é à toa que temos vários estudiosos do assunto, que resolveram pesquisar o comportamento das pessoas, quantas vivem em um território, como elas vivem, como acontece esse crescimento, manutenção ou decréscimo do número de habitantes e o fluxo populacional de mobilidade no espaço geográfico. Análise complexa, porém, bem pertinente.

A Geografia, ciência social que surge, academicamente, na Alemanha (1870), antes descrita como a ciência que estuda as relações entre homem e natureza, tem nas relações entre sociedade e espaço, uma das suas atuais justificativas de existência. Em suas subdivisões, na tentativa de melhor definir seu objeto de estudo, temos a Geografia Humana (Geopolítica, Urbanização, Agrária, etc) e a Geografia Física (Clima, Relevo, Solos, Vegetação, etc). É nesse aspecto, de divisão para melhor compreender, sem perder a essência da sua integralidade, totalidade, que avistamos a Geografia sendo uma ciência social, que busca, de forma crítica, analisar a sociedade e contribuir, da melhor forma, para a mesma..

A demografia (do grego *demos*, povo, e *graphein*, escrita), sendo um dos campos do conhecimento científico que estuda os diferentes aspectos da população, utiliza-se de conceitos múltiplos e de indicadores demográficos para tornar real aquilo que se propõe a estudar. Daí temos conceitos importantes, como as taxas de *natalidade* e de *mortalidade*, bem como as taxas de *migrações*, que retratam bem essa questão. Conceitos esses significativos para a compreensão do crescimento populacional. Entender o comportamento e padrões da população mundial é um dos objetivos da demografia, que colabora, direta ou indiretamente, para a qualidade de vida dos habitantes. É o que veremos a partir de agora.

2 FUNDAMENTAÇÃO

Um desses estudiosos foi Thomas Robert Malthus (1766-1834), considerado o pai da demografia. Economista, matemático e pastor anglicano, defendeu a teoria malthusiana, como forma de explicar o crescimento da população e as consequências do mesmo para entendermos a sua dinâmica, segundo os autores Luiz Eduardo Simões de Souza e Maria de Fátima Silva do Carmo Previdelli (2017, p. 2):

O nome de Thomas Malthus é a referência mais imediata quando se fala da ciência da população. O autor do bicentenário Ensaio Sobre a População (1798) foi o principal divulgador de uma das mais intrigantes teorias do crescimento populacional. Seu pensamento influenciou desde coetâneos, como David Ricardo, até escolas de pensamento “neomalthusiano” de meados dos anos 1960 até os dias de hoje. Houve quem, como Marx, o considerasse um rele plagiador de teorias populacionais anteriores ao Ensaio.

Pesquisador, estudioso do comportamento populacional, Thomas Malthus afirmou, em sua teoria, que a capacidade de crescimento populacional é infinitamente maior do que a capacidade do planeta de produzir alimentos, justificando, assim, a existência da situação de fome e pobreza no mundo, pensamento este fortalecido nas palavras do autor Abel Henriques (2007, p. 3):

Assim, Malthus concluiu que o ritmo de crescimento populacional seria mais acelerado do que o ritmo de crescimento de alimentos (progressão geométrica versus progressão aritmética). Além disso, chegou à conclusão que no futuro as possibilidades de aumento da área cultivada estariam esgotadas, pois todos os continentes estariam completamente ocupados pela agropecuária e, no entanto, a população mundial continuaria a crescer.

A influência da Igreja pode ser observada de várias formas na sociedade, como, por exemplo, na política e na economia. Foi exatamente no Período Imperial do Brasil, a partir do ano de 1872, que ocorreram as primeiras contagens da população brasileira, feita de forma totalmente ligada à Igreja Católica, para contar os fiéis que estavam frequentando a mesma, como podemos analisar no pensamento a seguir, registrado na plataforma do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2007:

O primeiro censo no Brasil foi realizado em 1872. Até então os dados sobre a população brasileira eram obtidos de forma indireta, isto é, não eram feitos levantamentos com o objetivo estrito de contar o número de habitantes. As fontes de dados eram relatórios preparados com outras finalidades, como os relatórios de autoridades eclesiásticas, sobre os fiéis que frequentavam a igreja, e os relatórios de funcionários da Colônia, enviados para as autoridades da Metrópole. Usava-se, também, como fonte de informação, as estimativas da população fornecidas pelos Ouvidores, ou outras autoridades, à Intendência Geral da Polícia.

A contagem da população, historicamente, como podemos analisar na citação anterior, sempre teve relevância para os governos de cada período, em cada porção territorial do mundo, em cada nação, mesmo com interesses que não pudessem se relacionar com a questão sócio-econômica, propriamente dita. Porém, contar o número de habitantes, sempre foi encarado como um desafio, pois nunca foi uma tarefa simples, devido à dinâmica populacional que citarei neste artigo.

Com a criação deste importante instituto de pesquisa (IBGE), a partir do ano de 1938, esse censo populacional passou a ter um caráter mais direcionado para essa visão social, pois passou a ser realizado de dez em dez anos, a cada década. O Brasil, neste quesito, passou a assumir o seu papel de país recenseador, de bom exemplo para o mundo, como podemos analisar na reflexão a seguir, deste instituto, do ano de 2007:

O crescimento demográfico também aconteceu de forma desigual. No final do século XVIII, o Brasil possuía pouco mais de dois milhões de habitantes. Na época da Independência, cerca de 4.500.000, para chegar a sete milhões em 1850. O primeiro censo demográfico realizado no país revelava uma população de 9.930.478 habitantes. No final do século XIX, pouco mais de quatorze milhões e, em 1900, exatos 17.438.434 habitantes.

Exatamente no ano do primeiro censo demográfico realizado no Brasil, no último quartel do século XIX, o território brasileiro possuía quase dez milhões de habitantes, os quais, viviam, já naquele período e contexto histórico, de *forma desigual*, devido, entre outros fatores, a forma também desigual de uso e ocupação do espaço brasileiro, inicialmente feita pelo litoral açucareiro, a partir do século XVI e, em seguida, ocupando as demais áreas geográficas. A partir do ano de 2010, temos a realização do primeiro censo demográfico digital do mundo, realizado pelo governo brasileiro da época. Um avanço significativo para a busca desta compreensão social. Um investimento que visa entender, compreender, a realidade social da população brasileira. Esse conhecimento é geográfico, pensado na escola e na própria vida, refletido nas palavras do autor José Carlos Borges (2020, p. 7):

O conhecimento geográfico foi uma poderosa arma durante a história da humanidade. Antes mesmo de seu reconhecimento com disciplina, a Geografia ou, o estudo do conhecimento geográfico esteve presente em nossa vida, seja na busca por terras ou regiões durante as instalações dos povos primitivos, na dominação de um povo sobre o outro ou até mesmo durante o processo de expansão e colonização.

3 METODOLOGIA OU MATERIAIS E MÉTODOS

A quantificação é uma das formas de analisar a sociedade. A partir dela, sem a utilização de desvirtuamentos intencionais, é uma importantíssima ferramenta para a gestão pública, de um modo geral. Esse trabalho parte do princípio que todos esses dados

são resultados da confiança acadêmica e que tem o reconhecimento social da sua importância e veracidade, para a melhoria da qualidade de vida da população brasileira.

Através de mapas, gráficos, citações relevantes, tabelas, utilização de cálculo matemático e análises das mesmas, reforço a importância deste trabalho científico para refletir sobre a ocupação da população brasileira nesta segunda década do atual século XXI. Por exemplo, a densidade demográfica (Figura 2), que é a relação entre o total de habitantes de um lugar dividido por sua área, retrata situações como áreas que estão muito populosas (com a população muito numerosa, concentrada), como é o caso das metrópoles nacionais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Belo Horizonte, entre outras; ou áreas que apresentam vazios demográficos, como é o caso da Região Norte do Brasil, com áreas pouco habitadas.

Figura 2 - Densidade Demográfica

$$\text{DENSIDADE DEMOGRÁFICA} = \frac{\text{TOTAL DE HABITANTES}}{\text{ÁREA}}$$

EXEMPLO: UM DETERMINADO LUGAR TEM 1.000.000 HABITANTES E 300.000 KM²

$$3,33 \text{ HAB/KM}^2 = \frac{1.000.000}{300.000}$$

CONCLUI-SE QUE HÁ CERCA DE 3 HABITANTES POR QUILOMETRO QUADRADO

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br>

A densidade demográfica do Brasil, de acordo com o último censo realizado e finalizado (2010), era de 22,4 habitantes por quilômetros quadrados. Isso não significa dizer que, em cada quilômetro quadrado, moram 22,4 habitantes, porque é uma média geral. Existe uma grande disparidade de ocupação territorial no espaço brasileiro decorrente da 'invasão' desordenada que ocorreu em nosso solo, a partir do século XVI,

pelos europeus, principalmente. Esse é um dos problemas: os números tentam mascarar a realidade, onde essa, muitas vezes, é clara e evidente, estampada para todos.

Temos também o cálculo das taxas de natalidade e de mortalidade, como podemos analisar as figuras 3 e 4, respectivamente:

Figura 3 - Cálculo da taxa de mortalidade

Cálculo da taxa de mortalidade

$$\text{Taxa de mortalidade} = \frac{\text{n}^\circ \text{ de óbitos} \times 1000}{\text{n}^\circ \text{ de habitantes}}$$

Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br>

Figura 4 - Cálculo da taxa de mortalidade infantil

Cálculo da taxa de mortalidade infantil

$$\text{Taxa de mortalidade infantil} = \frac{\text{n}^\circ \text{ de óbitos no primeiro ano de vida} \times 1000}{\text{nascimentos}}$$

Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br>

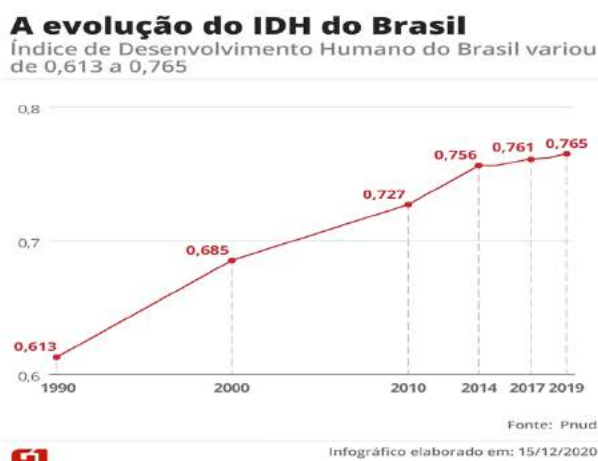
Segundo o IBGE, o crescimento vegetativo (Natalidade - Mortalidade) - principal fator de cálculo do crescimento populacional - e as migrações (Imigrações - Emigrações), continua positivo (N>M e I>E), seguindo em ritmo lento e estável até 2047. Ainda

somos, segundo o Banco Mundial, o quinto país do mundo em população, com 214,3 milhões de habitantes (2021). Isto significa, porém, que a nossa população continua crescendo em números absolutos, porém, de forma mais lenta, em relação, por exemplo, à década de 50 e 60 do século passado, em que conhecemos o período chamado de explosão demográfica, onde os casais tinham uma quantidade de filhos bem superior aos números da atualidade. Da mesma forma, as condições sanitárias, médicas, melhoraram significativamente, diminuindo, naquele período, a quantidade de mortes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O IDH, ou Índice de Desenvolvimento Humano, é um importante indicador criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 1990. É uma ferramenta importante para medir como as populações dos países vivem, nas questões sociais e econômicas, calculado de 0 a 1 - quanto mais aproximado de 1, melhor é o indicador de qualidade de vida da população do país. Através de quatro indicadores (renda per capita = renda por pessoa; expectativa de vida = tempo médio de vida da população; nível de escolaridade = grau de escolarização; e mortalidade infantil = crianças que morrem antes de completar 1 ano de vida), esse cálculo é realizado. Todos os anos, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) faz essa classificação, com o objetivo de incentivar os países para que os mesmos realizem investimentos nas áreas econômicas e sociais. No gráfico a seguir, a evolução do IDH no Brasil, a partir dos anos 1990.

Figura 5 - A evolução do IDH do Brasil



Disponível em: <https://g1.globo.com>

Em 1990, o Brasil ocupava o 79º lugar no mundo. No ano 2000, sua posição passou para 81º. No ano de 2010, ocupava o 93º lugar. Em 2019/2020, passou para o 86º lugar. Números importantes, porém, mesmo com o avanço do IDH ao longo dos anos, temos conhecimento das grandes disparidades que ainda assolam grande parte da população brasileira. São 33 milhões de pessoas passando fome no Brasil, o que motivou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ligado à Igreja Católica, a lançar a Campanha da Fraternidade de 2023 (Figura 6), com o tema ligado à essa questão:

Figura 6 - Fraternidade e Fome



Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br>

Sabemos da existência deste histórico problema, que afeta milhões de brasileiros, sem emprego, sem oportunidades. Também temos a consciência que o Censo Demográfico existe para conhecermos, através da pesquisa de aplicadores, como vive a nossa população, nos lugares mais longínquos que o nosso país possui - seja nas regiões de matas da Floresta Amazônica, nas Regiões Semi-Áridas da Depressão Sertaneja, nas extensões dos mais de 7.000 km de litoral banhadas pelo Oceano Atlântico, nas regiões periféricas dos grandes centros urbanos, etc. Dificuldades perenes de acesso que podem e

devem ser superadas, daí, a importância de cada brasileiro e da cada brasileira para mapearmos, mais uma vez, como vive a população brasileira. Estamos em processo de superação de um momento altamente crítico, de negacionismo exacerbado à pesquisa, ciência e tecnologia deste país, nos últimos anos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é fácil medir a qualidade de vida através de mapeamento, de Censo Demográfico. Mas é muito necessário. As dificuldades são várias, ainda mais, pesquisar sobre uma população, em números absolutos, tão numerosa, como é a brasileira, ainda mais, em um país com tantas diferenças de paisagens, raças, cor, espaços econômicos, entre outros. Esse artigo vem dar uma contribuição para refletirmos sobre esse tema.

Em tempos virtuais tão intensos, partes da realidade podem ser, rapidamente, conhecidas. Vivemos em uma sociedade da tecnologia, da informação, onde a velocidade dos fatos circulam e pede, no caso das desigualdades sociais, da população marginalizada, práticas eficazes, políticas públicas, que venham a, pelo menos, minimizar a situação de miséria deste grupo humano. É preciso incluir, dar acesso, oportunidades de geração de emprego e renda, se queremos um país mais justo para as pessoas.

Destarte, contar para melhorar é a razão principal deste trabalho. Fica menos complicado quando temos a noção real de quantos somos, onde e como vivemos, neste imenso espaço geográfico brasileiro; quais são as verdadeiras áreas de grande vulnerabilidade social, onde graves problemas, entre eles, a fome, não podem esperar.

6 REFERÊNCIAS

A EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO MUNDIAL. Evolução da população mundial - Revolução Demográfica, A II Guerra Mundial, Explosão Demográfica Regime Demográfico Primitivo até meados do século XVII, 2012. Disponível em: <https://calameo.pdf-downloader.com>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BORGES, José Carlos. Metodologia do ensino de geografia e seus desafios cotidianos. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, 2020. Acesso em: 13 mar. 2023.

CAMPANHAS, CNBB. Fraternidade e Fome. “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16). Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CENSO DEMOGRÁFICO. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil, 2007. Disponível em: <http://censos2007.ibge.gov.br>. Acesso em: 13 mar. 2023.

DENSIDADE DEMOGRÁFICA. Densidade demográfica: o que é, cálculo, função - Brasil Escola, 2010. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ESCOLAS KIDS. Taxa de natalidade e mortalidade: o que é, cálculo, no Brasil - Uol , Escola, 2015. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br>. Acesso em: 13 mar. 2023.

G1 GLOBO.COM - A evolução do IDH do Brasil. Portal de Notícias G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 13 de mar. 2023.

HENRIQUES, Abel. **A Teoria Malthusiana**. INSTITUTO POLITÉCNICO DE COIMBRA, Portugal, 2007.

SOUZA, Luiz Eduardo Simões de; PREVIDELLI, Maria de Fátima Silva do Carmo. - **Algumas considerações sobre a contribuição de Malthus ao Pensamento Econômico**. 13ª Conferência Internacional de História de Empresas - Rio de Janeiro, Niterói, 2017.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

BELOS POEMAS

VOL. II

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

VOL. II

BELOS POEMAS

E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

ENTREVISTA COM MEIRE MARION



Meire Marion

Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie* (2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021), *Dois Gatinhos* (2021) e *Think, Feel, Smell, See, Want* (2022). Colunista da *Voo Livre Revista Literária* onde escreve para os pequenos e jovens leitores. Diretora da UBE - União Brasileira de Escritores. Também participa de diversas antologias com poemas e contos. Gosta de lecionar, ler, escrever, cozinhar, viajar e gatos.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Meire Marion: Comecei na infância, com muita leitura (ia a biblioteca da cidade onde morava toda semana) e histórias em vários cadernos que serviam como diários também, porém só comecei a mostrar os meus textos (contos, crônicas, poesias, pensamentos escritos em inglês) no blog: *Meire Marion's Corner* em 2011. Os textos são em inglês, pois é a minha primeira língua. Só em 2018 tive a coragem de publicar um livro em inglês pela editora *Scortecci* chamado *Charlie the Fish*, texto e ilustrações minhas. Depois dessa experiência muito agradável não parei mais.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Think, Feel, Smell, See, Want” (Pensar, Sentir, Cheirar, Ver, Querer), publicado nas versões em inglês e português. Poderia comentar?

Meire Marion: Primeiro escrevi essa história em inglês. Como o meu livro *Charlie The Fish* foi adotado numa escola particular em São Paulo, costumo fazer encontros com os alunos após a leitura e muitos falam que sentem falta da tradução no final do livro. Assim, decidir escrever a versão em português no fim deste. É um livro para qualquer idade.



Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Meire Marion: Costumo dizer que tenho uma mente fértil. As vezes sento em frente do computador e começo a escrever. Quando paro de escrever, leio e fico surpresa com que leio. Neste caso poste a história no meu blog e o feedback foi muito

positivo. Quis que um ex-aluno meu, Pedro Higa, ilustrasse a história, que são primorosas. Ele conseguiu capitar a alma da história.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Meire Marion: Creio que seja o final. Não vou contar para não dar *spoiler*.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Meire Marion: Podem adquirir meu livro pela *Livraria Scortecci*, *Livraria do Mercado*, *Amazon*, *Magalu*, e *Estante Virtual*.

Os leitores podem saber um pouco mais de mim através das antologias da Editora Scortecci, Páginas Editora, e Revista Conexão Literatura. Também através da minha coluna na *Voo Livre Revista Literária*. E meu blog, escrito em inglês, *Meire Marion's Corner*.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Meire Marion: Atualmente estou focando na minha coluna na *Voo Livre Revista Literária*, minhas aulas, antologias e projetos da UBE. Mas nunca se sabe o que o amanhã poderá trazer.

Perguntas rápidas:

Um livro: *O Grande Panda e o Pequeno Dragão* de James Norbury

Um (a) autor (a): Haruki Murakami

Um ator ou atriz: Viola Davis

Um filme: *A Espera de um Milagre*

Um dia especial: 14 de julho

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Meire Marion: Eu gostaria de agradecer a Revista Conexão Literatura pela oportunidade de falar sobre o meu livro. E aos leitores, crie o hábito da leitura com as crianças próximas de vocês no futuro elas vão agradecer. Quinze minutos por dia, já faz uma grande diferença.



Ilustrador: Pedro Higa

ENTREVISTA COM MÓNICA PALACIOS



Mónica Palacios

Mónica Palacios é Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora, além de A magia está dentro e Crônicas da presença.

Entrevista



Mônica Palácios – Foto divulgação

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?



Mônica Palácios: Desde adolescente tive a sorte de conviver com uma avó e pai amantes da literatura. Continuei estudando, me formei em Letras/ Professora de Literatura e Latim na Argentina. Viemos a SP e revalidei na USP o meu diploma, defendi posteriormente o Mestrado e a partir desse momento, não parei de participar em lives, cursos de especialização, escrever livros e continuar estudando. Atualmente, participei de um curso sobre Lit. Feminina/Protagonista e o curso de dois anos de Thiago Novaes sobre estrutura do Romance.

Conexão Literatura: Você é autora de vários livros, poderia comentar?

Mônica Palácios: Sou autora de: LIVROS PARA CRIANÇAS, Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - Medos, nunca mais e A magia está dentro.

Para adolescentes ou adultos: A recepcionista e Crônica da presença.
Particpei em algumas antologias com contos, inclusive na Elos de Língua Portuguesa.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros que você acha especial?

Mônica Palacios: Tenho certeza de que você me entende. O mundo está aberto para senti-lo e vivê-lo intensamente.”...

Conexão Literatura: Você também ministra aulas e possui um site. Comente.

Mônica Palacios: Depois de minha formatura como docente, comecei a dar aulas de Espanhol e Literatura em diferentes escolas estaduais, particulares e até do Exército. Foi até vir morar no Brasil em 1975. No Brasil auxiliiei alunos no seu trabalho de fim de curso.



Trabalhei no CEL LEP como professora de Espanhol e participei na elaboração do material para o ensino de Espanhol.

Fui Coordenadora do Departamento de Espanhol de outro Instituto de Línguas. Comecei a dar aulas particulares via skype: www.espanholviaskype.com.br com uma metodologia própria que tem apresentado excelentes resultados. Acreditam que alguns alunos/as estão se apresentando em diferentes países de fala hispânica em espanhol? Motivo de muita satisfação. Claro!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário

Mónica Palacios: Seja comprando, seja em alguns magazines, Livraria Martins Fontes, Drummond, e nas próprias Editoras: Soul e Candido.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Mónica Palacios: Sim, projetos em espanhol, projetos em viajar e estudar outra língua ou a praticar intensamente, além de escrever possíveis livros. Vamos passo a passo.

Perguntas rápidas:

Um livro: Cem anos de solidão, Estudos da obra e vida de Frida, O velho e o mar, Vinte poemas de amor e Una canción desesperada

Um (a) autor (a): Gabriel García Márquez, Frida, Hemingway e Neruda.

Um ator ou atriz: Alpacino - Antonio Bandeias - Meryl Strep.

Um filme: A vida é bela

Um dia especial: Quando nasci.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Mónica Palacios: Agradecer a Revista Conexão Literatura e a sua permanente preocupação por difundir o trabalho de autores pouco conhecidos, o respeito e a possibilidade de abrir novas chances para todos nós, amantes da literatura e com vontade de chegar ao máximo de leitores.



Ler
é uma outra
forma de
Viver!



ENTREVISTA COM SOLANGE RABELO



Solange Rabelo

Solange Rabelo é natural de Minas Gerais/Brasil. Reside em São Paulo. Psicóloga clínica, historiadora, arteterapeuta, artista visual e escritora. Escreve prosa poética, contos, crônicas e literatura infantojuvenil. Especializando em literatura de autoria feminina. Especialista em literatura infantojuvenil pela UCAM/RJ. Participou de uma coletânea de contos com o grupo de 13 contistas no livro: Contos e encontros. Publicou o livro Entre outras margens: crônicas visuais e diálogos, com coautoria do crítico de arte Oscar D' Ambrosio. E os livros de prosa poética: Venha comigo e ouça... Vejo você... E você, me vê? E o livro infantil: Sara, sua luneta e muitos, muitos livros. Lançados pela editora Cândido/RJ. Seus textos de crônica, conto e prosa poética, foram selecionados para compor a coletânea off flip de literatura, 2023. Sua poesia: Assimetrias, em 2022, foi selecionada pela Casa Brasileira de livros, para a antologia " 1001 poetas". Vem participando de algumas antologias pela Lura editorial, pela editora Cândido e pela Elos da Língua portuguesa, 2ª e 3ª volumes. E na coletânea: Juntas e diversas. Em sua poética as narrativas sobre travessia e o diálogo com os mitos de outras culturas são recorrentes. É interessante como ela administra as influências da tradição da literatura ocidental e oriental, colocando-as a serviço de sua curiosidade intelectual.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Solange Rabelo: A literatura sempre esteve presente em diferentes momentos de minha vida.

Gosto de ler e escrever. Quando decidi me dedicar ao ofício de escritora fiz alguns cursos de criação literária, e também o curso de extensão de contos pela UCAM/RJ. Participo de um grupo de contadores que se reúne todas as terças-feiras para discutir, analisar e escrever contos. Atualmente participo de oficinas literárias com vários autores. Fiz especialização em literatura infanto e juvenil pela UCAM/RJ. Contação de histórias pela COGEAE/SP. Estou me especializando em Literatura de autoria feminina. É um ofício que exige muita leitura e disponibilidade para pesquisar.



Conexão Literatura: Você publicou 2 livros de prosa poética pela Editora Candido. Participou de uma coletânea de contos com o grupo de 13 contistas no livro: *Contos e encontros* e publicou, pela Editora Candido, o livro *Entre outras margens: crônicas visuais e diálogos*, com coautoria do crítico de arte Oscar D' Ambrosio. Vem participando de algumas antologias pela Lura editorial, pela Elos da Língua portuguesa e pela Juntas e Diversas. Seus textos de conto, poesia e crônica foram selecionados para compor a coletânea *Off Flipp de literatura, 2023*. Poderia comentar?

Solange Rabelo: Para mim é fundamental publicar meus textos para que mais pessoas possam acessar. A obra de arte em suas diferentes manifestações é aberta e permite múltiplas interpretações, de acordo com Umberto Eco. Repensar sobre meus textos vai ao encontro de mostrar meu trabalho para gerar reflexões sobre minha poética. Este diálogo permanente entre leitores e o texto é muito gratificante. Publicar os textos é uma atitude e é um compromisso

que possibilita o diálogo entre mim e meu público. Já tive retornos muito interessantes, por que a obra se abre para muitas possibilidades de leitura.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Solange Rabelo: Antes de iniciar o processo de criação procuro ler livros que me chamam a atenção, me aproximo dos livros pelo título, pelo cheiro, autor, a estética da capa também desperta minha curiosidade, pelos temas abordados, pela indicação. Gosto de autores de diversas culturas, isto para mim é recorrente, gosto deste dialogo da diversidade da pluralidade de olhares. Este aspecto a meu ver é meu diferencial. A leitura me abre novas perspectivas, e o tema se apresenta, quero dizer que com estas buscas fico aberta para as imagens que me atravessam. Procuro aprofundar meu tema por meio da pesquisa. Ao escrever me distancio por alguns dias ou meses de meu texto, e ao retomá-lo, início o processo de lapidação, suprimo o que está em excesso, acrescento ou reescrevo. Repasso o texto para ser lido para pessoas de confiança. Tenho um amigo da

literatura e três amigas que se prontificaram em ler meus textos. Aceito as considerações e mantenho ou modifico meu texto.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Solange Rabelo: Destacarei um trecho do conto: “Da Janela de um certo lugar”, que será publicado na coletânea “Juntas e Diversas”, organizado pela Márcia Lobosco. O mote da escrita desta coletânea é o amor. Cada autora participante escreveu um conto sobre este tema.

“Riva subiu pelo elevador, abriu a porta, tirou os sapatos. Pisou no carpete macio. Colocou água e alguns cubos de gelo no copo. Abriu a cortina. Na penumbra da sala, pela janela, os últimos raios coloridos do sol se escondendo. Sentia-se como uma tela de Edward Hopper, uma mulher na solidão e a janela. Ela estava ali sendo o momento, cultivando a si. Quantas janelas diferentes, a cidade oferecia seu céu diurno e seu céu noturno, aos olhos curiosos? E as cidades que ainda não visitara? Lembrou de Paris, vista pela janela do hotel, aquele céu cinza e luz intensa que, no primeiro dia, a deixou com a impressão de que era a cidade dos sonhos. Após uma semana, cravou as unhas na palma da mão, a imagem do céu sempre o mesmo, perfeito, a fez lembrar de papéis rígidos e estáticos. Qual foi a primeira pedra que deu início à cidade? A pedra sedentariza, constrói paredes, muros. As cidades são dessemelhantes, como as pessoas que vivem nelas, os olhares raras vezes se encontram... na sua frente, o espelho, ela se via em mais de uma face, se multiplicou... em quantas cidades seu reflexo vivia, haveria outras como ela... com o mesmo rosto, sentimentos, buscas...”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Solange Rabelo: Para o leitor interessado em saber mais sobre meu trabalho, disponibilizo meu e-mail: sol.maria33@yahoo.com e também meu Instagram: [@solange.rabelo.sol](https://www.instagram.com/solange.rabelo.sol)

Para adquirir meus livros: e-mail: sol.maria33@yahoo.com e também pela livraria Martins Fontes/SP e pela editora Cândido/RJ.

Conexão Literatura: O que tem lido ultimamente?

Solange Rabelo: Eu tenho lido diversos autoras e autores entre eles: Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Juan Rulfo, Maria Teresa Horta, Olga Tokarczuk, bell hooks, Eduardo Galeano, Natalia Ginzburg e Michéle Verunschik.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Solange Rabelo: Sim. Saraus literários. E estou organizando uma coletânea de contos, a ser publicada ainda este ano.

Perguntas rápidas:

Um livro: O mundo desdobrável. De Carola Saavedra.

Um ator ou atriz: Ator africano François Moise Bamba e a atriz Laura Cardoso.

Um filme: Mahabharata. Do diretor Peter Brook.

Um hobby: Colagem

Um dia especial: Sábado.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Solange Rabelo: Agradeço a Ademir Pascale pela oportunidade de ser entrevistada nesta conceituada revista, e me coloco a disposição dos leitores. Meu Instagram é [@solange.rabelo.sol](https://www.instagram.com/solange.rabelo.sol) e e-mail: sol.maria33@yahoo.com Muito grata!



Solange Rabelo – Foto divulgação

ENTREVISTA COM SÔNIA FALCÃO



Sônia Falcão

Sônia Falcão nasceu em Vitória da Conquista (BA) em 19 de junho de 1974, baiana de nascimento, alagoana de coração. Radicada em São Miguel dos Campos (Alagoas). Possui Graduação em Letras: Português / Inglês / Literatura (2001) pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e Pós-graduação Lato Sensu em Inglês (2023) Faculdade CNI-MG, Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica (2016) Faculdade Marechal Cândido Rondon(PR) e Psicopedagogia Institucional(2007) Universidade Castelo Branco (RJ). É professora concursada do município de São Miguel dos Campos (AL), com experiência há mais de duas décadas na Educação e de Letras. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB).

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Sônia Falcão: Sim. Foi durante a pandemia com o falecimento de meu pai. Encontrei na escrita uma forma de diminuir a minha dor. Iniciei em E-books da Revista Conexão Literatura com os poemas “Saudade tem o nome de um pássaro”, “A inimiga invisível”, “Se meu pai estivesse vivo” e “Entre o bem e o mal”. Depois disso, fui convidada a contribuir com o E-book “Escola para todos: Promovendo uma Educação Antirracista-Planos de Aula Comentados”, patrocinado pela Fundação Telefônica Vivo. Desde então, participei em vários livros como coautora “Eles não vão nos calar”, “Fronhas Coloridas” e “Amor Nímio”, editora Persona, “Antologia Luís Vaz de Camões e Convidados”,

Editora Mágico de Oz, “Coletânea Mulheres”, editora Apenas, “Delícias de Uma Paixão”, “Quando o Amor acontece”, “Mãe, precioso amor”, “A coragem de pensar diferente”, “Brasil Nação Indígena”, “Natal em versos”, grupo editorial Antologias Brasil, “Cartas para o futuro”, selo Off Flip, “Dicionário de Sentimentos”, grupo editorial Bandeirante, “Antologia Scortecci 40 anos” e “Fracções de Tudo” editora Scortecci. “Antologia Carmopolitana 100 anos de nosso torrão”, Academia Carmopolitana de Letras, Arte e Ciências.



Conexão Literatura: Você é autora do livro "Através de um espetáculo nossa saga começou: por trás da cortina nem tudo é magia". Poderia comentar?

Sônia Falcão: Sim. É uma obra de ficção inspirada em alguns eventos reais. O livro retrata a vida de uma família de migrantes, obrigados a se deslocar de tempos em tempos ora pela seca

nordestina, ora pelas fortes chuvas nas Gerais, somados a uma política de descaso do governo com os investimentos sociais. “A família vaga entre idas e vindas sem chegar a lugar nenhum”. O livro consegue, desde o título, mostrar a desigualdade, a exclusão, a desumanização, a miséria imposta pela influência social, pela ausência de políticas públicas que atendam, de fato, as necessidades básicas dos personagens retratados, sendo

obrigados a viver feito nômades. É uma história com forte cunho social, mas o enredo de um amor que se inicia em um espetáculo circense. Ao ler esse livro você vai se emocionar, sorrir e ao mesmo tempo chorar.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Sônia Falcão: Para garantir a precisão dos detalhes e uma representação fiel da realidade, realizei pesquisas sobre o período histórico ou o contexto social em que a história se passa para construção de uma obra autêntica e relevante. Sem desconsiderar a liberdade criativa. Foram aproximadamente seis meses para conclusão.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Sônia Falcão: Ah! Aquele olhar... Quando me lembro daquele olhar, tão triste. Difícil não sentir vontade de chorar. Aquele olhar de melancolia, de desespero me pedindo socorro, me pedindo para ficar. E eu sem ao menos poder te abraçar. Aquele olhar já se despedindo sem querer. Deixando-a sem nada dizer. Ah! Aquele olhar, me dizendo não me deixe papai, ainda tenho tanto o que aprender.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Sônia Falcão: Comercialização nos principais canais de e-commerce Livraria Asabeça, Livraria do Mercado, Estante Virtual, Amazon e Magalu. Meu Instagram: falcao_sonia

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Sônia Falcão: Sim, eu tenho alguns projetos em mente. Estou com novas ideias e explorando diferentes gêneros e temas. No momento, em processo de escrita de um livro de poema, e pretendo publicar um livro infantil, mas é muito cedo para compartilhar mais detalhes. Encontro-me animada com esse projeto e espero que meus leitores também fiquem!

Perguntas rápidas:

Um livro: A Revolução dos Bichos

Um (a) autor (a): Graciliano Ramos

Um filme: O Auto da Compadecida

Um dia especial: Todo dia é especial para mim, pois tenho uma nova oportunidade de me reinventar. Cada amanhecer traz consigo novos desafios, e é importante que estejamos abertos a eles para crescermos e desenvolvermos nossas habilidades. Ao encarar cada dia

como uma oportunidade de se reinventar, podemos nos tornar mais resilientes, criativos e confiantes em nossas capacidades.

Precisamos apreciar e valorizar cada dia que temos, pois a vida é uma jornada curta e imprevisível. Portanto, devemos aproveitar cada momento, aprender com nossas experiências e buscar constantemente formas de nos desenvolvermos como seres humanos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Sônia Falcão: Sim, quero agradecer a oportunidade de divulgar meu livro e ressaltar que foi uma honra participar desta entrevista. Se alguém tiver alguma dúvida ou quiser compartilhar sua opinião, estou disponível para conversar.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Eu respeito a natureza e você?





Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.

Vozes e Ecos

HORROR - FANTASIA - NOSTALGIA - FICÇÃO CIENTÍFICA



Roberto Schima

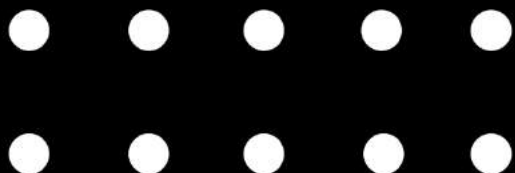
DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO

LIVRO FÍSICO:

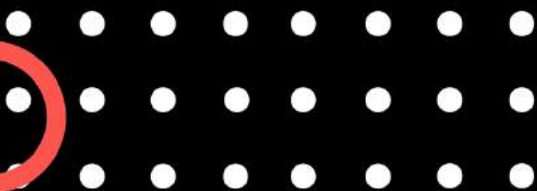
- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/cdtr5)





CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

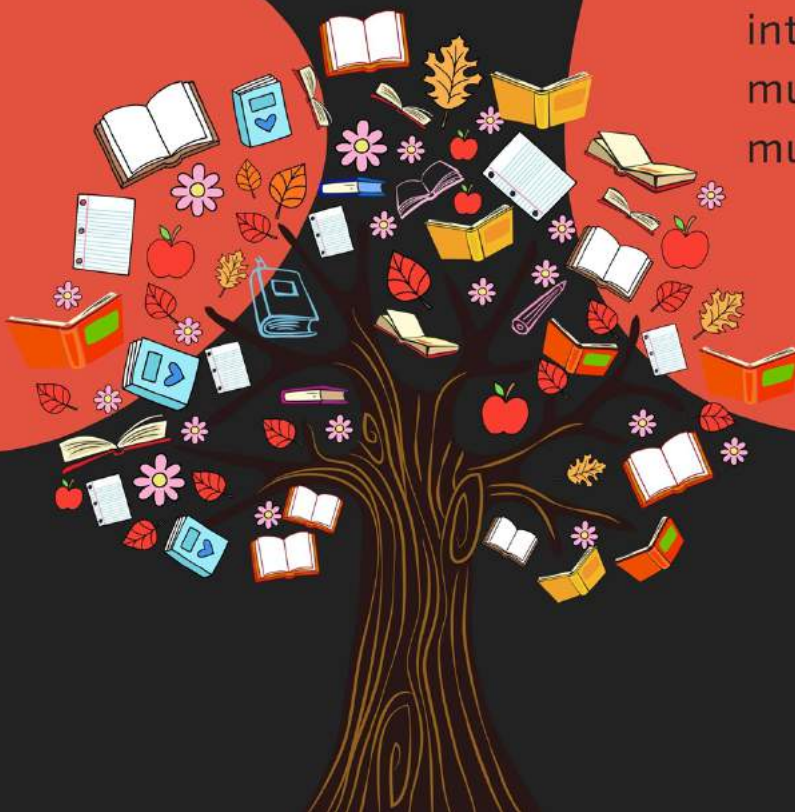
Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





OSCAR WILDE

Se soubéssemos quantas
e quantas vezes as
nossas palavras são mal
interpretadas, haveria
muito mais silêncio neste
mundo.





UMBERTO ECO

O bom de um livro é que
se leia.



GUIMARÃES ROSA

As pessoas não morrem,
ficam encantadas.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais
e fique por dentro do que acontece
no mundo dos livros*

 [@revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

 [@conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CONTO
POR IRACI J. MARIN

Pintura de Oscar Pereira da
Silva. Imagem: Acervo do
Museu Paulista da USP

TIRADENTES

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Enforcado com pompa na capital, tiveste o corpo cortado em partes. Uma perna estava pendurada num galho de árvore num vilarejo, em cuja taberna falaste demais, segundo me disseram. A cabeça, exposta solenemente no meio da Praça de Vila Rica, em cima de um poste rude de madeira seca, um dia foi sequestrada e nunca mais foi vista. Outras partes do teu corpo foram esparramadas pela Estrada Real, para lembrar a tua infâmia.

Elas tristemente observavam como os homens permaneciam acabrunhados e medrosos, inertes sobretudo. Alguns olhavam para elas até com desdém. Tinha também aqueles que renderam graças pelo livramento da confusão que germinava, mas sequer estava anunciada.

Foste sentenciado à morte por alimentar uma causa. Foste imolado para manterem o estado de agruras e submissão. Foste imolado para servir de exemplo ao povo, qual seja a de não afrontar a ordem. Foste imolado completo: com teu nome próprio, Joaquim José da Silva Xavier, e também com a alcunha do teu ofício, Tiradentes, com a qual ficaste conhecido e, a um tempo, renegado.

Na casa escondida no meio do matagal, na encosta da montanha, “atrás de portas fechadas, à luz de velas acesas”, tu e teus companheiros desenhavam a bandeira da liberdade, esperanças e ilusões, cômicos das maledicências sobre o que planejavam em sigilo. Mas isto não lhes afetava o ânimo.

Os encontros confidenciais eram momentos de preparação e de compromisso pelos ideais, iluminados por ideias que confrontavam o viver que viviam. Todos se abasteciam de argumentos oriundos das luzes europeias como armas suficientes para estabelecer a liberdade – “esta palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”, conforme depois foi escrito por quem cantou em versos a Inconfidência. Havia poetas no grupo, havia clérigos, havia negros, havia proprietários endividados, e tu.

Ninguém pensava em desastre, ninguém imaginava a hecatombe, a prisão, o desterro ou a morte. Queriam uma nova ordem e, para isto, a inconfidência era imprescindível, necessária, salvadora. Estavam preparando-a. Ela traria ares do republicanismo que já percorriam o mundo, mas não tinham chegado nesta parte da terra. Eram loucos que se reuniam e queriam a liberdade, mesmo que tarde... e tardou muito a chegar. Nem se pode aplaudir como aconteceu.

Tu e teus companheiros sabiam que preparavam uma perigosa inconfidência, mas ninguém pensava em desastre ou em desistir. Só depois aconteceu o inesperado, com a deserção do companheiro Joaquim Silvério dos Reis, a inaugurar a depreciável delação, que se tornou a medida certa de salvamento da própria pele, até os nossos dias.

O cavalo manco que cavalgavas parecia conhecer a Estrada Real, esta mesma que percorreste desde muito tempo, na expectativa de outro horizonte. Cruzaste os vales com rios nascidos dourados e as montanhas enriquecidas por bondade divina, carregando o peso de muitos homens.

Tu, confiante, fazias e refazias aquele caminho, entre os confins das gerais e a capital, semeando ideias de liberdade. Andavas léguas entre matarias e montanhas, na confiança da empreitada, guardando quiçá por debaixo das aparências a aflição e o medo.

No entanto, exercias com clareza e coragem a preparação de almas e vontades, desde a vastidão das gerais até a capital.

Tinhas um salvo-conduto, a patente de alferes. Não era grande coisa, mas era tudo com o que contavas para ser bem-visto e ouvido nos inumeráveis segredos da Estrada Real. Fora isto, nada tinhas. Sempre foste pobre, desde cedo órfão e necessitado. Tuas profissões, no entanto, te mostraram os lados da vida.

As serras por onde passavas eram verdes e negras a cada passo. Não tinhas receio de enfrentar ladrões e salteadores, pois estes só queriam o que levavas no momento. Teu grande receio eram os ladrões e salteadores de outros lugares e outra linhagem, aqueles que castigavam depois das orações e se apoderavam do produto do esforço de cada homem e de cada mulher, fazendo-o sem piedade.

Percebias, na volta de todos os dias, que tiravam das mães o leite, das crianças o pão, dos homens o suor. Percebias, com teus companheiros, que o esforço dos escravos, dos pobres, dos miseráveis, esforço de muitos anos e de muitos braços, se esvaía nos bolsos dos donos das terras e nas burras oficiais.

Contavas com tua coragem e a de teus companheiros, estes mais letrados, contavas com tua capacidade de luta aprendida em anos de sofrimento na labuta dos ofícios da sobrevivência, contavas com a confiança da colheita daquilo que, entretanto, semeavam em terra infértil.

Livrar-se da opressão era como um credo particular a guiar teus passos e as de teu cavalo sôfrego, era como uma luz penetrada em teus longos silêncios de viagem, era um conforto para as inúmeras dores que pareciam sufocar o corpo e a alma. Andavas a passo lento nas subidas e a passo largo nas descidas, aspirando o frescor das madrugadas e sofrendo o abafamento das tardes. Em cada albergue ou vilarejo, paravas para dizer sobre os grilhões da subserviência, ouvindo com bondade os homens falarem da fome e do medo, nem sabendo que fome e medo já tinham raízes profundas a se alastrar por tempos imemoriais naquelas terras e na imensidão de todas as outras e no tempo afora. Sabias quão difícil seria a empreitada, urdida lentamente nos silêncios da noite.

Nas inúmeras viagens a cavalo, explicavas o mapa dos novos horizontes que tu e teus companheiros desenhavam nas noites de sonho. Os homens escutavam, e só escutavam, com a inércia nacional de sentir-se vivos, graças a Deus. Falavas de novos rumos, de um fogo novo, de uma água nova, de seres novos, eles mesmos, frutos da própria luz. Falavas de uma terra independente, livre dos grilhões ultramarinos, de uma terra de justiça e de igualdade. Tentavas explicar o que os poetas diziam, com suas palavras adornadas. Exprimias o desejo de lavar a alma de todos com uma luz profunda que traria o sabor da liberdade geral. Eras incansável na perseguição do sonho, levando-o pela Estrada Real para o palacete urbano e também para o longínquo casebre metido no meio do mato, entre as montanhas de minério que a outros pertenciam.

Os vales dourados já inexisteram. As águas dos rios, que no princípio atraíram famílias e aventureiros, não escondiam mais nenhum ouro. Os milhares de buracos feitos nas montanhas só ofereciam terra e pedra. Veio a escassez e ficou pior que os sete anos das vacas magras do Egito. Veio o temor da derrama, o medo da perda, a aflição da pobreza anunciada. Por isto tu e teus companheiros costuravam o difícil tecido da inconfidência.

Mas foste preso com os demais inconfidentes, menos o delator, no meio da noite, na casa da mata, absortos no planejamento do anúncio do novo tempo. Talvez, por seres alferes revoltoso, a sorte derradeira recaiu sobre ti, sobre tua cabeça e sobre o teu corpo, feito pedaços de homem sem valor, pendurados em locais diversos ao longo da Estrada Real, para que fosses maldito pela boca do povo, servindo de exemplo a quem se atrevesse a falar em liberdade. Devias ser esquecido para sempre e por isto de ti não tiveram piedade. Não tiveram compaixão de ti, nem condescendência, quando te julgaram e condenaram, porque te mantiveste firme na defesa do sonho.

Depois de um século de tua morte precisaram de ti, então te fizeram herói e te dedicaram um dia no calendário nacional.

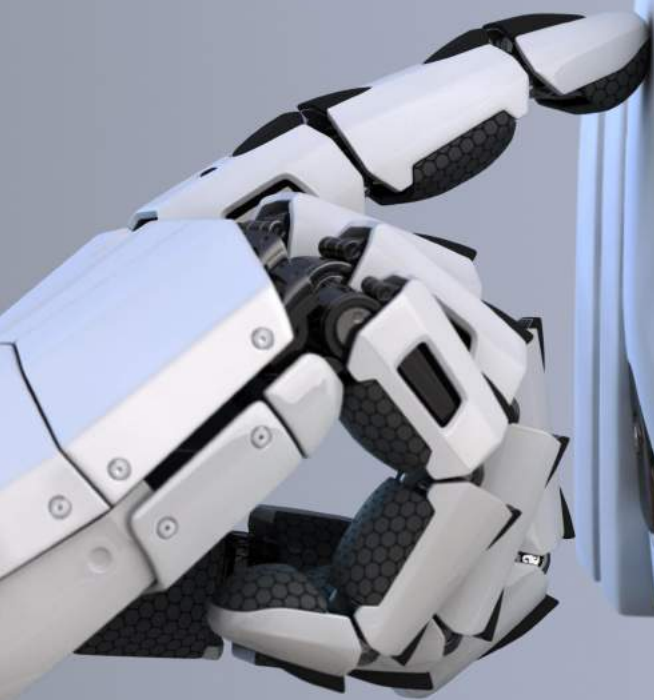
Então agora estás eternizado como nome de cidade e de inúmeras ruas e praças. Estás eternizado em dezenas de monumentos. Estás eternizado numa estátua de bronze na cidade que leva o teu nome, uma figura esbelta a olhar para a casa do padre, a falar com ele em outra língua. Estás erradamente eternizado em pinturas, com cabelos longos, barbas longas, rosto abatido, semelhante ao crucificado pela salvação de toda a humanidade, com uma corda pendurada no pescoço, igual incômodo troféu.

Estás eternizado na história e na memória, a instigar mentes e aspirações — lembrado com a alcunha do teu ofício, pela qual te tornaste o ícone da liberdade e com a qual ficaste conhecido em vida e para a eternidade.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com)

CONTO
POR ROBERTO SCHIMA



ROBOZÉ

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Hum, por onde vou começar...
 Talvez eu devesse questionar para quem escrevo.

Bem, o caso é que um de meus pacientes afirma ser um gênio da ciência.

Talvez você possa pensar que, apenas por isso, já seria motivo para estar internado na instituição de doentes mentais em que trabalho. Ledo engano, caso contrário, não haveria vagas em todas as instituições do mundo para tanta gente. Por isso, um acordo tácito fez com que, em nossa sociedade, a megalomania fosse tolerada como uma vaidade exacerbada e nada mais.

Meu paciente em questão, o Dr. Konstantin Duko — ele faz questão do "doutor" —, acabou em minhas mãos menos por sua hipotética genialidade e mais por um colapso nervoso somado a um caso aparentemente incurável de esquizofrenia a qual, se não tratada, colocará em risco o bem-estar das pessoas simples, sensatas e trabalhadoras ao seu redor.

Logo no início, fiz uma pesquisa em meu computador e não encontrei nada a respeito do alegado cientista. Confrontei-o com isso já que, em sendo um gênio, deveria ter algum reconhecimento, ser uma figura de relevo, constar em alguma publicação científica pelo menos.

Ele reafirmou sua genialidade, porém, acrescentou ser uma pessoa excêntrica, extremamente tímida e só trabalhar na surdina como o Prof. Pardal dos quadrinhos.

Não me surpreendi. Os delirantes — assim como os fanáticos religiosos — possuem sempre uma desculpa na manga. Eu levaria horas a discorrer sobre todas as viagens alucinantes narradas pela voz pastosa do bom doutor e suas "fenomenais" realizações (das quais nenhuma me foi apresentada). Livros poderiam ser escritos a respeito desse caso. Bem, na verdade, estou escrevendo um livro sobre isso e acredito que terá uma repercussão significativa no meio científico, quem sabe, eu até ganhe um prêmio...

Mas, voltando a vaca fria, fixar-me-ei apenas em uma dessas fantasias, aquela que, por sinal, ocupa um lugar de destaque nas diversas sessões que realizamos.

Tal fantasia atende pelo nome de Robozé.

Como dá a entender, trata-se de um robô.

Ia além, pois, a máquina teria consciência.

Segundo o meu "ilustre" paciente, ele andava exausto de tanto trabalhar sozinho em seu laboratório e sentia a necessidade de um ajudante. Todavia, não desejava um auxiliar qualquer. Duvidava que encontraria alguém que pudesse atender as suas rigorosas exigências quanto à capacidade e com o qual se sentisse bem interagindo. Ademais, em sendo antisocial, a perspectiva de realizar numerosas entrevistas aterrorizava-o. Por isso, numa certa manhã, olhando para os montes de sucata que guardava no fundo do quintal, decidiu dar uma serventia a toda aquela tralha.

— Vou criar meu assistente! — declarou.

Fuçou aquelas pilhas de tranqueiras. Arranjou chapas de metal, fios, lâmpadas, engrenagens, frascos, interruptores, canos, porcas, parafusos, molas, motores elétricos, tubos, tiras de borracha, resina, massa epóxi, capacitores, transistores e resistores. Esquematizou, juntou, encaixou, colou, soldou. Um pedaço de aspirador de pó aqui, uma parte de máquina de lavar ali, uma porção de peças de relógio acolá. A mágica final, segundo ele, veio de eletrodos nos quais uniu sua mente à mente da máquina a fim de transferir parte de sua própria inteligência para a coisa que criara. Afinal, pretendia obter um ajudante que alcançasse seus próprios conhecimentos, ideais, criatividade e espírito empreendedor. — Pergunto-me se haveria espaço para a modéstia também. — Porém, quando tudo estava pronto e a descarga final de energia foi injetada, um curto-circuito provocado por limalhas de ferro fez sua versão do Lampadinha estrebuchar feito as rãs de Galvani.

— *O que aconteceu depois? — perguntei quando o silêncio se prolongou mais do que o horário que eu, naquele momento, estava disposto a gastar com o paciente, movido mais pela curiosidade do que por interesse científico. — O robô pifou?*

O Dr. K. Duko se mostrou ofendido.

— *Pifar? Acha que minhas realizações fracassam? Sou o Dr. K. Duko!*

— *Tô vendo... Então, o que aconteceu?*

— *Bom, o tranqueira acordou e, em vez de demonstrar a gentileza que me caracteriza, agradecendo-me pelo miraculoso dom da vida, resmungou: "Que porcaria de joça é essa? O que faço aqui? Que raios sou eu? Tô cum fome!"*

— *O que o senhor fez?*

— *O que poderia fazer? Engoli meu desapontamento. Expliquei a ele que o seu nome era Robozé e que havia sido criado por mim. "O senhor é meu papai?", perguntou. E eu respondi: "Mais ou menos". Ele me lançou um olhar avaliador e, percebi, engoliu seu comentário. Deveria me ajudar em meus experimentos intelectual e fisicamente. Enquanto eu me punha a falar sobre suas tarefas, colocou-se diante de um espelho de corpo inteiro e começou a se analisar.*

A essa altura, melhor eu passar a palavra ao Dr. K. Duko e sua Síndrome de Geppetto.

Robozé examinou suas partes sujas, cobertas de pátina ou até amassadas.

— *Credo, como sou alto e magricela! — disse Robozé.*

— *É o que pude fazer com o material disponível.*

— *Ainda assim, poderia ter-me feito mais parecido ao senhor: baixinho, cabeludo, bigodudo e meio desengonçado.*

— *Quem é baixinho e desengonçado?*

— *Ei, não leve a mal! Na realidade, até parece o Einstein...*

— *Ora, foi ele quem copiou o meu estilo!*

— *Não é o que o meu banco de dados diz... Quando o cientista alemão bateu as botas, o senhor tava engatinhando ou caçando borboletas.*

— *Olha lá o respeito! Não é de bom tom contrariar os mais velhos.*

— *Onde falei com o respeito? Eu disse "senhor", não disse?*

— *Você quer ser atarracado? Posso dar um jeito nisso.*

— *É brincadeira. Eu só quis ser simpático...*

— *É melhor estudar mais a matéria.*

Não custou, pois, muitas horas, para eu me perguntar se havia feito um bom negócio. Claro, atribui o comportamento do robô às benditas limalhas de ferro e, nunca, a absorção de minha reclusa, porém, gentil e sofisticada personalidade. Mas não tinha tempo de sobra para pesquisar o defeito e, menos ainda, reformar ou criar outro robô. A montagem do Robozé já levava semanas. Precisava de sua ajuda o mais depressa possível a fim de recuperar o tempo despendido em sua construção. Porém, não tardou a ficar claro que Robozé — a exemplo de um gato — tinha suas próprias ideias sobre como aproveitar suas horas. Não vou negar que isso me deixou bastante irritado, furioso até, mas também trouxe, por assim dizer, um colorido a minha intelectual rotina habitualmente cinza.

Tendo reclamado de sua constituição física, seu primeiro sumiço se deu após reclamar por comida.

Fiquei feito maluco... Não, eu não sou doido!

— Onde esse abridor de latas se meteu?

Pus-me a procurá-lo na vizinhança.

Encontrei-o num restaurante. Restaurante! Dá para imaginar? Eu não havia criado um estômago artificial capaz de digerir alimentos orgânicos. O garçom de cabelo besuntado e bigodinho a *le guidon*, obviamente, estava atônito, contudo, manteve aquela atitude blasé típica dos garçons europeus. Cheguei no instante em que Robozé fazia o pedido:

— Por gentileza, cavalheiro, traga-me uma pratada de parafusos, pregos, porcas, tachinhas, molas e fios de cobre. Sem ferrugem! Tudo regado a um delicioso óleo lubrificante de boa viscosidade e pitadas de combustível de alta octanagem.

Pedi desculpa ao sujeito e puxei o robô de lá pelo braço o mais rápido que pude.

Apenas na calçada percebi que levava somente o braço esticado.

Voltei para dentro, soltando fogo pelas ventas.

— Sem brincadeiras, Robozé!

— Ei, tô cum fome!

Foi um protesto choroso do homem de lata.

— Pode comer o que quiser em meio às sucatas. Mas não é isso que lhe sustenta. Sugiro que se alimente principalmente de eletricidade.

Robozé se espantou:

— Eletricidade? Ficarei com gosto ácido na boca!

— Não é na boca que está a sua tomada. Ela fica no...

— Ei, não fale em público da minha intimidade!

— Intimidade? Ora, seu...

— Calma, Einstein. Por acaso, o senhor ingere sopa rala todos os dias? Eletricidade, que miséria...

Enquanto saíamos, o garçom ainda resmungou:

— *Comme c'est absurde!*

Retruquei:

— Frescura demais pra quem come lesma!

Se em algum momento durante a construção do Robozé eu nutri o sonho de manter conversas filosóficas de natureza existencial ou divagações sobre a constituição da energia escura, tal ilusão se desfez rapidinho. Acho que encontraria mais profundidade conversando com um borracheiro, um servente de pedreiro ou um estivador! Cedo, percebi que a natureza dele se aproximava mais a de um adolescente delinquente, uma espécie de *Mr. Bean* de metal.

Isso se manifestou assim que botou os olhos num garoto a se divertir com um iô-iô e fascinou-se pelo brinquedo. Nem preciso dizer que ele tratou de furtá-lo, embora recusasse a contar os detalhes do delito. Tendo-o dotado de braços e pernas telescópicos, não é difícil imaginar. Tampouco a reação do menino. De minha parte, surpreendi-me mais com o fato de ainda existirem crianças dispostas a manusear brinquedos tão simples e antigos assim em vez de enfiarem os narizes em *videogames* e *smartphones*. Imagino que o

movimento regular do iô-iô tenha atraído a atenção de Robozé, aquele vai-e-vem como se contrariasse as leis da gravidade. Einstein na infância se maravilhara com uma bússola. Robozé passava horas e horas distraído com o iô-iô até — diante de minhas broncas — se decidir me ajudar.

Devo ser justo em mencionar que, quando ele resolvia me dar uma mão, fazia-o de fato, por vezes literalmente. Efetuava cálculos complexos, carregava objetos pesados, misturava substâncias perigosas no tubo de ensaio, manipulava altas descargas elétricas, afugentava cães que vinham revirar o lixo. Esforçava-se e até prestava atenção no que eu tinha a dizer ou no que eu falava. Mostrava interesse pelas minhas experiências. Trocávamos ideias, apesar de sem profundidade. Esses momentos raros compensavam todas as contrariedades que pudesse ter me despertado... Ao menos por algum tempo!

Por falar em cachorro, um dia o Robozé veio prosear em meu barracão-laboratório. Apoiou-se no batente e falou:

— Oi, Einstein.

Cansei de contradizê-lo a respeito do apelido. Desisti. Ao menos era condizente ao meu gênio, modestamente admitido. Poderia ter sido pior... Como o nome Robozé, por exemplo, que eu inventei meio de supetão, sem pensar demais sobre isso, aliás, sem filosofice alguma. E, convenhamos, é um nome terrível!

— O que foi?

— Tô indignado!

— O que foi? — repeti, enquanto fazia experimentos sobre a difração da luz.

— Sabe aquele vira-lata baixinho e gorduchinho do Seu Genésio?

— O cachorrinho caramelo que adora fuçar nosso quintal?

— Esse mesmo, o zoiudinho de focinho molhado.

— E daí?

— Tava eu tranquilo, parado numa esquina vendo o tempo passar. Assobiava uma música qualquer e brincava com meu iô-iô quando, de repente, senti uma coisa quente escorrer na minha perna...

— O cachorro...

— Isso mesmo! O sem-noção não pensou duas vezes: chegou pertinho, ergueu a patinha traseira e tchééé! Jorrou água do joelho... Vixe, fiquei injuriado!

— O que você fez?

— Ora, Einstein, Lei de Talião!

— Como assim? Você não é capaz de fa...

— Ledo engano! Quando o zoiudinho, aliviado, começou a se afastar, foi minha vez de erguer a "patinha". Taquei-lhe um relâmpago! Só sobrou a coleira queimada e um punhadinho de cinzas pra contar a história.

— Você não fez isso... Coitado do cachorrinho!

— Coitado? E eu não conto? Podia ter sofrido um curto-circuito, explodido uma bateria... E a humilhação? E o meu ego ferido?

Encarei Robozé. Devolveu-me um olhar matreiro.

— Cê tá de sacanagem comigo.

— Sério, Einstein!

Em verdade, eu nunca sabia ao certo quando ele era sincero ou divertia-se a minha custa. Fato é que o infeliz animal nunca mais apareceu.

Não mencionei que o cabeça de lata me fazia pensar no *Mr. Bean*? Pois é, em outro episódio, deixou isso bem claro. Contou ele ter se sentado na extremidade do banco de uma praça, sendo que, do outro lado, já havia uma loura de cabelos encaracolados. Ela lia lendo um livro. Seu corpo era tão curvilíneo quanto o de Robozé era reto. Foi quando apareceu um cavalheiro de terno, barba e bigode, cabeça encimada por um chapéu antiquado. Seu porte era distinto, distinto demais, segundo o Robozé. Foi quando teve uma ideia pra lá de marota. Por trás do banco, esticou seu braço telescópico e deu um baita beliscão no traseiro da loira. Seu sobressalto chamou a atenção do cavalheiro. Se não entendeu patavina, pior foi a bolachada que levou da mulher no meio da cara. Robozé, braço recolhido, expressão inocente, continuou a assobiar e brincar de iô-iô. Fiquei passado. Com que cargas d'água, eu construía um autômato pervertido! Embora seu acervo bibliográfico fosse tremendo, tive de explicar pacientemente sobre convenções sociais, moralidade, caráter, etiqueta e até sexualidade.

— Nada de sair por aí beliscando as moças!

— Mas elas são tão macias e quentinhas em comparação a minha lataria dura e fria...

Lançou-me um meio sorriso naquela cabeça em forma de ovo.

Entendi que o danado compreendia a perfeição todas as sutilezas do complexo comportamento humano, incluindo a malícia. E nutria prazer em colocá-las à prova. Tive um pouco daquele choque entre criador e criatura. Imagino os dissabores de Deus ao testemunhar todas as perversidades de que somos capazes. Compreendi o drama de Victor Frankenstein, embora, no caso, houvesse uma diferença fundamental: malandro ou não, eu gosto do Robozé. Sim, posso dizê-lo sem hesitar: eu o amo.

Certa feita, como um filho que tinha se machucado durante suas brincadeiras na rua, ele veio até mim, voz chorosa, reclamando de rangidos nas juntas. De fato, fazia aqueles barulhos estridentes de dobradiças enferrujadas. Corri a pegar o óleo.

— O que aprontou dessa vez? — perguntei.

Falou que não fizera nada demais. O dia estava ensolarado e se deitara num terreno baldio, entretido com um livro — não furtado da loira. De repente, do nada, começou a chover. Estranhou porque as informações sobre meteorologia nada indicavam a respeito de precipitação. Olhou a chuva sobre sua cabeça. Virou-se para o Sol e o céu azul. Seus circuitos tiveram um curto de dúvida. Até surgir a resposta:

— Era o vira-lata do Seu Genésio!

— Mas você disse que o eletrocutou.

— Era ele, transformado em anjo. Tava me mijando lá de cima!

Engasguei entre uma lubrificada e outra. Encarei o pestinha, procurando detectar seu humor.

Continuou sério, zangado.

Desatei a rir da piada.

Em vez dele desmontar a carranca, ficou mais bravo.

Isso só me fez gargalhar ainda mais até a garganta doer. Agradei por me tornar o dia mais leve.

No entanto, ele manteve a farsa até o fim. Saiu pé ante pé da oficina, expressão ofendida.

Imagina: cachorro-anjo. Admirei-o por sua inventividade.

Teve também a vez em que ele perdeu seu querido iô-iô. Procurou daqui, procurou dali. Ergueu pilhas de sucata, fuçou debaixo das mobílias. "Justiça poética", pensei. Precisei adverti-lo mil vezes a não quebrar nada enquanto examinava o laboratório.

— Achou?

— Não!

Por fim, Robozé teve uma ideia reluzente. Qual? Não irá acreditar. Ele arrancou a própria cabeça e fez dela um iô-iô! Sério! Claro, isso não durou muito, pois logo ele se queixou de labirintite. Não adiantou eu comentar que ele não possuía ouvidos. De qualquer forma, encontrou o brinquedo pouco depois, enfiado numa de suas articulações, e tornou a brincar com ele, feliz da vida feito uma criança.

Era difícil adivinhar quando Robozé falava sério e quando inventava lorotas.

Quando não me estava ajudando, perambulava pela cidade. As pessoas não estranhavam sua figura cromada, afinal, já havia tanta estranheza na sociedade: gente com cortes de cabelo moicano ou pintados de roxo, roupas da moda esquisitas, acessórios extravagantes, *hippies*, *punks*, pessoas fantasiadas de manequim de loja, de arbusto, de boneco de neve e por aí afora.

Uma noite, dei por encerrado o meu expediente intelectual.

— Robozé — chamei.

Nada.

— Robozé! — insisti.

Estranhei.

Ele sabia que eu iria preparar um belo ensopado de graxa e óleo lubrificante, seu favorito. Não iria se atrasar.

Preocupado, preparei-me para ir procurá-lo. Mas eis que me aparece todo esbaforido e trêmulo.

— Pronto! — resmunguei, aliviado. — Arranjou mais uma encrenca.

— Que nada, velho. Nem imagina! Deixa eu recuperar o fôlego.

— Mas você não respira, Robozé!

— Ah, é verdade. Mas o susto...

— Susto?

— É. Fui atacado!

— Atacado?

— Diacho, tá parecendo um eco! É isso aí, atacado. Eu voltava pra casa, pensando na janta. A rua tava quieta, escura e deserta. A lua cheia brilhava no céu. Gatos no cio gemiam feito almas penadas. Eu vinha sossegado, assobiando e jogando iô-iô como sempre. Percebi uma sombra aparecer e aumentar, como se a lua estivesse sendo coberta pelas nuvens. No começo, não liguei, mas a coisa cresceu, ficou mais densa e caiu sobre mim. Me atacou!

— Nossa! E depois?

— Senti morder meu pescoço. Depois, escutei gemidos e xingamentos. Virei-me e dei de cara com o bicho. Não vai acreditar. Usava capa preta. Cobria a boca, sentindo dor. Bem feito!

— Capa preta?

— Era um baita vampiro! Queria chupar meu sangue e se deu mal.

Encarei o Robozé. Dessa vez, foi ele quem desatou na risada em seguida.

— Na melhor das hipóteses, iria se engasgar ao engolir o óleo das minhas artérias.

Verdade ou não, de fato, encontrei dois pequenos amassados em seu pescoço e, daí em diante, Robozé evitou os passeios noturnos.

Ah, duro de acreditar, né?

Mas creio que a pior das histórias que me contou foi aquela do elevador.

Pergunta-me o que aconteceu?

Bom, deixa eu pensar... Deveria ser algo bom, gratificante e enaltecedor. Ainda mais por se tratar de uma boa ação. E, vindo dele, deveria ser algo a se comemorar. Contudo, não foi bem assim, tampouco deveria me surpreender.

Robozé apareceu todo contente após mais uma de suas incursões pela cidade.

— Que alegria é essa? — perguntei.

— Fiz uma boa ação!

— Você?

— Sim.

Fiquei meio de pé atrás, palpitação inquieta no peito. Tive medo de falar.

— Que ação?

— Tava passando em frente a um edifício sujo e velho. Foi quando escutei um grito de socorro. Corri e vi um cara de camiseta regata em apuro. Ele havia prendido o braço na porta do elevador. Por mais que apertasse o botão do bendito, não abria. Por mais força que fizesse, não conseguia se libertar. Choramingava de tanta dor.

— Ah, então você usou sua força cibernética e abriu a porta pra ele.

Robozé fez uma pausa e murmurou:

— É verdade, eu podia ter feito isso.

— Não fez? — O coração acelerou.

— Peguei um serrote e cortei o braço do cara. Achei que o senhor pudesse consertá-lo depois.

Quase que eu tive um treco.

— Você fez o quê?

— Xiii, o senhor tá fazendo a mesma cara que fizeram lá no prédio.

Depois dessa, tive um ataque dos nervos e vim parar aqui na instituição para doentes mentais. Mas, como pode ver, estou melhor. Preciso retornar ao laboratório para saber o que o Robozé tem feito em minha ausência. Tomara que não tenha quebrado meus equipamentos e tubos de ensaio! E, enquanto gênio da ciência, necessito que me dê alta a fim de prosseguir com meus projetos. Eles irão transformar o mundo em um lugar melhor. Rápido!

Claro que não autorizarei alta alguma. Na verdade, após todos esses delírios do Dr. Konstantin Duko e sua Síndrome de Geppetto, meu impulso é o de botá-lo em uma camisa de força, encerrá-lo em uma cela acolchoada e arrancar tantos ou mais delírios quantos sejam possíveis. Se apenas em relação à fantasia de Robozé ele foi capaz de criar tais enredos, o que mais se ocultará entre as dobras de seu cérebro?

É fascinante!

Ele continua a insistir para ir embora.

Procuro argumentar — para não dizer embromar — a fim de mantê-lo. Talvez precise chamar um enfermeiro leão de chácara e pedir para que aplique tranquilizantes no bom doutor. Em outros tempos, seriam choques elétricos.

Peço a ele que mantenha a calma, apelando para o seu suposto intelecto superior.

Quero ouvir mais histórias, obter o maior volume de informações possível para compor o meu livro. Seu caso me intriga. Nunca havia me deparado com uma esquizofrenia em tais proporções, tão substanciosas, tão coerentes dentro de sua loucura.

O que é isso? Ouço uma confusão dos diabos na clínica. Verei do que se trata. Só espero que não seja uma rebelião de insanos. Quem nunca presenciou algo assim, reze para que jamais aconteça.

— Só um minuto, Dr. K. Duko — eu peço, antes de trancar a porta do consultório.

(...)

Voltei.

Meu coração está disparado; a respiração, ofegante.

Procuro me acalmar para dar prosseguimento a estas anotações.

Aquilo que acreditava ser uma introdução, talvez deva chamar de epílogo.

Como escrevi acima, fui averiguar do que se tratava.

Encontrei funcionários atarantados, queixando-se de que o sistema caíra de repente, luzes piscavam a esmo e um fedor de queimado pairava no ar.

Ao menos, não era uma revolta.

Confirmo que, realmente, o cheiro de fiação em curto-circuito foi a primeira coisa que senti tão logo deixei meu consultório e corri direto para o setor onde a confusão se instalara.

Mas não havia nada evidente que pudesse indicar a causa. Ademais, não sou eletricista. No meio da fumaceira, sugeri que alguém desligasse a chave-geral e telefonasse para um técnico.

Voltei correndo para o consultório só para encontrar a porta arrombada e nada do meu paciente.

Algo cutuca meu ombro.

Viro-me a tempo de ver uma coisa, um braço longo e cromado fugindo pelo corredor.

Corro para lá, na direção oposta de onde tinha vindo antes. Incrédulo, avisto uma criatura metálica alta e magricela. Termina de recolher o braço. Carrega o Dr. K. Duko em seus braços em direção à saída. Dá um giro de 180° à cabeça e pisca-me um dos olhos. Depois, volta a atenção ao paciente.

— Vamo simhora pra casa, Einstein — diz o autômato. — Tenho um punhado de aventuras pra contar.

— Era isso o que eu temia — diz meu paciente. — Meus tubos de ensaio...?

— A oficina, o laboratório e a casa tão em ordem, velho.

— Menos mal... Quer saber? Senti sua falta, lata enferrujada.

— Também senti a sua, pai.

— Vamos pra casa, filho.

E agora, o que posso fazer? Publicar todo o material que tenho? Porém, não posso mais apresentar meu paciente como um caso de esquizofrenia. O robô existe! Então, o baixinho é um gênio de fato. E eu não tenho caso algum. Não tenho nada! Afinal, criador e criatura acabam de fugir da clínica. O que vou dizer? Terei de fato visto o Robozé? Estarei eu delirando? Nesse caso, eu acabarei em uma cela acolchoada!

Só sei que o robô é mais afortunado do que a criatura sem nome de Victor Frankenstein: além de possuir um nome, é amado pelo seu criador.

Lampadinha.

Pinóquio.

Robozé.

Quanto ao Dr. K. Duko — um gênio genuíno e genial — apesar dos contratemplos, estou certo de que é feliz a seu modo, rindo e desesperando-se com as peraltices do autômato, o arco-íris em seu dia a dia.

O que mais poderíamos desejar nesta vida?

Chamaríamos isso de loucura?

Acredito que não.

Loucos são os infelizes que só se sentem bem vendo ou fazendo a infelicidade dos outros.

NOTA DO AUTOR:

Robozé foi uma personagem que inventei em 1990 na forma de histórias em quadrinhos de apenas uma página, as quais foram publicadas em fanzines de ficção científica. Desenhei bem poucas. Não havia nenhuma menção ao seu criador, o qual inventei agora a fim de amalgamar em prosa as suas rudes desventuras.

BIOGRAFIA:

Roberto Schima: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na

antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de duzentas e vinte antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



Por Roberto Schima

CONTO
POR NEY ALENCAR



Espaço Morto

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Pelo breu vazio ondas de rádio de uma transmissão contínua em um padrão repetitivo vasculhavam a imensidade vazia ao redor procurando ouvidos para seu aviso!

Registro nº 23595478. Data: 25 de abril de 2145. Período: Quinto.

Aqui é o Capitã Lúcia Starley, única sobrevivente da Nave de Transporte Zhurkyn, em missão de transporte de minério do planeta Gliese 684-b, na Constelação de Libra, para a órbita terrestre. Se estiverem recebendo esta transmissão afastem-se o mais possível daqui. Este é um registro do desastre que se abateu sobre nossa nave. Espero que outros tenham melhor sorte.

Fomos acordados do hiperssono pelo alarme da nave, martelando inclemente com seu zumbido infernal. As vigias da nave, todas elas, indicavam que não havia brilho de estrelas ou de quaisquer outros corpos celestes ao nosso redor e por anos-luz de distância. Isso poderia ter várias causas, a mais aproximada seria estarmos dentro de uma nuvem de gás denso e poeira, a Barnard 68, foi isso que pensei.

Pedi que Irina, nossa navegadora verificasse.

— Capitã, estamos dentro de um vazio espacial de 1 bilhão de anos-luz de diâmetro! — a voz da navegadora estava quase em desespero.

— Explique-se! — pedi tentando manter a calma.

— É apenas um grande nada! Não tem matéria nem mesmo matéria negra, nem emite radiação de nenhum tipo, nem mesmo existe luz navegando por seu interior! Não tem galáxias, nem estrelas, nem plasma, nem gás, nem poeira, nem buracos negros....

— Ok, entendi o que quer dizer! Estamos dentro de Barnard 68! — conclui.

— Como foi que acabamos dentro dele? A nave não estava programada para evitar fenômenos assim? — perguntou o doutor, a voz exalando pânico.

— Estava sim, eu mesma refiz todos os cálculos antes de deixarmos Gliese 684-b, em Libra! Rodei um escaneamento, mas o computador não consegue explicar o que houve. Foi como se apenas deslizássemos para dentro disso.

— Então vamos sair daqui, Irina. Ligue os motores e nos tire desse lugar assombrado o mais rápido que puder. — pedi, aliviada com a constatação.

Uma trepidação leve veio de debaixo de nossos pés quando os poderosos motores foram ligados e nos impulsionaram através daquele nada.

A Zhurkyn transportava minério de ouro e titânio em quantidades incalculáveis para suprir as necessidades da Terra, estávamos dormindo há quase dez meses e deveríamos dormir mais um ano e meio se aquilo não tivesse nos acordado.

Era uma nave gigantesca, o miolo onde ficavam as cabines, a engenharia, a sala de comando e a cozinha eram do tamanho de um pequeno prédio de seis andares.

O restante era uma maravilha da engenharia, uma série de contêineres ciclópicos utilizados para armazenar o minério retirado das minas extraterrestres.

Sua vasta silhueta cilíndrica destacava-se fosca e emaciada naquele fundo vazio que a envolvia.

Éramos seis!

Trabalhava como capitã há dez anos naquela rota, fazendo regularmente viagens de transporte de minério e algumas exploratórias pelos sistemas ao redor.

Irina Vladiskova era nossa navegadora, seus quase cinquenta anos eram uma experiência inestimável em nosso ramo de trabalho.

O doutor Joaquim Cruz era o médico designado para acompanhar nossa missão, já era a terceira que fazia conosco, era confiável e estava sempre de bom humor.

Carter e Seidel, nossos mecânicos residentes, eram competentes, mas possuíam uma relação de amor e ódio, Carter era franzino e parecia ser o cérebro daquilo, consertava quase tudo, mas seu mau humor era terrível, principalmente quando era acordado do hiperssono fora de hora. Já Seidel era o oposto dele, era alta, quase dois metros, loira e robusta, o contraste da pele dos dois fazia com que fossem o complemento um do outro. Eram inseparáveis!

Nosso engenheiro de dados, Hirano Takawara, era uma incógnita. Era sua primeira missão conosco e não o conhecíamos bem. Ficara calado desde sua chegada e pouco e nada conversara, até mesmo com o doutor, que era tão alegre e disposto.

Todos reagiram de forma diferente àquele contratempo, mas quem mais me intrigou foi Hirano, pois não expressou nenhuma palavra nem sequer um som e não parava de olhar atentamente pelas vigias, como se tentasse ver alguma coisa naquele nada exterior.

Navegamos por aquele nada durante dias!

Era como se sequer saíssemos do lugar, nada ficava mais perto, nem sequer as luzes das estrelas que deveriam brilhar, aquilo começou a afetar a todos ali, era aterrador!

Até que o combustível acabou!

O pior, porém, foi que a nave parou seu movimento, não foi como simplesmente andar pelo vácuo, havia algo diferente acontecendo ali, como se estivéssemos cercados por um vazio absoluto que impedia que seguíssemos em frente, uma coisa gosmenta e invisível que barrava nosso caminho. Sem o combustível para nos impelir, ficamos parados naquele nada.

A calmaria trouxe a loucura, devagar primeiro, mas constante.

Hirano foi o primeiro a enlouquecer!

Estava dormindo quando Irina me acordou aos gritos, estava completamente fora de si, balbuciava coisas sem sentido, como “a enorme bolha de vazio”, “a coisa que estava do lado de fora” ou “o som do silêncio dentro da mente”.

Levantei-me e levei-a até a enfermaria, onde o doutor aplicou-lhe um sedativo para que dormisse, depois fui procurar Hirano para ver se havíamos conseguido contatar alguma outra nave ou alguma estação próxima.

Ele havia se enforcado dentro das instalações de engenharia, seu corpo ainda balançava quando o encontrei, foi terrível.

Fizemos um enterro para ele e despejamos o caixão improvisado por uma das comportas, para o vácuo, mas sabíamos que ele iria ficar colado ao casco da nave até o fim.

Dois dias depois foram Carter e Seidel.

Também fui eu que os encontrei, estavam deitados e abraçados, os pulsos cortados e os olhos ainda abertos, não consigo esquecer as expressões angustiadas naqueles rostos abatidos e angustiados, os olhares esgazeados foram o pior.

Ainda sonho com eles!

Irina veio me ver, quase uma semana depois, ela havia ficado isolada em sua cabine, não queria ver ninguém nem falar com ninguém, aquela solidão estava mexendo demais com sua sanidade.

Ela me encontrou na ponte, tentando descobrir uma maneira de fazer a nave se mover.

Eu também estava ficando louca com aquilo!

Ela me disse que o vazio estava falando com ela, que ele a chamara pelo nome e lhe mostrara que ele poderia salvá-la se ela fosse até ele, se o deixasse entrar na nave.

Era uma conversa estranha.

A voz dela estava diferente, mais rígida e sem entonação, como alguém que desistira de viver, parecia que já não possuía nenhuma emoção.

Eu apenas ri! Não pude fazer nada. Aquilo a deixou furiosa e depois dessa conversa não a vi por vários dias.

Fui acordada por Joaquim, ele estava muito abalado e dizia que Irina queria abrir as comportas e deixar o vácuo entrar.

Aquilo certamente iria nos matar, não podia deixar que ela fizesse isso.

Corri para a sala de controle, ela estava quase abrindo as comportas, já havia passado por todas as senhas necessárias. Afastei-a dos controles, estava louca, queria nos matar?

Ela gritou que queria sobreviver e saiu correndo, minutos depois um alarme tocou e pelas câmeras de vigilância vi a comporta lateral se abrindo e o corpo de Irina pulando no vácuo.

Sua silhueta afastou-se brevemente da nave e então parou, como se estivesse pregada naquela coisa negra e invisível ao nosso redor. Não a ouvi gritar!

O doutor desapareceu logo depois. Não consegui encontra-lo em lugar nenhum da nave.

Não sei o que aconteceu com ele, simplesmente sumiu sem deixar nenhum vestígio.

Faz dias já que o procuro.

Foi numa dessas empreitadas, quando estava perto dos motores centrais, parados em um silêncio abominável, que escutei um som horrendo movendo-se dentro de minha mente.

Primeiro pensei que era ao meu redor, e me assustei, pois parecia uma serpente ou um inseto muito grande, depois descobri que era dentro de minha mente.

Tomei várias pílulas para dormir e apaguei não sei durante quando tempo, mas quando acordei aquele som ainda estava lá.

Agora tenho certeza! Existe outra coisa aqui conosco, algo estranho e alienígena, que também ficou preso neste espaço morto e agora está fazendo contato comigo. Uma coisa que estava presa aqui dentro havia muito tempo, tanto tempo que já perdeu a sanidade.

Foi ela que devorou a mente de Irina e que fez Hirano, Carter e Seidel se matarem!

Agora eu sei disso!

Ela está dentro de mim agora, está me enlouquecendo, posso sentir.

Me peguei várias vezes olhando os controles das comportas e uma vontade louca de acioná-los parecia querer tomar conta de minhas mãos.

Não sei o que é isso, mas está minando minhas forças e logo não terei mais controle sobre mim mesma. Mas então já terei enviado esta mensagem.

Não sei se alguém a receberá algum dia, espero que sim.

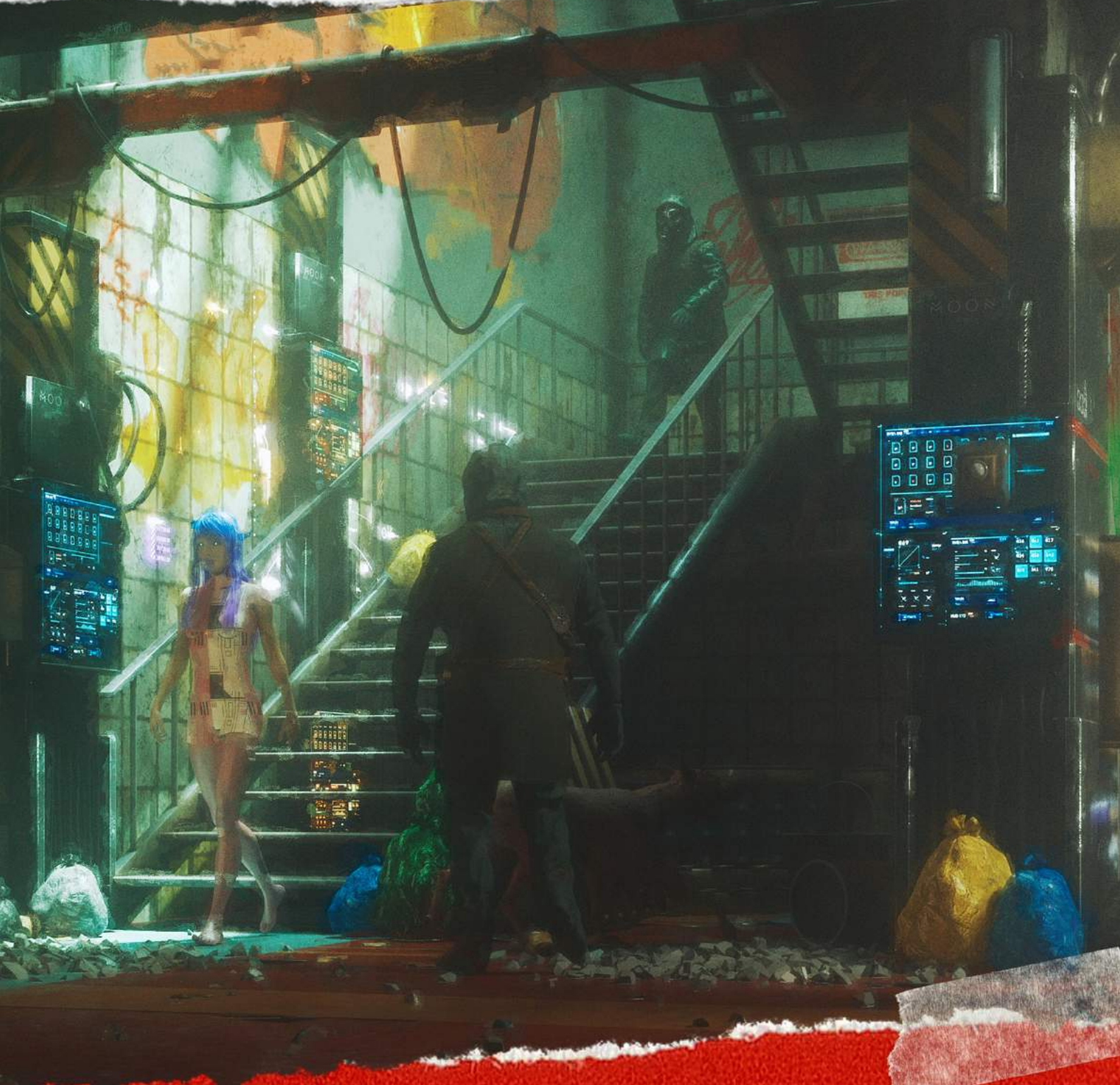
Aqui é o Capitã Lúcia Starley, única sobrevivente da Nave de Transporte Zhurkyn, em missão de transporte de minério do planeta Gliese 684-b, na Constelação de Libra, para a órbita terrestre. Repetindo, se estiverem recebendo esta transmissão afastem-se o mais possível daqui.

Ouve uma pausa de microssegundos quando a voz desesperada terminou sua narrativa, para então com um estalido seco recomeçar sua litania.



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

CONTO
POR NEY ALENCAR



Fractura!

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“O conjunto do todo
Não é a soma das partes!”

— A Psicologia Zoult, página 275, terceiro parágrafo

Ele sentou-se no balcão da lanchonete em silêncio!
Olhou ao redor pausadamente, seus globos oculares multifacetados captaram cada nuance das expressões de raiva, ódio e nojo das criaturas ao seu redor.

Olhou para frente, constrangido por ser o alvo de todas aquelas emoções.

A garçonete humana colocou uma xícara com um líquido preto e fervente à sua frente e um prato com zigotos banhados em óleo fervente e fatias de gordura subcutânea curada de algum animal que desconhecia.

O odor que vinha daquela comida alienígena saturou as células sensoriais de suas antenas e fez contraírem seus receptores gustativos.

Foi difícil controlar seu diafragma e os músculos abdominais para impedir a eliminação involuntária de seu conteúdo gástrico.

Virou o rosto!

Não conseguiria fazer isso! Era demais para ele!

Retirou alguns créditos do bolso e colocou-os sobre o balcão.

Tentou desculpar-se, porém aquela língua alienígena ainda fazia tremerem suas quilíceras e suas maxilas não conseguiam pronunciar aqueles sons aspirados e palatais.

Voltou-se e saiu da lanchonete, batendo a porta atrás de si.

Uma babel dissonante de sons e odores o envolveu.

Apesar de ser apenas um bairro na megalópole de Magebot aquele lugar era dez mil vezes pior do que as descrições dos mil infernos de Azulay.

O horror extremo que sentia ao caminhar por aquelas ruas avassaladas pela multidão de humanos, robôs e uma miríade de seres alienígenas era terrível.

Podia sentir a adrenalina subindo por suas artérias, fria e lentamente, podia sentir aquela opressão tomando conta de sua mente.

O silêncio dentro de seu crânio era opressor, massificante.

Não conseguia viver mais com aquilo, sentia falta das vozes de sua colônia, das vozes de sua manada, do zumbido estrepitoso que o envolvia naquela calmaria intoxicante.

Aquele silêncio era horrendo!

Ainda podia sentir aquelas vozes como fantasmas que o assombravam.

Eram como sons fantasmais que o assaltavam de tempos em tempos quando o silêncio se tornava mais forte!

A voz de seus próprios pensamentos era aberrante e soava como se fosse outro ser completamente diverso dele.

O ronco súbito de um aerocarro passando próximo o jogou de volta à realidade.

Olhou em volta perdido. Assustado!

Já havia passado do lugar, tinha que voltar, onde era mesmo? Onde estava indo?

Ah sim, o consultório do médico humano, o terapeuta!

Era assim que eles o chamavam.

Diziam que ele precisava organizar sua mente novamente, diziam que ele precisava aprender a diluir-se na multidão, nadar naquele mar de silêncio e naquelas ondas de emoções discrepantes.

O horror da solidão!

Isso era o pior, estava sempre presente, não podia ser confrontado, mas existia dentro dele e martelava incessante em seu cérebro.

Voltou alguns passos e conferiu o endereço, era ali!

Entrou pela porta de vidro, o porteiro o olhou com certo horror e nojo.

Procurou a placa do terapeuta entre as dezenas de placas penduradas na parede acima da mesa do porteiro.

Ali estava ela, era no quinquagésimo nono andar.

Caminhou devagar pelo chão de mármore quadriculado, suas patas batiam com um som seco no chão fazendo um barulho esquisito que ressoava como estalidos quebrados pelo corredor cheio de sombras.

O elevador minúsculo o oprimia.

Retesou suas asas vestigiais de encontro ao corpo para evitar o contato com as paredes de metal frio.

A vertigem da subida lembrou-o da vida na colônia!

O odor do óleo lubrificante saturou seus sentidos e nublou sua mente, estava por toda parte, era insuportável, deixava-o nauseado.

Quando a porta de abriu pulou para fora, quase caindo no chão de linóleo colorido.

Entrou no consultório com os três corações disparados, quase estourando sua carapaça torácica.

Levou os quatro manípulos ao peito sentindo a dor lancinante e o medo!

Caiu de joelhos e gritou em uma língua de trinados e cliques:

— Doutor já não posso aguentar mais o horror da solidão!

O terapeuta levantou-se e olhando com estranheza falou:

— Senhor Manxur! O senhor não é um Zoult! O senhor é um homem!

O horror da revelação foi demais para ele!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

CONTO
POR NEY ALENCAR



O Ponto Cego

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“A Lei é formidável. Mas desta vez eu sou a Lei e não vou ser frio nem imparcial.”

Mike Hammer, Mickey Spilare

Nova Vênus, terceiro planeta do Sistema Nova Terra. Stax Reeche. O detetive Jockley Gowl olhou estarecido para a cena à sua frente! Parecia vinda de um filme de horror!

A porta do quarto 1615 do Hotel Taipei estava lascada em tiras e no interior o que restava de dois corpos que deveriam ser humanoides estava espalhado pelo local.

O sargento Rian balançou a cabeça desconsolado.

— Já conseguiram capturar o fugitivo? — perguntou Jockley preocupado, afinal ter um Klarkxax korroriano solto pelas dependências do hotel era uma adversidade fabulosa.

— Ainda não, senhor.

— O doutor Orville já está chegando para fazer o exame do que restou nos corpos? Preciso do resultado até o meio-dia.

— Mas eles foram devorados, senhor. — desculpou-se o sargento sem entender.

— Não tire conclusões precipitadas, sargento. O animal fugitivo deve ser capturado primeiro o contudo de seu estômago analisado para que tenhamos certeza. Até que tudo isso seja feito teremos apenas hipóteses.

Um sinal alto veio pelo comunicador identificando que a equipe de extração e captura havia conseguido pegar a criatura.

— Vamos descer. — comandou o detetive.

No térreo uma moça alta e de compleição atlética vestida em uma roupa vermelha com o símbolo do hotel já os esperava.

— Bom dia detetive, sou Maiora Taipei, gerente do Hotel. O klarkxax foi sedado e será abatido tão logo confirmemos a posição da FPI no caso.

— Bom dia, mas não será necessário abater o animal. Ele será levado para uma reserva e dali recambiado para seu ambiente natural. — contestou Jockley sorrindo — Preciso dos registros de todos os animais que vocês possuem em seu terrário.

— Já foi providenciado e enviado. — disse a mulher sem sorrir.

— Como explicam que uma besta terrivelmente perigosa deste tipo tenha escapado e ficado tanto tempo solto nas dependências do hotel?

— Não podemos explicar, detetive. — contrapôs a mulher em um tom irritado — Este animal não é nosso. Todos os três klarkxax que possuímos estão em suas jaulas, estão devidamente registrados e catalogados pela própria FPI e possuem número de registro.

— E de onde este veio?

— Se eu fosse dar um palpite, o que não estou fazendo... — retorquiu a mulher sorrindo sarcástica — Diria que ele nos foi enviado pelo Senhor Aurlion do Hotel Groncz, nosso vizinho. Ele não é nosso maior fã e vive implicando com qualquer coisa que fazemos aqui.

— É uma acusação séria!

— Veja bem detetive, não o estou acusando de nada, é apenas um palpite.

— Bem, vou investigar e voltamos a conversar.

O sargento Rian aproximou-se.

— O animal já foi levado, senhor. Mas ela está certa, realmente ele não possui registro. Aparentemente, porém, existe uma queixa de furto de um klarkxax vinda do Hotel Groncz, feita ontem à noite, por volta das onze e meia.

— Vamos conversar com o senhor Aurlion e ver o que ele tem a nos dizer.

Jockley, um ciniano originário do planeta Riox, no Stax Borealis, diplomado de Mestre em Exopsicopatologia pela universidade de Magebot, tirara seu grau estudando os modos e comportamentos dos seres humanos, suas fobias e psicopatologias, porém ainda custava em acreditar que aquela raça fosse tão propensa à violência gratuita como era relatado.

Sentado em uma poltrona acolchoada na grande sala do dono e gerente do Hotel Groncz, o senhor Aurlion, não podia deixar de imaginar se aquele homem gordo e velho sentado à sua frente seria capaz de um ato de covardia tão grande como soltar uma besta horrenda e faminta nas dependências do hotel concorrente, mas tratando-se de seres humanos tudo era possível.

— E o senhor está me dizendo que o animal veio daqui? — perguntou o gerente com uma expressão vazia no rosto.

— Sim. — confirmou o detetive — O klarkxax que foi furtado daqui foi apreendido nas dependências do Hotel Taipei, após devorar dois hóspedes.

— Como isso seria possível? Todos os nossos animais são mantidos em jaulas bem fechadas.

— Vocês mesmos deram queixa ontem à noite do furto. — confrontou o detetive.

A expressão de surpresa no rosto do homem indicava que não sabia o que estava acontecendo.

— Não fui informado....

— Eu o estou fazendo agora. Preciso da lista de empregados e de todos os que tinham acesso às jaulas, bem como os registros de todos os animais que possuem.

— Irei providenciar, detetive. Mas não acredito que ninguém aqui tenha feito uma coisa tão terrível. Além do que apenas eu e o tratador dos animais temos acesso às chaves de segurança das jaulas. Elas só podem ser abertas com identificação visual e vocal.

— Mesmo assim preciso dos registros.

O homem balançou a cabeça concordando.

Duas horas depois o doutor Orville chamou Jockley pelo comunicador.

— Tenho boas e más notícias.

— O que descobriu? — perguntou Jockley ansioso, esse caso estava realmente ficando bem complicado.

— O klarkxax realmente devorou o casal, mas não foi ele que os matou. Já estavam mortos quando ele os devorou, portanto acredito que, sendo um animal necrófago, tenha sentido o odor cadavérico e isso o fez chegar até eles.

— Qual a hora das mortes?

— Entre vinte e duas e vinte e três horas de ontem. — precisou o médico.

— Que estranho, imagine que haviam sido mortos para encobrir o furto das pesquisas que estavam transportando, mas se foram mortos antes....

— Quer dizer que temos dois assassinos soltos!

— Talvez! Eles eram cientistas do laboratório farmacêutico Aquilab, de Magebot e deveriam reportar nesta madrugada, mas não o fizeram, então alguém os matou e furtou a pesquisa que transportavam, porém será que ele soltou o animal para que este apagasse os rastros de seu crime?

— Ai é com você!

— Obrigado, doutor. — Jockley agradeceu, mas ficou pensando, os horários não batiam.

Se o animal havia sido furtado, como indicavam os registros eletrônicos de abertura das jaulas, as vinte e três horas e as mortes haviam ocorrido às vinte e três horas, a mesma pessoa não poderia ter feito as duas coisas, à não ser que tivesse um cúmplice ou fossem duas pessoas diferentes tentando fazer duas coisas diferentes. Mas o que estavam tentando fazer?

Por volta das duas da tarde o doutor Orville retornou.

— Detetive, acredito que tenho a solução para o caso!

— Que ótimo, doutor, o que descobriu?

— Identifiquei duas impressões de DNA diferentes das impressões das vítimas.

— No quarto do hotel?

— Não! Uma delas estava realmente no quarto, e acredito que é do assassino, pois encontrei-a debaixo das unhas de uma das mãos que ainda estava intacta e não havia sido devorada ou mastigada pelo animal. E a outra estava no próprio animal.

— Como assim?

— Bem, queria ter certeza de ter colhido todos os resíduos de DNA humanoide no quarto, mas depois me lembrei de que como o animal havia devorado as vítimas ele certamente teria muito DNA humano em sua pele. Fiz um exame detalhado no corpo da criatura e ali, em uma das garras, encontrei o que procurava. Estou enviando as duas impressões agora.

— Obrigado mais uma vez doutor.

Jockley riu ao olhar as impressões! Desta vez as respostas às suas perguntas estavam bem na sua frente!

No fim da tarde reuniu-se com a gerente do Hotel Taipei e com o gerente do Hotel Groncz, ambos não estavam felizes de estavam frente à frente, mas afinal o caso estava resolvido.

— Como descobriu tudo, detetive. — perguntou o senhor Aurlion.

— Bem, quando descobrimos as duas impressões de DNA ficou tudo claro para mim. A primeira era de um tal Klimbitz Alexandru, um renomado espião de Magebot e que já fora apreendido várias vezes traficando segredos industriais, fazê-lo confessar foi fácil! Porém ele nos disse que não tinha nada a ver com o klarkxax solto. Foi a segunda impressão que nos deu a resposta.

— Era o antigo gerente o tempo todo? — perguntou Maiora intrigada.

— Sim, Iglor Karpensky fora demitido alguns dias antes que a senhora sumisse o cargo, ele dedicara toda sua vida ao hotel e quando isso acontecera decidiu se vingar pela sua demissão injusta, do ponto de vista dele é claro! Conseguiu furtar o animal do Hotel Groncz após se aproximar da namorada do tratador, que estava descontente com as ocasionais traições que ele perpetrava, e ela lhe conseguiu os códigos e as chaves que

precisava. Porém cometeu um erro, tentou apagar o número de registro de transporte do animal e foi arranhado e mordido por ele enquanto fazia isso, o que resultou em um envenenamento grave por exposição à saliva neurotóxica da criatura. O ponto cego do caso estava justamente aí, se não fosse a neurotoxina do klarkxax jamais o teríamos descoberto!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

CONTO
POR MARIA IZELDA FRIZZO



O BATIZADO DA NETA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Tudo começou com uma conversa franca, apesar de difícil para ambas as partes, na mesa da cozinha da casa paroquial, enquanto o velho padre servia café morno à avó aflita.

— Faço questão que o batizado da minha neta seja realizado na igreja da vila, pelo senhor, afinal é a igreja da minha comunidade, onde eu mesma fui batizada, onde meus filhos foram batizados e da qual o senhor é o responsável, é o nosso pároco.

O velho padre ouvia em silêncio, ocupado em despejar o café na xícara da avó aflita e inconformada com a sugestão de que o batizado fosse realizado em outra igreja, em vista dos fatos; uma adolescente, mãe solteira, chamaria muita atenção!

Por um instante passou pela sua lembrança o olhar da freira no hospital, quando sua neta nasceu, linda, saudável! O olhar seco e frio de quem questiona: “Por que a senhora não orientou melhor a sua filha?!”

Tomou um gole do café já frio e tomou coragem para insistir que o batizado fosse realizado na igreja de sua comunidade, como todos os batizados eram feitos! Quando as crianças são apresentadas à comunidade, com salvas de palmas, com a imposição das mãos e as bênçãos de todos. Na verdade, sabia que estava forçando o velho padre a pensar sobre algumas questões. Afinal, tudo seria mais fácil se a pequena fosse batizada noutra igreja, não atrapalharia ninguém, não provocaria comentários nem incomodaria os “velhos” conceitos já mofados de tantos velhos padres e freiras....

Sem fingir satisfação, o velho padre sentou-se e passou a preencher a ficha do batizado.

— Convém que se faça um batizado discreto, depois de terminada a missa, quando todos já tiverem saído. Para não chamar muita atenção. Ah, e os pais da criança não poderão participar da Eucaristia; não podem comungar sem se confessarem antes de realizar o matrimônio.

Essas palavras queimaram o coração da avó que ouvia em silêncio.

(Por que minha neta não pode ser batizada lá? Que pecado terá essa criança que precisa ser batizada às escondidas? Que anormalidade possui esse ser lindo e frágil que não pode ser exposto aos “santos” cristãos da comunidade?! Que crime cometeram os pais para serem excluídos da mesa do Senhor?!). As perguntas vinham em seu pensamento como vassouradas desferidas sem piedade.

E, com palavras que não vinham da sua compreensão e entendimento, concordou.

Acertaram o dia. Seria no dia vinte e seis de fevereiro.

Naquele dia, a avó saiu da casa paroquial com o coração apertado.

Mas, enfim, de uma forma ou de outra o batizado estava marcado. E seria lá na igreja da sua devoção. O que importava era a confiança num Deus amoroso, num Deus que acolhe, num Deus que tem o Seu jeito de falar e de dar respostas.

Afinal a sua netinha estava ali, como uma bênção! Em meio a tantas contradições e descaminhos, uma verdade se apresentava claramente para a avó: a neta viera estabelecer e restaurar vínculos entre ela e a filha. Este pensamento a confortava renovando sua confiança, sua garra e amor à vida.

Enfim chegou o dia vinte e seis de fevereiro. O domingo não podia ser mais bonito!

O sol compareceu como convidado especial da avó e foi o primeiro a chegar. A única que percebeu foi ela, que acordou cedo para adiantar o almoço. Foi um corre-corre! Cozinhar as batatas, temperar a carne, arrumar a cozinha, acordar os filhos, fazer e servir o café, ajudar a vestir a garota!

E a filha madrinha: “Que roupa eu visto?”

— Filha, agora você pergunta? “Você teve todo o dia de ontem para pensar que roupa vestir!”

E a filha mãe: “Mãe, esta roupa me deixa gorda. Me empresta uma roupa sua?”

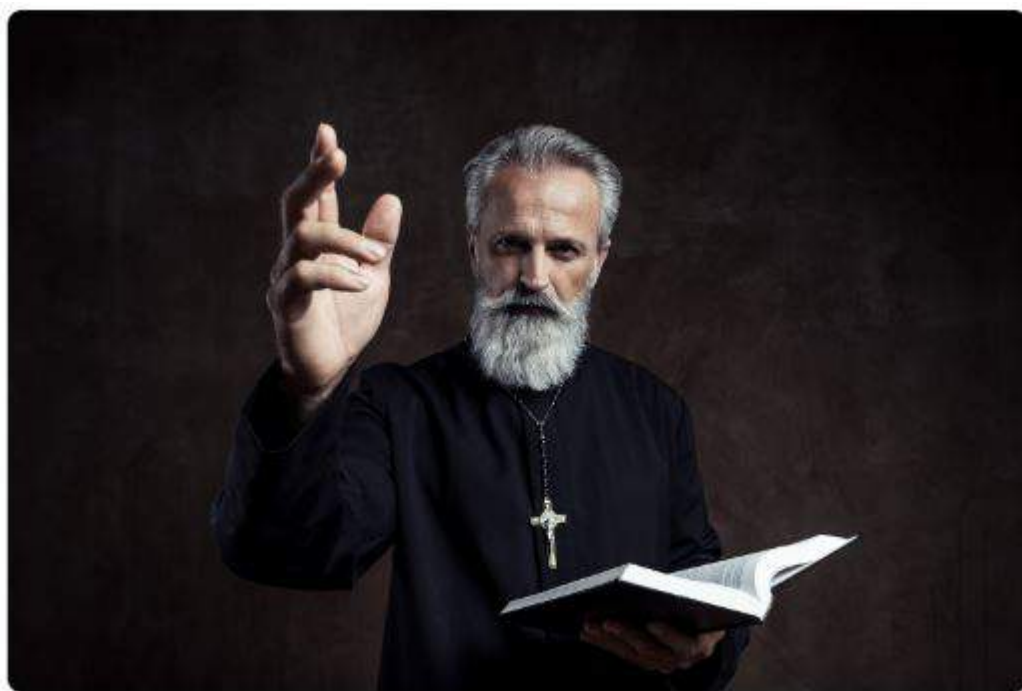
— Às oito e quinze inicia a missa e eu preciso chegar antes para organizar a liturgia e distribuir as leituras.

Enquanto isso, o filho padrinho cuidava da afilhada, que já estava impaciente.

Pudera! Deixaram-na pronta e enfeitada uma hora antes e ainda por cima recomendaram que não molhasse nem sujasse as fraldas!

E o genro pai andando de um lado para outro, tentando distrair a pequena.

Tudo foi realizado conforme foi solicitado pelo padre: depois que a missa acabou, quando todos já tinham saído da igreja, tudo muito discreto. Menos a garota que arrumou um jeito de chamar a atenção de todos durante a missa: abriu a boca chorando alto para que todos a ouvissem. E bem no momento em que se fazia uma prece pelas crianças da comunidade.



Meu nome é **Maria Izelda Frizzo**, sou natural de Caxias do Sul onde sempre residi. Minha formação é Filosofia. Sou professora aposentada do município desde 2018. Desde criança gosto de escrever. Tenho publicados alguns textos e crônicas simples e no momento estou me dedicando à escrita de livros infantojuvenis ainda em processo.

CONTO
POR GILMAR DUARTE ROCHA



Santo de casa faz milagre, sim

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Sinhá Mariquinha tinha a fama de ser a pessoa mais devota à religião católica na pequena cidade de São José dos Suplicantes, localidade perdida em algum ponto da região do Recôncavo baiano. A senhora septuagenária, já caminhando para a casa dos oitenta, tinha o sestro de colecionar — além de adorar — dezenas, talvez quase uma centena de imagens de São Francisco de Assis, seja em forma de quadro, em escultura de bronze, de barro, de porcelana; e até uma imagem do santo confeccionada com tecido e juta. Todos no lugarejo tinham ciência da existência e da abundância dessas efígies do frade franciscano (que virou santo dos pobres) na residência velha solteirona. No entanto, o que poucos sabiam, é que a beata guardava a sete chaves um escapulário de ouro puro, datado de meados do século XIX, com a imagem do santo Francisco, joia essa que ela havia herdado do seu bisavô João Fulgêncio dos Reis, um famoso usineiro da região, que construía igrejas e capelas em todo lugar, mas que tratava à base de relho e do pelourinho as dezenas de escravos que labutavam e sofriam nas suas usinas baianas e alagoanas.

A religiosa Mariquinha levava a vida andando de casa para a igreja; da igreja para a casa de outras amigas beatas; rezando, benzendo, maldizendo, orando, enfim cumprindo um roteiro, que se submetido ao mapa de calor, poderia se traduzir numa perfeita elipse geométrica com os seus eixos, distâncias e focos muito bem traçados, começando e terminando sempre no mesmo lugar.

Como a vida de um ser humano não pode ser traduzida como uma elipse definitiva, com caminhos e trajetória calculados matematicamente, desde o berço até o túmulo, que seguramente é último cômodo reservado ao burguês, eis que um belo (ou triste) dia o padre Cosme y Damião, um pároco quase centenário, que inclusive crismou, batizou e comungou a religiosa Mariquinha, foi dessa para melhor, despencando do altar da igreja matriz de Suplicantes, em plena missa, após ser abatido por um infarto fatal.

Criou-se um clima tamanho de comoção e tristeza na cidade e região, que foi preciso embalsamar o corpo do sacerdote católico, para que todos os cidadãos e camponeses pudessem vê-lo e prestar-lhe a última homenagem.

Pois bem. Duas semanas após o sepultamento do querido padre, chegava à cidade o substituto enviado pela arquidiocese de Salvador, um clérigo jovem, simpático, elegante, robusto e muito comunicativo, de nome Alaor Barbosa. Não demorou para a presença do novato criar um certo clima de animosidade entre as fies do sexo feminino, mormente entre as moças, que raramente iam às missas no tempo do padre Damião, e as beatas (em especial, Sinhá Mariquinha), que eram grude e carrapato da casa do Senhor e que já faziam parte do inventário da igreja e que se sentiam incomodadas com o assédio da juventude feminina.

Certa tarde, para desbancar o ímpeto de uma mocinha que nunca tinha cumprido o sacramento da confissão dos pecados e que na hora de fazê-lo subiu em um tamborete e só faltou encostar os mamilos na grelha do confessionário, Sinhá Mariquinha, visivelmente irritada, saiu da fila das confessoras e foi ao encontro da jovem penitente, arrastando-a pela gola da camisa e esbravejando:

“Despudorada! Não tem vergonha? Isso é jeito de se comportar diante de um homem de Deus?”

A moça, assustada com a rispidez e a grosseria da beata, saiu correndo da igreja gritando impropérios e prometendo revanche à velha senhora. Sinhá Mariquinha, por seu turno, embevecida com o ato de protesto à moralidade, seguiu altaneira para o confessionário. Ajeitou os cabelos presos por um antiquado coque; ajustou o pó de arroz do rosto; olhou para o seu busto e, vendo que as coisas desmoronadas pelo tempo não iriam seduzir o vigário, resolveu que utilizaria a sedução do patrimônio, que nunca falha, em situação alguma:

“... Santo padre esses são os meus pecados, mas, quis o Santo Deus, que eu não perdesse a minha formosa casa na Rua das Camélias; a minha parte na propriedade de fabricação de farinhas em Nazaré; as minhas singelas joias herdadas de minha mãe, como eu falei para o senhor eu sou devota de São Francisco e possuo várias imagens do santo em casa, inclusive um escapulário de ouro vivo, do século dezanove, presente do meu bisavô no dia do meu batizado...”

O sacerdote que ouvia calado a remissão dos pecados, ficou em silêncio por algum tempo, e depois disse palavras de benção e louvação à penitente, acrescentando: “tome cuidado com o escapulário, senhora. É uma relíquia que o Senhor Deus ofereceu à senhora e que deve ser resguardado”.

Passaram-se duas, três semanas, mais precisamente às duas da madrugada de uma segunda-feira, Mariquinha é despertada por um barulho estrondoso vindo da sua sala de orações. Assustada, levantou-se da cama de camisola; acendeu a luz do candelabro de mão e, resoluta, encaminhou-se até o espaço de São Francisco, como ela denominava o seu ambiente de reza e meditação. Tomou um susto enorme quando viu o móvel antigo, uma espécie de cristaleira, onde ela guardava todas as suas imagens e esculturas sacras, estatelada no piso, com vários objetos quebrados e espalhados no chão. Mais adiante viu a pesada escultura do santo esculpida em madeira nobre, que ficava no alto do móvel, rolando no chão e inteiramente coberta de sangue. Ela não entendia o que havia acontecido ali. Olhou para o canto da dependência e viu a caixa que guarnecia o seu precioso escapulário de ouro. A caixa costumava ficar escondida atrás da escultura que estava banhada de sangue. Respirou aliviada quando viu que o escapulário estava intacto. A sua preciosa joia sacra não havia sido violada. Olhou, então, de volta para o seu ensanguentado São Francisco de madeira e disse: “santo, santo, santo”.

No dia seguinte ao incidente, Sinhá Mariquinha preferiu não contar a ninguém o estranho incidente ocorrido na sua casa durante a madrugada. Continuava confusa. Quando ia para a feirinha fazer compras, eis que encontra a beata Maria do Rosário, amiga de longa data, que lhe transmitia uma notícia por demais esquisita:

“Você soube que bandidos tentaram assaltar o padre Alaor ontem à noite lá no fundo da igreja? Quase arreventam a cabeça do coitado. Teve que ser levado de ambulância para a capital”.

Sinhá Mariquinha parou, refletiu e devolveu à amiga:

“O novo padre parece que não gosta de imagens de santos. Deveria, pois elas fazem milagres”.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

CONTO
POR IDICAMPOS



Renascimento

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Alfredo Naroco, proprietário da indústria Plástico Total, entrou nos cinquenta anos num luxuoso apartamento em Ipanema, zona sul do Município da Cidade do Rio de Janeiro. Empresário do ramo de embalagens plásticas, orgulhoso, pedante, vivia contando vantagens na roda do chope:

— Polui com minhas embalagens plásticas parte da Baía da Guanabara! — Tinha naquela afirmação um falso legado de sucesso.

Os amigos de copo, majoritariamente, empregados da poluidora, fingiam que o admiravam...

Tinha a solidão como companheira. Fazia sexo às terças feiras, às 21 horas, em ponto; caso a fêmea atrasasse, ficava pra próxima terça, metódico até no orgasmo.

Rodeado de puxa sacos, avesso à família, evitava proximidade com as pessoas; indivíduo frio, calculista, afetividade nula.

O porteiro careca do edifício carecia do som da voz do morador do apartamento: 301; era incapaz de expelir um bom dia em cumprimento ao funcionário. Um morto vivo, vivo morto; morto ou vivo?

Ligou o computador, uma novidade era denunciada nas manchetes dos jornais: um vírus perigoso vinha da China, do organismo do morcego — não causava só uma gripezinha — poderia ser letal. O micro-organismo descia em solo brasileiro nas escadas do avião.

A indústria do capitalista, a Plástico Total, sofre com a crise da pandemia — ano corrente de 2019 — a firma perde mercado, demiti funcionários, diminui a fabricação de embalagens, um desastre econômico.

Atordado com a conjuntura sai do escritório, liga o carro, o asfalto mergulha a cidade num fim de tarde fúnebre. O ronco do automóvel quebra o silêncio das ruas desertas, ilustradas pelas placas de campanha: FIQUE EM CASA!

O sinalizador da garagem do prédio ofusca, brilha um amarelo triste perante a ausência do porteiro. Naroco abre o portão manualmente com a chave, as vagas estão congestionadas, os moradores acuados nos respectivos metros quadrados dos domicílios.

O porteiro fazia parte do grupo de risco, encontrava-se recolhido no barraco, na Favela da Rocinha, por isso a portaria suspendia as atividades na pandemia. Aparecia na mensagem colada no elevador.

Alfredo adentra o recinto, aciona a televisão, a apresentadora do jornal conversa com a câmera. Os livros transbordam as letras na estante, as paredes pálidas, os móveis mudos; o visual encena um velório...

O condomínio frio, sem calor humano: do lado esquerdo a viúva do oficial, no direito a sepultura do doente acamado de Covid. A bela modelo tossindo no apartamento em frente. Os outros andares, totalizando 13, repetiam a infelicidade existencial!

Os colegas ficaram escassos, as coisas mudaram; ninguém aturava mais a soberba do burguês, a antipatia, o mau humor, a companhia indesejável de um coração vazio...

Os quiosques, no calçadão de Copacabana, abandonados à própria sorte, encrustavam a lembrança da praia lotada: gente correndo, banho de mar, surfista, futebol de areia, samba, etc.

As pedras portuguesas das calçadas choravam, copiosamente, em solidariedade a dor do carioca desolado — sentado no meio fio — revelando a ferida aberta por um abraço recusado, o beijo mal dado, um amor não correspondido; sofria com o tempo perdido...

Os dias um dentro do outro, os meses cambalhotam na ribanceira, a calamidade insiste; será o fim da nossa hospedagem no planeta?

Sacudiu a fuligem da trajetória, dobrou as mangas da camisa, amanheceu no negócio, levantou a cabeça e mãos à obra. Convocou os operários, ofereceu ajuda psicológica, deu novo ritmo ao trabalho, reuniu a equipe:

— Queridos colaboradores, precisamos reagir às dificuldades... O trato despertou estranheza entre os funcionários, porque o chefe mudara a postura.

— Como enfrentaremos a depressão econômica? Cortou o argumento do patrão, energicamente, o engenheiro de produção.

— Produziremos material hospitalar.

— Qual material?

— Máscaras, roupas, luvas, botas; as vestimentas descartáveis para a proteção contra a Covid-19.

— Quando?

— Em boa hora, abasteceremos os hospitais; reservando parte do produzido a doação aos necessitados.

Dependurou no telefone, estabeleceu contato oficial, mobilizou os empresários, confirmou o início das negociações para despoluição da Baía de Guanabara.

No segundo turno do dia, à tarde, levantou o endereço do porteiro careca. Subiu o morro, visitou o guardião, ofereceu solidariedade...

Os contatos denunciaram o paradeiro da amante da terça. Tomou banho, aparou a barba, colocou perfume, incorporou o charme da paixão.

Plim! Plim! Plim! Apertava a campainha da casa da amada. A fechadura destrancou:

— Surpresa, você aqui?

— Queria vê-la, dizer o tanto te amo, o quanto preciso de você!

— Perdoa-me (fitou-lhe embaraçada) estou descabelada...

— És linda, agora vejo tua beleza interior... Dito isso, embarcou num beijo apaixonado!

— Nossa! Exclamou a mulher, comemorando o amor correspondido.

A felicidade ganha endereço na modesta casa do subúrbio do Rio... O quarto guardava os segredos da intimidade dos corpos, os lençóis planejavam um grande amor!

Saem juntos, distribuem cestas básicas, acalentam os vitimados pela pandemia... Fazem as compras da viúva de Ipanema, deixam um rastro de fraternidade por onde passam...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

CONTO
POR MÍRIAM SANTIAGO



Controvérsias da meia-idade

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Anna Francisca estava divorciada há cerca de quatro anos. Mãe de uma linda moça, Sandrine, de 22 anos, viviam em um apartamento de dois quartos a uma quadra da praia do Gonzaga, em Santos, região considerada de alto padrão por ser o bairro um grande polo comercial e turístico, englobando na região três, dos quatro shoppings centers da Cidade. Também a Praça da Independência um marco político de grandes concentrações de protestos e reivindicações faz parte desse contexto, entre outros atrativos oferecidos.

Mas para ela nada disso importava, já que aos 52 anos de idade encontrava-se sozinha após a separação. O marido fora o grande amor de sua vida, e depois de 25 anos de casados, a comemoração das bodas de prata foi a papelada do divórcio apresentada 10 dias antes. Um homem sem tato algum, não acham? E quantas mulheres não passam por isso, Anna Francisca não foi a primeira e não será a última!

Mesmo o ex-marido deixando-a muito bem amparada economicamente, o vazio no peito e a solidão fizeram parte de sua vida por três anos, até descobrir que deveria seguir em frente, sem muita vontade, mas era o melhor a fazer.

Incentivada por amigas que buscavam preencher o tempo cursando uma graduação, Anna se matriculou no curso de Letras e logo se enturmou fazendo novas amizades.

Sentia-se feliz pela rotina de estudos, trabalhos e provas e o melhor de tudo é que ocupava a mente saudavelmente, sem os pensamentos amargurados de ter sido passada para trás por uma mulher mais jovem, aliás, essa tortura acomete muitas mulheres de meia-idade, cujos maridos trocam as esposas pela aventura da jovialidade, de sentir-se “o cara” com parceira bem mais nova; e Anna Francisca entrou nessas estatísticas.

E toda essa felicidade com a nova vida veio acompanhada de mais alegrias, já que o pensamento positivo só atrai coisas boas e a notícia do noivado de Sandrine a tornou ainda mais radiante!

A filha marcou a data em que apresentaria o namorado e na presença dos pais de ambos ele a pediria em casamento. E quem seria o misterioso homem que Sandrine jamais falou? Porque tanto mistério?

O encontro ocorreu na casa dos pais de Fred — não gostava que o chamassem de Frederico —, um apartamento luxuosíssimo e grande de uma rica família santista, mas Fred, 32, fazia questão de viver de seu sustento, o luxo e a glória não são para ele, bem diferente de seus pais que adoram mostrar os bens materiais, gente que não aprecia a cultura, já que a fortuna veio após o prêmio da loteria (únicos que conheci até hoje a lucrar com apostas) e boas aplicações.

Sandrine não se cabia de felicidade e já estava no apartamento a espera dos pais. Taylor chegou acompanhado da madrasta Mônica, que trajava vulgarmente um tubinho preto. A mãe, 5 minutos depois, esplendida em um macacão verde-escuro, de corte reto e bem costurado.

Fred preparava uns drinques na outra sala, ao ser apresentado à Anna Francisca o rapaz engoliu em seco e segurou o nervosismo ao ver a futura sogra!

— Ora essa se não é o professor de Literatura, mas que mundo pequeno esse! — exclama Anna Francisca, disfarçando a voz rouca de nervoso e segurando o copo com ambas as mãos para não deixar transparecer.

— Então vocês se conhecem? — questiona a filha, que ótimo!

— Há sim nos conhecemos, retruca Fred.

E o jovem de fato ministrava aulas na Universidade que Anna estudava, mas no segundo ano, e ela ainda cursava o primeiro ano. E esse encontro com o professor a fez esquecer da presença da esposa do ex-marido, a quem receava rever, pois o futuro marido da filha nada mais foi que uma aventura de uma noite. Com todo o falatório na sala, os pensamentos de Anna voltaram-se naquela noite especial, em que conheceu Fred...

...

Ela já estava colocando a camisola quando o telefone toca, do outro lado, uma amiga que fizera na Faculdade a convida para uma festa à fantasia alusiva ao Dia das Bruxas.

— Isso querida, será dia 31 de outubro, fui convidada e posso levar uma pessoa então pensei em você, que está solteira, o que você acha?

— Hum, sim, claro, nunca fui numa festa do tipo, mas tenho certeza que será uma boa experiência, diz Anna.

E a estudante de meia-idade que não aproveitou nada da vida nos tempos de matrimônio se arrumou com toques de *Mortícia Addams* e abafou no esplendor da maturidade. O salão repleto de personagens literários e cinematográficos misturava idades e fantasias e todos aproveitavam da melhor maneira.

Anna conheceu Fred na pista de dança, os dois trocaram olhares e depois o rapaz foi se chegando até que numa seleção de músicas românticas ele a tirou para dançar. Foram cinco melodias seguidas e os dois permaneceram abraçados aproveitando cada minuto. Ao primeiro beijo a atração foi tanta que saíram da festa para um lugar mais calmo: o apartamento do rapaz. Chegando ele ofereceu uma bebida e ela aceitou, colocou uma música e sentaram-se no sofá. Mal trocaram palavras, o desejo falou mais alto, os beijos e carícias recomeçaram. Fred se levantou e a pegou no colo, em seus braços fortes até o quarto, colocando Anna na cama e a despindo sem pressa. A intensidade dos atos e o frenesi da paixão duraram até o amanhecer.

...

— Mãe, mãe, chama Sandrine sacodindo o braço de Anna Francisca, que retomou sua presença à mesa com todos olhando para ela. Está se sentindo bem? Pergunta a filha.

— Sim, a sensação do momento me deu um pouco de tontura, mas estou bem, responde.

Fred disfarçava, mas não tirava os olhos da mãe de sua futura esposa. E foi um desastre o que mais veio noite a dentro, o pedido em casamento e a colocação do anel de noivado para ele, perdera o sentido, já que seu coração batia mais forte ao olhar para Anna, que estava desesperada por ter dormido com o futuro genro, mesmo sem ambos saberem.

Fred foi até a cozinha para pegar mais copos e Anna se ofereceu para ajudá-lo.

— O que vamos fazer? Precisamos contar para ela, diz Anna.

— A sua filha é a culpada disto tudo, diz Fred, se tivesse me apresentado logo no início quando percebemos que o namoro prosseguia, nada disso teria acontecido.

— Sim, sempre perguntei e ela disse que apresentaria no momento certo, nem ao menos falou seu nome ou profissão, nos deixando às cegas, retruca a mãe.

— E agora, como vamos falar de tudo o que aconteceu? Eu não queria magoá-la, mas a coragem me falta, diz ele. Vamos nos encontrar para bolarmos o que contar.

— Como assim? Devemos falar tudo o que houve, ressalta Anna. Ela tem que compreender que eu não tive culpa, mas você sim, o que estava fazendo naquela festa sem a minha filha?

— Ela não pôde ir, tinha duas provas importantes, por isso não a chamei. Eu já estava quase partindo quando te vi na pista de dança, tão bela naquele vestido reto, preto, seus cabelos ao vento caíam aos ombros, sua sensualidade me embriagou e fiquei louco de prazer.

— Você não está preparado para casar com a minha filha, não a ama.

— Não sei, estou confuso. Ela também é muito nova, uma moça sem experiência de vida, sem grandes paixões, não sei o que faço, acho que o pedido não veio em boa hora, responde o professor.

— Há vejo que vocês estão se dando bem, fico feliz, pois com genro e nora não deve existir desavenças, diz Sandrine, sem imaginar a conversa e a relação de ambos, as pessoas mais próximas dela.

E assim prosseguiu o jantar do noivado, Anna louca para ir embora, já que os pais dele conseguiam irritar com tanta futilidade e nos olhos de Fred ela via desespero.

Ao se despedirem, Taylor falou baixo ao ouvido de Anna que notara algo errado em toda aquela cena de noivado, certos olhares do noivo... Sem mencionar nada, Anna foi embora com a filha.

A insustentável situação não a deixava com a consciência em paz, para ela a verdade sempre, em qualquer situação era a melhor opção. O telefone toca, Fred marcara um encontro para que pudessem juntos explicar todo o mal entendido. Estava decidido esquecer o que houve e seguir com o noivado, mas aquela mulher mexia com seus mais íntimos sentimentos, com seus pensamentos mundanos e assim que se encontraram para conversar, ele a puxou em seus braços beijando-a loucamente, não conseguindo discutir sobre o assunto. Anna não relutou, pois assim como ele, também estava apaixonada.

E nas outras duas vezes em que se encontraram o debate aconteceu num motel.

Anna então marcou um jantar em sua casa e com Fred presente ficaria mais fácil os dois contarem e logo o noivado seria encerrado. O dia chegou. Depois de se alimentarem e boa bebida para descontraír, ambos anunciaram o motivo da reunião.

Aos gritos a moça esmurrou o namorado, batendo forte no peito dele, à mãe chamou de vadia (e outras palavras de baixo calão) e desesperadamente arrumou suas coisas, fez as malas e antes de deixar o apartamento jogou ao chão o anel e bateu a porta.

Anna Francisca e Fred nada puderam fazer. A filha foi ter com o pai, que apaziguou a situação enviando-a aos Estados Unidos para estudar, o que ele incentivou desde o início, antes dela fazer um reforço de aulas de Português para vestibular, ocasião em que conheceu Fred e se apaixonou, desistindo da proposta do pai na época, mas agora, a melhor opção.

Na terra do Tio Sam a jovem Sandrine se deu bem, com novos amigos, o curso que seguia e um estágio à vista, sem contar que se apaixonara por um rapaz de mesma idade e juntos planejavam desenvolver um projeto e algo mais.

Ana Francisca e Fred se casaram após dois anos de relacionamento. Enfrentaram o preconceito das famílias, de alguns amigos, mas tudo foi se amenizando antes do bebê nascer, um menino. O que ela sentia ser a menopausa chegando a pegou de surpresa: gravidez!

Perto de completar cinco anos Sandrine manda notícias dizendo vir conhecer o irmãozinho e apresentar o futuro marido. Ela não guardava mais o rancor de outrora; madura e realizada tornou-se uma pessoa melhor.

Ao noivo explicou que tanto o pai como a mãe casaram-se com pessoas mais jovens, não mencionando que Fred a deixou pela mãe.

— Sim meu amor, diz Sandrine, são controvérsias da meia-idade, um dia a nossa psicanálise explicará sobre a complexa mente humana, seus medos, síndromes e o desejo de nunca envelhecer!



Miriam Santiago: jornalista e formada em Letras. Publicou nos livros: “Livro Negro dos Vampiros”; “A Mulher Japonesa Imigrante”; “Histórias de uma Noite de Natal”; “No Mundo dos Cavaleiros e Dragões”; “Sobrenatural”; “Metamorfose II: Os Filhos de Licão”; “Momento do Autor VIII”, pela Prefeitura de Santos; “Nevermore – contos inspirados em Edgar Allan Poe”; “Mr. Hyde” e Contos de Terror, da Fábrica de E-books. Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>

Contato: miriansssantos@gmail.com

CONTO
POR MÓNICA PALACIOS



Gótica

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Cemitério parece ser o cenário ideal. Languida, sempre distante, olheiras profundas e um andar quase levitado. Circula entre os túmulos com sua tribo ou sozinha, parece que o objetivo é outro.

Acostuma ler cada lápide e sempre algo a surpreende, escreve e até registra na sua agenda de insólitos do cemitério. Observa com uma expressão de prazer os rostos chorosos de cada família, de amigos se despedindo de um amigo e curiosamente mais impávida quanto a morta parece ser, com uma mãe e uma fileira de filhos angustiados, inconformados.

Em época de quaresmeiras o lilás harmoniza a paisagem lúgubre com algo de luz mas, quando visita o cemitério em dias de chuva, poucas luzes e famílias encurvadas acompanhando o féretro... é uma imagem desgarradora. Bom, para nós porque ela se mostra familiarizada, tranquila e até serena.

Ontem, algo deixou ela até de joelhos, limpou a lápide mais de uma vez para não duvidar da mensagem:” *Um anjo que viaja*”. Foi surpreendida por quatro pessoas de certa idade, um casal inconformado e o carro com um féretro branco. Se afastou, o respeito nessas horas de dor é uma consequência mesmo no seu horizonte borrascoso.

Depositaram o caixão, se aproximou a mãe, abriu e mostro o caixão vazio.

De fato, seu anjo... já tinha partido.



Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: *Cartas de Manú* e *Aventuras de Filipo* (Livrus) e *Medos? Nunca Mais!*, pela Soul Editora.



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

SAO . ATENÇÃO . ATENÇÃO

Conhecendo os Deuses do Olimpo

ZEUS

Deus do Relâmpago

Zeus é o rei dos deuses na mitologia grega.

Ele é o deus do céu, relâmpago, trovão, lei, ordem e justiça. Ele é filho dos titãs Cronus e Rhea, e é casado com sua irmã Hera. Ele é o pai de muitos deuses e deusas, incluindo Atena, Apolo e Ártemis. Os símbolos associados a Zeus incluem o raio, a águia, o carvalho, o cetro, a égide, o touro e o trono.



Revista Conexão Literatura

Conhecendo os Deuses do Olimpo

POSEI DON

Deus do mar

Ele é o deus do mar e da água.

Poseidon é um dos 12 deuses olímpicos da mitologia grega. Ele é o deus do mar e da água, e muitas vezes é visto com um tridente na mão. Ele é filho de Cronus e Rhea, e irmão de Zeus e Hades.



Conhecendo os Deuses do Olimpo

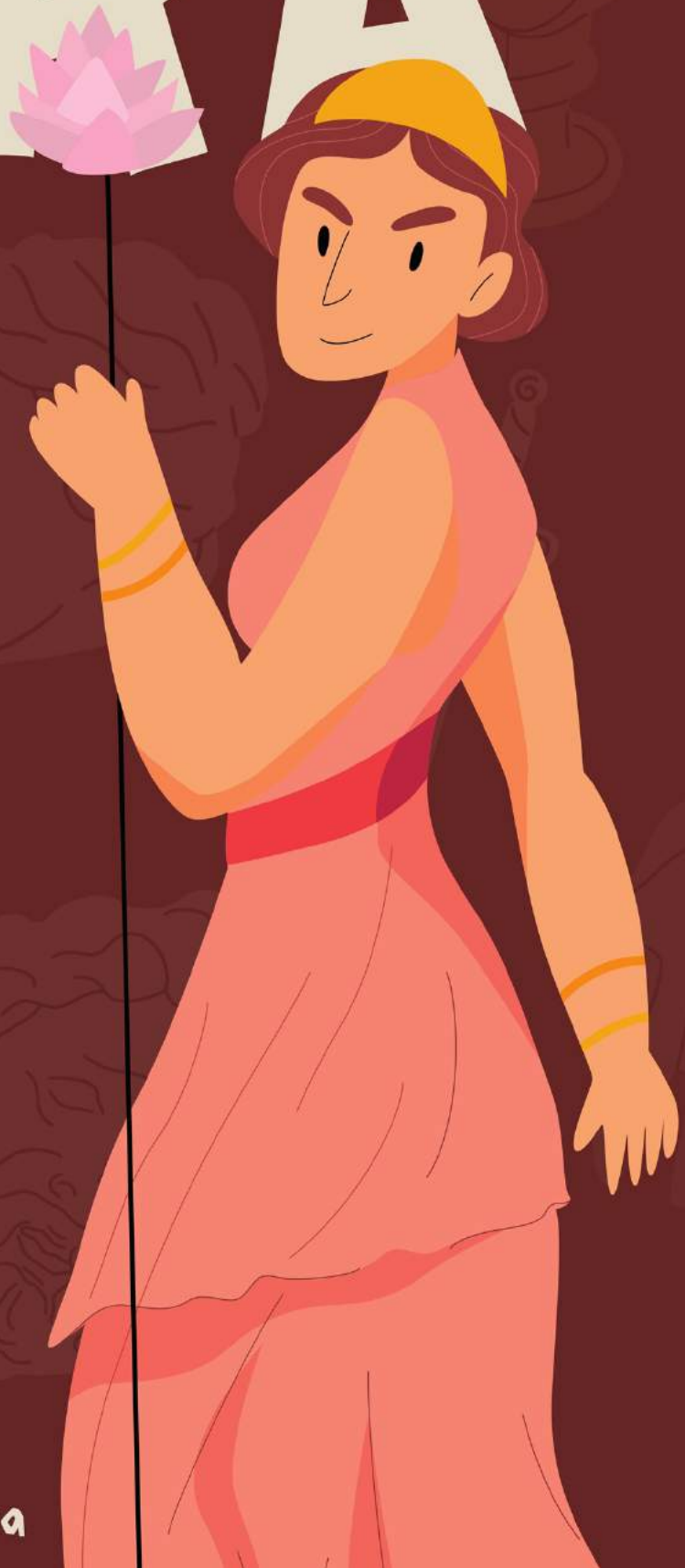
HERA

Deusa da família

Ela é muitas vezes referida como a Rainha do Céu.

Hera é a deusa grega das mulheres, do casamento, da família e do parto. Ela é a esposa e irmã de Zeus, o rei dos deuses, e era adorada como a deusa do casamento e da família.

Os símbolos de Hera são o pavão, a vaca, o cetro, a romã, o cuco, o leão e o diadema.



Conhecendo os Deuses do Olimpo

DEMETER

Deusa da colheita

Deméter é a deusa da colheita, grãos e fertilidade.

Na mitologia grega, ela é filha de Cronus e Rhea, e irmã de Zeus, Poseidon, Hades, Hera e Hestia. Ela está associada ao cultivo da Terra e ao ciclo de vida e morte.

Revista Conexão Literatura



Conhecendo os Deuses do Olimpo

ARES

Deus da guerra

Ele é muitas vezes referido como o deus do combate.

Ares é o deus grego da guerra. Ele geralmente é representado como um jovem vestindo uma armadura e carregando uma lança e um escudo. Ele é filho de Zeus e Hera, e irmão de Atena, a deusa da sabedoria e da guerra.

Os símbolos de Ares incluem uma lança, capacete, carruagem, escudo, abutre, cachorro, javali e tocha flamejante.



Conhecendo os Deuses do Olimpo

APOLO

Deus da música

Ele é frequentemente referido como o deus da profecia.

Na mitologia grega, Apolo é o deus do sol, da música, da profecia, da cura e do conhecimento. Ele é frequentemente descrito como um jovem bonito e imberbe, com cabelos longos e uma lira. Ele está associado ao oráculo de Delfos e é um deus importante no panteão grego.



Já são mais de
421 mil seguidores
Facebook + Instagram + Youtube



Acesse o QR Code e
conheça o nosso Mídia Kit

Site: + de
3,6 milhões de acessos
www.revistaconexaoliteratura.com.br



PATROCINE A

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015
94 edições
disponíveis

entre em contato:
ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale


MÍDIA KIT

Opções para divulgação



Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

 e-mail: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 200 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 150,00 - Portugal= € 35

✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4. em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral de todas as páginas do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Banner clicável no topo (ótima visualização) em todas as páginas do site. Formato (dimensões): 468 x 90, em jpg ou png.

- Duração: 01 mês

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 200

✓ OPÇÃO 6

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 7

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais Facebook e Instagram. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral de todas as páginas do nosso site. CUSTO: Brasil= R\$ 2.500,00 (cedemos desc. para pag. à vista) - Portugal= € 500



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE
AMAMOS
LIVROS

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.05.2023

PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd